

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

OTÁVIO TEMÓTEO DE OLIVEIRA NETO

**ENTRE O IDÍLIO DE OUTRORA E O ACENO AO FUTURO:** A história do fim  
do jornal impresso O Estado do Maranhão

IMPERATRIZ  
2024

OTÁVIO TEMÓTEO DE OLIVEIRA NETO

**ENTRE O IDÍLIO DE OUTRORA E O ACENO AO FUTURO:** A história do fim  
do jornal impresso O Estado do Maranhão

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação da Universidade  
Federal do Maranhão como requisito  
para obtenção do título de Mestre em  
Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Camilla Quesada Tavares

IMPERATRIZ  
2024

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Universidade Federal do Maranhão, a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa durante este período de trabalho e a Dra. Camilla Tavares pela tranquila orientação da dissertação.

## RESUMO

A partir do final do século XX e início do século XXI, a internet possibilitou um novo modelo de integração entre os periódicos impressos e os jornais digitais, que gerou inúmeras discussões sobre as implicações do fim do impresso e o advento dos jornais digitais. É neste quadro de transições que apresentamos o nosso objeto: o fim do jornal O Estado do Maranhão. A partir disso, surge nossa questão fundamental: como o jornal O Estado do Maranhão narrou aos leitores o fim da sua versão impressa, naquilo que chamamos de projeto dramático de O Estado do Maranhão? Dentre os objetivos específicos, verificamos: a) como o jornal construiu uma identidade sobre si mesmo para narrar o seu fim; e b) qual o projeto narrativo/dramático utilizado pelo jornal enquanto enunciador institucional interessado no convencimento do público e dos leitores. Propomos neste trabalho estudar a narrativa sobre o fim do jornal O Estado do Maranhão a partir do próprio material narrado na última edição impressa do periódico. A situação de comunicação *in presentia* deixa evidente que partimos do modo de narrar do próprio jornal, dos seus atos de fala e discurso de seu posicionamento oficial. Consideramos o *corpus* para subsidiar esta pesquisa, todas as editorias e matérias da última versão impressa que circulou no dia 23/10/2021. A metodologia escolhida para o trabalho é a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística concebida por Luiz Gonzaga Motta (2013) em consonância com os estudos de narrativa desenvolvidos por Ricoeur (2010). Tal perspectiva interpretativa da narrativa vai de encontro aos fundamentos teóricos mobilizados neste trabalho em que pesa a função operacional, hermenêutica e interpretativa sobre o jornal O Estado do Maranhão. A metodologia funciona como ferramenta interpretativa de um processo concreto, historicamente situado e que implica em revelar processos exteriores ao discurso em si, ancorados na interpretação da narrativa do mundo fático a partir do fim do impresso estudado. Como principais resultados da pesquisa podemos destacar que o jornal O Estado do Maranhão omitiu do público e dos leitores o motivo do fim do impresso, construiu uma identidade ao longo da última edição de modo a reforçar o papel da tecnologia do passado ao futuro do periódico, a construção da identidade na última edição obedeceu a foco narrativo do que o jornal tinha interesse em registrar apenas pontos positivos como marca histórica do jornal, e por último, o ponto de vista dominante do discurso e do plano da estória da última edição é o ponto de vista institucional por meio de um frame narrativo ou projeto dramático que visou intuir os leitores e o público que o principal responsável pelo fim do impresso foi o advento da tecnologia.

**Palavras-chaves:** Jornal Impresso; História; O Estado do Maranhão; Narrativa.

## ABSTRACT

From the end of the 20th century and the beginning of the 21st century, the internet enabled a new model of integration between printed periodicals and digital newspapers, which generated numerous discussions about the implications of the end of print and the advent of digital newspapers. It is within this framework of transitions that we present our objective: the end of the newspaper O Estado do Maranhão. From this, our fundamental question arises: how did the newspaper O Estado do Maranhão tell readers the end of its printed version, in what we call the dramatic project of O Estado do Maranhão? Among the specific objectives, we verified: a) how the newspaper built an identity about itself to narrate its ending; and b) what narrative/dramatic project is used by the newspaper as an institutional enunciator interested in convincing the public and readers. In this work, we propose to study the narrative about the end of the newspaper O Estado do Maranhão based on the material narrated in the last printed edition of the periodical. The situation of communication in presentia makes it clear that we start from the newspaper's own way of narrating, its speech acts and its official positioning. We considered the corpus to support this research, all editorials and articles from the last printed version that circulated on 10/23/2021. The methodology chosen for the work is the Pragmatic Analysis of Journalistic Narrative designed by Luiz Gonzaga Motta (2013) in line with the narrative studies developed by Ricoeur (2010). This interpretative perspective of the narrative is in line with the theoretical foundations mobilized in this work, which weighs on the operational, hermeneutic and interpretative function of the newspaper O Estado do Maranhão. The methodology works as an interpretative tool for a concrete, historically situated process that involves revealing processes outside the discourse itself, anchored in the interpretation of the narrative of the factual world from the end of the printed matter studied. As the main results of the research, we can highlight that the newspaper O Estado do Maranhão omitted from the public and readers the reason for the end of print, built an identity throughout the last edition in order to reinforce the role of technology from the past to the future of the periodical, the construction of identity in the last edition followed the narrative focus of what the newspaper was interested in recording only positive points as a historical mark of the newspaper, and finally, the dominant point of view of the discourse and story plan of the last edition is the point from an institutional point of view through a narrative frame or dramatic project that aimed to intuit readers and the public that the main responsible for the end of print was the advent of technology.

**Keywords:** Newspaper; History; The State of Maranhão; Narrative.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa da edição do dia 31 de janeiro de 1969	16
Figura 2: Comunicado oficial para imprensa do dia 07/10/2021	21
Figura 3: José Sarney na última edição impressa	34
Figura 4: Editorial de 1973: "Um Jornal, Uma Universidade"	41
Figura 5: Especial de O Estado "50 anos do Governo Sarney	42
Figura 6: 39 anos de O Estado "reformulado"	45
Figura 7: 54 anos de O Estado: A notícia e redação enfatizadas	46

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Jornalistas e personalidades literárias	50
<b>Quadro 2:</b> Políticos	52
<b>Quadro 3 :</b> Matérias da última edição e jornalistas	55
<b>Quadro 4:</b> Quadro Analítico Geral	90

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	9
2 O JORNAL ESTADO DO MARANHÃO: RELAÇÕES, PODER, POLÍTICA E MÍDIA NO MARANHÃO .....	13
2.1 DE O JORNAL ESTADO DO MARANHÃO AO IMIRANTE: DO IMPRESSO PARA O DIGITAL.....	18
2.2 OS PROCESSOS DE MODERNIZAÇÃO DO JORNALISMO NO BRASIL E O JORNAL O ESTADO DO MARANHÃO NA CONTRAMÃO DAS REFORMAS .....	23
3 TEMPO E NARRATIVA: HISTORICIZANDO O ESTADO DO MARANHÃO. 28	
3.1 O JORNAL ESTADO DO MARANHÃO: HISTORICIZANDO A NARRATIVA DO PERIÓDICO AO LONGO DO TEMPO.....	37
4 RASTROS DE UM JORNAL DE OUTRORA OU PISTAS PARA O PORVIR 54	
4.1 RASTROS DO JORNAL O ESTADO DO MARANHÃO NO MUNDO POLÍTICO.....	59
4.2 RASTROS DO JORNAL O ESTADO DO MARANHÃO ENTRE JORNALISTAS E LITERATOS.....	70
4.3 ENTRE JORNALISTAS E POLÍTICOS: O JORNAL IMPRESSO ACABOU! .....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	93
REFERÊNCIAS.....	96
ANEXOS .....	101

## 1 INTRODUÇÃO

É no contexto das mudanças sociais, culturais, históricas e tecnológicas que ocorrem os adventos e os finais de grandes empreendimentos, queira-se ou não. Neste sentido, da ascensão a queda do telégrafo como principal meio de comunicação do início do século XVIII até o surgimento do *Napster* e o fim da era dos álbuns físicos, muita coisa pode ser explicada a partir destes imbricamentos e mais ainda, a partir de como foram narrados estes acontecimentos.

A cada fim de um empreendimento comunicacional de sucesso, um projeto dramático é elaborado, muitas vezes não apenas para responder sobre o passado e o presente, mas para localizar o porvir, seja a partir de um discurso de autolegitimação, seja por meio da genealogia das representações e realizações destes empreendimentos, ou até por justificativas no horizonte de perspectivas futuras.

Embora temporalmente e geograficamente nosso objeto esteja localizado no Maranhão, a gradativa transição dos modelos impressos para o digital e o fim dos grandes periódicos podem ser observados em todo o país, além disso, a construção da notícia em tempo real, a mobilidade das plataformas e a reconfiguração midiática a partir dos novos imbricamentos tecnológicos têm levantado suspeitas sobre quanto tempo mais os jornais impressos vão sobreviver a esta nova lógica de leitura, consumo, e por quê não, de cultura?

Apesar da aparente naturalização do fato é preciso atentarmos que estes empreendimentos já passaram por crises diversas ao longo da História, mais recentemente o processo de instalação do que chamamos de crise da Modernidade também os colocou em uma posição incômoda e dicotomizada entre passado, futuro e presente. Ainda que os críticos tenham desenvolvido repertório limitado para falar do nosso mundo, distinguindo-se uma tripartição entre a naturalização da crise, a socialização ou a desconstrução (LATOURE, 2019) a ideia da crise ainda não está superada, até mesmo na Comunicação.

Ainda que o debate não esteja estanque é interessante apontar que algumas opiniões notórias divergem da máxima popular que prega o fim dos jornais impressos, dentre elas, destacamos nesta introdução a problematização feita pela pesquisadora Marialva Barbosa, no prefácio do livro “Jornais

Centenários do Brasil”, de autoria de Herica Lene; Marialva discorda frontalmente de uma pergunta feita e respondida por Lene, que ao se debruçar sobre os jornais centenários vaticina que os periódicos impressos vão acabar no Brasil.

Marialva afirma que o impresso passará a ter outra dimensão, mas sua materialidade continuará a nos envolver, seja por uma operação discursiva ou editorial. Ela enfatiza também a importância simbólica de se ter jornais impressos em um país que demorou a ter imprensa e que é conduzido por uma oralidade de excelência desde a nossa formação enquanto Nação (LENE, 2019).

É neste momento que aproveitamos para destacar que não é possível naturalizar o discurso do jornal O Estado do Maranhão e que não é possível também naturalizar o fim dos jornais impressos no Brasil como fruto apenas de mudanças tecnológicas ou de redução de gastos; nesta perspectiva é necessário recorrer a valores exteriores tais como: política, economia, mudanças no mercado de trabalho e na publicidade dos periódicos e até mudanças culturais dos leitores, para a partir destes imbricamentos entendermos como se dá o fim de um jornal impresso.

Dentre os jornais que passaram por mudanças recentes, alguns exemplos merecem destaque: O Diário do Nordeste<sup>1</sup>, do grupo Edson Queiroz, finalizou sua edição impressa em 2021 e seguiu com as atividades apenas online. Na última década soma-se na região Nordeste, o fim do Diário de Natal<sup>2</sup>, o jornal mais antigo em circulação na capital potiguar e a Gazeta de Alagoas<sup>3</sup>, pertencente ao ex-senador Fernando Collor e que originalmente circulava há 84 anos. Outras regiões do país também experimentaram o fenômeno. No Rio de Janeiro, o tradicionalíssimo Jornal do Commercio<sup>4</sup> circulava em terras fluminenses desde 1827, e fechou as portas depois de 189 anos de atividade, em 29 de abril de 2016.

---

<sup>1</sup>[https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/84245/fim+da+edicao+impressa+do+dia+rio+do+nordeste+amplia+deserto+de+noticias+na+regiao](https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/84245/fim+da+edicao+impressa+do+dia+rio+do+nordeste+amplia+deserto+de+noticias+na+regiao) Acesso em 12/03/2023

<sup>2</sup> <http://www.abi.org.br/diario-de-natal-fim-da-versao-impressa/> Acesso em 14/03/2023

<sup>3</sup> <http://www.abi.org.br/gazeta-de-alagoas-encerra-versao-impressa>. Acesso em 14/03/2023

<sup>4</sup>[https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/2016/04/economia/496242-apos-189-anos-jornal-do-comercio-do-rio-de-janeiro-deixa-de-circular.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2016/04/economia/496242-apos-189-anos-jornal-do-comercio-do-rio-de-janeiro-deixa-de-circular.html). Acesso em 13/08/2023

Outro exemplo é o Jornal do Brasil<sup>5</sup>, periódico também centenário que deixou a versão impressa em 31 de agosto de 2010 e passou para o digital. Anos depois, em 2018<sup>6</sup> voltou a circular na plataforma impressa por um breve período e em 2019 voltou a ser apenas online<sup>7</sup>.

É neste quadro de transições que apresentamos o nosso objeto: o fim do jornal O Estado do Maranhão. Dado o contexto e a problematização apresentada, nossa questão fundamental direciona-se a entender como o Estado do Maranhão narrou aos leitores o fim da sua versão impressa.

Dentre os objetivos específicos, tem-se a) verificar como o jornal construiu uma identidade sobre si mesmo para narrar o seu final; e b) compreender qual o frame narrativo utilizado pelo jornal enquanto enunciador institucional interessado no convencimento do público e dos leitores.

Neste trabalho, a proposta de investigar como o Estado do Maranhão empreendeu uma narrativa para informar ao público sobre o fim de sua versão impressa se dá exclusivamente por meio dos textos do próprio jornal em sua última edição do dia 23/10/2021, intitulado na capa por “PAPEL CUMPRIDO...E SEGUE ADIANTE.”.

Optamos pela perspectiva final do jornal impresso mais tradicional do estado do Maranhão, sem desconsiderarmos que este viés permite uma alçada apenas sobre como a última edição registrou o acontecimento. A metodologia escolhida para o trabalho é a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística concebida por Luiz Gonzaga Motta (2013).

Nesta proposta, empreendemos sobre a tessitura das matérias publicadas na última edição de O Estado a estabilização de uma narrativa sobre o seu próprio fim e a narração de uma identidade construída ao longo de 62 anos de existência condensados na última edição.

A metodologia advoga que as narrativas ora analisadas são dispositivos de enunciação que visam estabelecer com os leitores uma relação de organização, criação, sedução, cooperação, intencionalidade que são implícitas

---

<sup>5</sup> <https://oglobo.globo.com/economia/jornal-do-brasil-encerra-sua-versao-impressa-23520912>. Acesso em: 13/08/2023

<sup>6</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/02/apos-8-anos-jornal-do-brasil-reestreeia-versao-impressa.shtml>. Acesso em: 13/08/2023

<sup>7</sup> <https://coletiva.net/noticias/apos-voltar-as-bancas-jornal-do-brasil-encerra-edicao-impressa-mais-uma-vez,295271.jhtml>. Acesso em: 14/08/2023

à narrativa, mas que revelam uma configuração de poder e disputa de interpretação dos fatos no jogo público. Tal perspectiva interpretativa da narrativa vai de encontro aos fundamentos teóricos mobilizados neste trabalho em que pesa a função operacional, hermenêutica e interpretativa sobre o jornal O Estado do Maranhão.

A análise pragmática da narrativa jornalística funciona como ferramenta interpretativa de um processo concreto, historicamente situado e que implica em revelar processos exteriores ao discurso em si, ancorados na interpretação da narrativa do mundo fático.

Este trabalho tem o desejo de aplainar as condições narrativas que estiveram presentes no mais recente processo de transição de um grande jornal no Brasil a fim de entendermos o que o próprio jornal diz sobre o processo.

A dissertação está dividida em 4 capítulos. O primeiro, intitulado "O Jornal O Estado do Maranhão: Relações, Poder, Política e Mídia no Maranhão" aborda a história do jornal, a relação política com os clãs e oligarquias regionais, a estreita relação midiática entre políticos e sócios da empresa bem como o processo de migração do impresso para o digital a partir da plataformização das notícias do impresso para o site Imirante.

No segundo capítulo, "Tempo e Narrativa: Historicizando o Estado do Maranhão", focamos na discussão acerca das questões de narratividade presentes na construção da inteligibilidade dos discursos da última edição. A partir de Ricoeur (2010) e de Gonzaga Motta (2013), analisamos algumas datas comemorativas do jornal O Estado do Maranhão a fim de compreendermos como o jornal construiu e narrou o seu posicionamento biográfico em outros momentos antes do encerramento. O terceiro capítulo apresenta a metodologia e a análise do *corpus*. Por fim, apresentam-se as considerações finais da pesquisa.

## **2 O JORNAL ESTADO DO MARANHÃO: RELAÇÕES, PODER, POLÍTICA E MÍDIA NO MARANHÃO**

Neste capítulo abordamos a contextualização regional da relação entre políticos e o jornal desde o seu surgimento, passando pela ditadura civil-militar até a eleição direta de José Sarney para presidência da República (1985–1990).

O subtópico seguinte intitulado “De o Jornal Estado do Maranhão ao Imirante: Do impresso para o Digital” aborda de forma teórica e crítica as transformações recentes do periódico que compreendem os anos de 2010 a 2021.

Para finalizar o capítulo, abordamos os processos de modernização do jornalismo no Brasil e o Jornal O Estado do Maranhão na contramão das reformas modernizantes.

É naturalizado que a mídia brasileira é controlada por uma pequena parcela da elite do país. Mais do que isso, é historicamente conhecida a relação entre empresas de mídia e políticos, a exemplo destas empresas, podemos citar o nome do jornalista e empresário Assis Chateaubriand, conhecido por suas relações com políticos e por ter formado o primeiro conglomerado comunicacional do Brasil. O Diários Associados chegou a ser a maior rede de mídia da América Latina, a empresa reuniu jornais impressos, emissoras de radiodifusão em todas as regiões do território brasileiro (PINTO,2015).

Sodré (2011) chama atenção para o fato, o autor afirma que as relações não podem ser pensadas fora das questões de classe e ideologia, pois os meios de comunicação, em prática, refletem um aparelho que ideologicamente pode servir ao Estado. A partir daí depreende-se que as relações entre meios de comunicação e políticos oferecem potencial danoso à sociedade. O jornal O Estado do Maranhão foi o primeiro meio de comunicação do grupo conhecido atualmente como conglomerado Mirante.

No site Imirante<sup>8</sup>, antigo domínio usado pelo Estado do Maranhão na internet, o periódico é referenciado com sua origem em 01 de maio de 1959. O

---

<sup>8</sup> <https://imirante.com/oestadoma>. Acesso em: 21/03/2023

caso apresentado refere-se ao lançamento da edição comemorativa do jornal após a mudança de título e sócios.

Anteriormente, o Jornal do Dia, como era chamado o Estado do Maranhão, circulou pela primeira vez em 1953, seu cerne já era político, nessa época, Arimathéa Athayde era o diretor e Renato Carvalho, o gerente comercial. A dupla tinha laços com políticos locais. Neste ínterim, Renato Carvalho assume a direção, e o deputado Raimundo Emerson Bacelar, diretor da Rádio Timbira, adquire o jornal.

Em 1959, o jornal do Dia é vendido a Alberto Abould, que é considerado um dos fundadores do jornal o Estado do Maranhão, um ano depois, em 1960, o jornal efetiva-se como um projeto criado e comandado apenas por políticos, em 1973, o político José Sarney assume o controle total da empresa (COSTA, 2008)

O estado do Maranhão destaca-se no cenário em que laços políticos e empreendimentos midiáticos tem ganhado significativa importância no entendimento sobre a construção de grandes conglomerados de mídia no Brasil ;José Sarney, dono do jornal O Estado do Maranhão foi um dos principais responsáveis pela aquisição, distribuição e concentração de empresas de comunicação nas mãos de políticos, não só no Maranhão, mas em todo o país, sua atuação teve ênfase quando assumiu a presidência da república e hoje a família Sarney é proprietária do maior sistema de mídias do Maranhão e da região Nordeste, a família é acionista de rádios, tvs e jornais (DÓRIA, 2011 ; MATOS, 2010) .

Silva (2019) aponta que a influência de Sarney se tornou consolidada regionalmente com apoio ao golpe militar em 1964, após isso, o político governou o estado do Maranhão entre os anos de 1966 até 1970, logo depois assumiu uma vaga no Senado Federal de 1971 até 1985. E finalmente, tornou-se presidente da república de 1985 até 1990.

Couto (2007) reflete que a oligarquia Sarney fortaleceu o sistema de mídia maranhense, que inclui o jornal O Estado do Maranhão, o site Imirante e a TV Mirante, afiliada da TV Globo no Estado; para o autor, mesmo após o fim dos mandatos pelo Maranhão como representante do Governo e do Senado, José Sarney, manteve influência e participação nos governos seguintes e nas estruturas de comunicação pública e privadas do Estado.

Entre a participação no quadro societário do jornal do Dia e a criação de O Estado do Maranhão, Sarney foi conduzido ao governo estadual por parte de um movimento chamado Oposições Coligadas, com o golpe militar de 1964, Sarney como figura centrista não sofre perseguição e alia-se ao movimento, de acordo com Costa (1997), este processo foi fundamental para consolidação também de um império midiático, o autor pontua a critério de exemplo como se dava o material jornalístico do período, ele destaca uma matéria de 1969, nela o periódico traz uma edição em comemoração aos “feitos” do governo Sarney, “quase todas as páginas do jornal foram dedicadas a fazer propaganda do governador, podendo ser comparado às atuais assessorias”.

O pesquisador pontua que as matérias ocupavam páginas inteiras e com mensagens de empresas que tinham trabalhado ou se beneficiado da administração pública.

Figura 1 Capa da edição do dia 31 de janeiro de 1969.



Fonte: SECMA (2007)<sup>9</sup>

Em 1973, O Jornal do Dia passa oficialmente a ser representado por Sarney, que anteriormente já participava do quadro societário do periódico, com sua ascensão a acionista majoritário, o jornal passa a chamar-se O Estado do Maranhão.

Ao falar do Estado do Maranhão a partir da década de 70, é preciso pontuar algumas notas importantes sobre sua história recente. De acordo com Almeida (2011), o periódico maranhense foi o único do estado em capilaridade, com circulação nas cidades mais populosas do Maranhão. O jornal concentrou também o maior número em equipe de jornalistas e editorias. A autora pontua que de todos os jornais com circulação diária em São Luís, o jornal O Estado do Maranhão, apresentou ao longo de sua existência mais de 60 % de penetração entre os leitores com nível superior completo.

Ainda para Almeida (2011) a modernização do periódico é fato inconteste em relação a outros jornais impressos da região, a trajetória de modernização

---

<sup>9</sup> SECMA. Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821- 2007. -- São Luís: edições SECMA, 2007

vem do advento da telefoto, policromia, telex nas redações e o uso precursor de cor em todo o Norte e Nordeste.

Em relação ao uso de cor, a autora compreende que a mudança foi primordial para a rápida comercialização do periódico na capital e no interior. Antes, apenas restrita à capa dominical, em 1990, o colorido disseminou-se por todas as páginas e não ficou mais restrito apenas ao domingo, sendo publicadas edições coloridas todos os dias da semana.

Dentre as mudanças nas últimas décadas destacam-se: em 2007, o jornal O Estado do Maranhão otimiza a impressão de suas páginas com uma pré-impressão através da aquisição de um CTP (*Comput To plate*, ou Computador para chapa) nesta mudança as chapas matizes da produção do periódico passam a ser geradas diretamente nos arquivos digitais, sem fotolitos ou intermediários, em 2009 as mudanças são estruturais no parque gráfico da empresa na capital do Maranhão com o aumento de um espaço de 219 metros quadrados para 354 metros quadrados.

Em 2015, o site do Estado do Maranhão entrou no ar, o endereço virtual do jornal permaneceu ativo até o ano de 2021, hoje o domínio está integrado ao blog Imirante. Em 2016, o Estado do Maranhão lançou a superdição de final de semana com o objetivo de integração multimídia entre o site de O Estado, o jornal impresso e o conjunto de blogs que estavam na alçada do Imirante.com. O jornal noticia que foi a primeira empresa de jornais do estado do Maranhão a ter uma integração multimídia entre seus produtos. Em 2017 o site do jornal O Estado do Maranhão ganhou um novo layout (OESTADODOMARANHÃO, 2021).

O Jornal impresso O Estado do Maranhão possuiu ao longo do seu último ano de existência os seguintes cadernos e editorias, sendo a maioria deles, mantidas desde o final da década de 1970: Perfil do leitor, Cidade, Alternativo, E+, O, Mundo, O País, Política, Polícia, Economia, Portos, Vida, Geral, PH, em cena, Revista da TV, DOM, Classificação, Na Mira e Terceiro Setor, e ainda contou com a histórica coluna dominical de José Sarney, fundador de O Estado.

No dia 23/10/2021, o jornal O Estado do Maranhão encerrou sua edição impressa:

Após 62 anos, O Estado encerra suas atividades no formato impresso, consagrado como o principal periódico do Maranhão. Nesta última edição, histórias deste matutino na visão de quem, de alguma forma, em algum tempo, relaciona-se intensamente com ele. Fecha-se um ciclo, abrem-se, todavia, novas possibilidades de bem informar. Com

seu conteúdo jornalístico agora incorporado ao Imirante.com, e assim como as grandes histórias, o Estado vira mais uma página (OESTADO, 2021, p.2).

O *lead* inferior do jornal impresso, mais uma vez recorre a figura de José Sarney em uma última crônica chamada “O Tempo e O Vento”, alusão ao romance histórico de Érico Veríssimo, mas como personagens na versão de Sarney: o jornal e as mudanças tecnológicas. Ele completa a matéria com uma explicação sobre o processo que levou ao fim do jornal:

Fizemos um jornal moderno, colorido, com um texto cuidado e dinâmico. Assumimos a liderança da imprensa no Maranhão até hoje, sendo uma tribuna dos problemas do Estado e um seminário permanente do debate de ideias. Por aqui passaram grandes nomes da literatura do Maranhão. O jornal foi dirigido por nomes importantes. Para dividir as minhas lágrimas, quero resumir todos no de Tribuzi, que na eternidade chora conosco neste momento em que deixamos a edição impressa para ficar somente na digital. Seguimos a tendência mundial, forçados pela era do virtual, pela transferência da publicidade para a internet — e, é preciso reconhecer, dos leitores. Não encontramos vacina para nos salvar. Foi a tecnologia que criou o jornal, desde seus primeiros ensaios no século XVI ao vigor político do XVII, até ser motor das revoluções industriais e políticas dos séculos seguintes e tornar-se o Quarto Poder (OESTADO,2021, p.5).

Com mais de 50 anos de tradição, o periódico encerrou a produção diária e impressa, passou ao universo digital, sem ao menos levar o título que carregou nestas últimas décadas, a produção do impresso foi alocada ao site Imirante.com e a marca O Estado do Maranhão ficou apenas no acervo online do antigo domínio do site do jornal na internet.

## *2.1 DE O JORNAL ESTADO DO MARANHÃO AO IMIRANTE: DO IMPRESSO PARA O DIGITAL*

O impresso vem sendo investigado sucessivamente por acadêmicos, jornalistas e especialistas que apontam para o fim do papel enquanto suporte midiático, fala-se também que a mudança do impresso para o digital é apenas reflexo da perda de centralidade da mídia jornalística baseada numa tradição impressa (FRANCISCATO; SOUZA, 2020)

Dentre tantos diagnósticos é preciso ressaltar dois movimentos básicos: a) o primeiro diz respeito aos efeitos simbólicos e identitários; se tomarmos como exemplo o Estado do Maranhão tinha uma tradição de mais de 50 anos neste suporte, o efeito simbólico e identitário da perda de suporte por leitores do impresso é de difícil mensuração, mas não significa que não ocorra; b) o segundo

movimento deste processo é o fenômeno de migração para plataformas online e digitais e o encerramento das versões impressas dos jornais que têm se tornado cada vez mais comum, marca da progressão deste processo em várias partes do mundo.

Além disso, é preciso destacar que as mudanças não são apenas sociais ou tecnológicas, há também uma crise econômica acentuada pela queda de assinaturas, retração das vendas dos periódicos, altos custos de gráfica, edição e impressão que coexistem concomitantemente com os custos de manutenção das equipes e funcionários dos jornais.

Se o fenômeno da migração parece inevitável, o da retração de vendas dos jornais impressos por ora parece incontornável, a exemplo deste processo, entre os anos de 2013 a 2017, há redução de exemplares impressos no Brasil caiu de oito milhões para cinco milhões, de acordo com a Associação Nacional de Jornais (A INDÚSTRIA, 2017)

Neste cenário, embora pareça recente a transição do modelo impresso para o digital, alguns periódicos já vêm passando por esta mudança há pelo menos uma década.

Destacamos o Jornal do Brasil, periódico que foi do impresso ao digital, de acordo com Fernandes (2012), em 2011, o JB anunciou sua transição total para a plataforma online, a mudança fez o site da empresa aumentar as visualizações, mas não foi convertido em novas assinaturas online.

Em relação ao Estado do Maranhão é curioso apontar que a transição para o digital é narrada pelo próprio jornal como fruto do advento das tecnologias, sem realçar nem a crise financeira e nem a crise do jornalismo das últimas décadas, porém, ao se referir aos processos de modernização da imprensa no Maranhão, o concorrente direto de O Estado, o periódico O Imparcial foi o primeiro jornal maranhense a migrar para o digital.

De acordo com Almeida (2011), em 2001, O Imparcial foi o primeiro do estado a inserir o conteúdo diário do jornal impresso na internet, apenas sete anos depois o portal do jornal O Imparcial entraria no ar, o que aconteceu de 2001 a 2007 foi apenas a transferência do conteúdo impresso para internet, sem migração de equipe ou utilização de novos materiais na internet. Em 2010, uma reforma gráfica e editorial equiparou os dois produtos na formatação e conteúdo para versão impressa e versão digital.

No Nordeste, outros estados viveram ou vivem o mesmo momento de transição do impresso para o digital, podemos citar a Gazeta de Alagoas<sup>10</sup>, o jornal foi fundado em 1931; em seu último editorial <sup>11</sup>O jornal exalta a transição como um passo de modernidade no formato jornalístico, o material explica que a Gazeta de Alagoas foi um dos primeiros jornais a ter um site no Brasil e que a transição é motivo de orgulho, pelo novo momento que o jornal passa.

Em Fortaleza, Ceará, o jornal O Diário do Nordeste passou pela mesma mudança estrutural em 2021, 39 anos após sua criação. É interessante apontar que o periódico em seu último editorial reporta a mudança sofrida do impresso para o digital, não apenas como fruto das mudanças tecnológicas e da modernização, mas para O Diário do Nordeste<sup>12</sup>, a mudança é fruto do comportamento dos leitores e assinantes e o jornal apenas se adapta à nova fase para acompanhar este público.

O Jornal o Estado do Maranhão é um caso particular no universo das transições do digital para o impresso, em seu modelo de transição a marca do jornal não foi mantida e o portal Imirante assume a difusão de notícias que antes era do jornal impresso apenas como um abrigo do acervo do antigo jornal.

O portal Imirante, do Grupo Mirante, proprietário do jornal O Estado do Maranhão, não tem em sua principal página nenhuma referência ao antigo jornal impresso, apesar dos textos finais de O Estado elencarem a transição do jornal para o site do Imirante.

Para ilustrar a ambiguidade presente na “transição” do jornal O Estado do Maranhão, reproduzimos aqui o comunicado oficial enviado à imprensa, no comunicado o grupo informa que o jornal impresso O Estado do Maranhão será integrado ao portal de notícias Imirante:

Figura 2 Comunicado oficial para imprensa do dia 07/10/2021.

---

<sup>10</sup> <http://www.abi.org.br/gazeta-de-alagoas-encerra-versao-impressa/>. Acesso em: 24/05/2023

<sup>11</sup> <https://d.gazetadealagoas.com.br/caderno-b/210881/evoluindo-a-informacao>. Acesso em: 24/05/2023

<sup>12</sup> <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/diario-do-nordeste-amplia-portfolio-e-digitaliza-todos-os-produtos-1.3048857>. Acesso em: 24/05/2023

Fonte: Poder360

O espaço ocupado pelo Jornal O Estado do Maranhão no site Imirante é apenas destacado como um acervo do antigo jornal, espaço incomum para chamar a mudança de transição para o digital, já que as características assumidas pela redação, diretores e donos do jornal estão mais firmadas no contexto de fim da versão impressa e não de uma mudança ou integração para o portal Imirante.

Franciscato (2010) estabelece alguns critérios para entender o processo de transição do impresso para o digital. Para o autor, três cenários distintos podem ser aplicados nos processos de transição, o primeiro cenário diz respeito ao modelo de transição do padrão jornalístico em suporte impresso que é extinto e é apenas operado em plataforma digital, o segundo cenário, diz respeito a coexistência dos dois padrões (impresso e digital), mas com ascendência do

modelo digital e subversão do padrão impresso, com uma lógica de integração organizacional do ponto de vista das redações e com fomento de uma estrutura digital de operação desses jornais que atuam em coexistência.

O terceiro e último cenário, é o menos comum, em que a permanência do modelo impresso é dominante, em decorrência dos padrões socioculturais e na lógica de funcionamento destas empresas que permanecem apenas no impresso.

Algumas questões atravessam esta dinâmica da mudança do impresso para o digital, embora não sejam os objetivos específicos desta pesquisa, valem considerações sobre o processo.

Dentre estes atravessamentos impõem-se questões críticas quanto aos modelos adotados nas transições, que podem ser considerados apenas do ponto de vista da inovação, dentre estes questionamentos: Os fatores sociais compõem um mosaico importante nesta seleção do que vai ser impresso e o que vai ser digital? Ou oneram-se apenas sobre estas escolhas editoriais e econômicas? Por último, que papel e quais são os protagonistas dessas mudanças? Todavia, não tenhamos respostas para estas indagações no campo dos estudos recentes sobre estas transformações, algumas considerações têm sido tecidas enquanto prognósticos destes movimentos.

De acordo com Franciscato (2020), o conceito de inovação tem alcançado um lastro amplo de significações tanto em pesquisas de mercado ou pesquisas acadêmicas sobre os jornais e seus modelos. Ainda de acordo com Franciscato (2010) todos os estudos de inovação, transformação e plataforma do jornalismo devem ser elencados a partir de três eixos temáticos principais, que conferem ao jornal enquanto objeto, uma multidisciplinaridade de entendimentos práticos.

O autor defende o tratamento destas transformações em três níveis ou eixos, a) o primeiro no que diz respeito às questões tecnológicas em si, como fins destas mudanças, b) o segundo, a dimensão organizacional destas práticas e destas empresas, e c) por fim, a visão social que estas mudanças acarretam na sociedade, como por exemplo, o papel do antigo leitor do impresso nesta economia social do leitor digital.

O autor ainda defende que estas três categorias devem ser analisadas em conjunto e não separadas. Neste tópico fica evidente pela discussão teórica

que o periódico estudado não pode ser enquadrado nas categorias acima citadas de modelo de transição do impresso para o virtual.

## *2.2 OS PROCESSOS DE MODERNIZAÇÃO DO JORNALISMO NO BRASIL E O JORNAL O ESTADO DO MARANHÃO NA CONTRAMÃO DAS REFORMAS*

Neste tópico discutimos a conceituação empreendida pelo jornal O Estado do Maranhão sobre a modernização do jornalismo e como o periódico foi na contramão do processo modernizante na imprensa no século passado.

Jacomé (2014) afirma que não é por acaso que a década de 1950, marcada pelo desenvolvimentismo do governo de Juscelino Kubitschek no Brasil é onde acontecem as grandes reformas do processo de modernização do jornalismo no Brasil.

Na década de 1950, no Maranhão, a política expansionista e desenvolvimentista não era implantada, o estado vivia sob o governo de Vitorino Freire, cuja primeira oligarquia governou o estado por vinte anos (1946 a 1964), sendo substituído por outra oligarquia regional.

As marcas do Vitorinismo no Maranhão deponham contra as práticas modernizadoras e modernizantes que eram expostas pelo governo federal de Kubitschek, denúncias de cooptação, fraudes eleitorais e coronelismo eram impostas a forte liderança exercida por Vitorino Freire (COUTO, 2009).

Autores diferentes (PINTO, 2015; MACHADO,2021) apontam que o sucesso do empreendimento de José Sarney em suceder a oligarquia de Vitorino Freire se deu pela conjunção da força política com o uso dos meios de comunicação, instrumento que garantiu além do poder de comunicação no Estado, o apoio popular e de grupos de intelectuais.

De forma parecida, o próprio José Sarney defende o uso da imprensa para objetivos políticos em entrevista ao pesquisador Paulo César D'elboux (2003):

Nunca fui um empresário de comunicação. Eu criei o jornal porque eu tinha que ter um instrumento político, todos os jornais do Maranhão foram fechados. Fiz um jornal que era o nosso veículo de expor nossas ideias. Evidentemente teve grande sucesso porque era muito bem feito. Naquela época uma das pessoas mais inteligentes, o diretor e fundador ao meu lado era o poeta Bandeira Tribuzzi, considerado o maior poeta do Maranhão no século passado. Era muito meu amigo e também um homem de formação de esquerda, e nós começamos a fazer esse jornal, há 40 e poucos anos; um jornal político. Depois ele não podia sobreviver só com um jornal político e teve que ter um

caminho. O jornal não era de empresário, não era um negócio que nós estávamos precisando, era uma inspeção do processo político. Tanto que no Maranhão, a única coisa que nós participamos é realmente das coisas que são importantes para a nossa ação política, porque esse é um sistema de comunicação. Depois, eu já estou com 73 anos e ao longo desses anos todos os meios de comunicação foram modernizados, o jornal que era feito do tipo a mão passou a linotipo, foi o primeiro no Maranhão que introduziu a composição a frio. Fomos os primeiros a informatizar a primeira rotativa que entrou e depois veio o processo de modernização e de liderança que tem hoje. O que também foi importante é que sempre mantivemos o jornal com um instrumento só, um jornal plural que dá notícia de todas as coisas e, mesmo sabendo que é um jornal com posição política pelo fato de ser nosso, tem o espírito de ser um jornal, para informar e manter também a 37 estrutura, por isso é bem aceito na sociedade. Primeiro veio a rádio e tivemos que entrar, depois veio a televisão, tivemos que entrar, com isso o desdobramento da nossa necessidade política que teve condições de comunicação. Isso de certo modo ajuda e bastante.

Em sua última edição impressa, o Estado do Maranhão destacou o processo de modernização que passou ao longo dos anos, a começar no período da década de 50 do século passado. O procedimento narrativo do jornal elencou múltiplos adjetivos do que de forma ampla significa para a empresa um processo de modernização.

O mesmo destaque dado para ampliação do parque gráfico, uso pioneiro de off-set e digitalização não é dado quando se fala em reformas editoriais passados pela empresa, para o jornal é evidente que o entendimento sobre a modernidade no jornalismo no Brasil se dá apenas do ponto de vista técnico e gráfico.

De acordo com Vieira (2019), estes procedimentos narrativos que aqui chamamos de “feitos” do jornal, foi uma tendência da imprensa brasileira a partir da década de 60, “gestos de memória” principalmente ligados ao período pós modernização da imprensa nacional.

A ambiguidade é percebida no discurso da última edição de O Estado que narra suas reformas gráficas e editoriais; embora afirmações do novo, as mudanças para O Estado do Maranhão foram apenas do ponto de vista técnico, centradas na tecnologia, sem uma mudança editorial equivalente e sem uma discussão ou afirmação deontológica do ponto de vista profissional do jornal:

(...) reformas gráficas e editoriais apontam para mudanças que são, em certa medida, momentos de afirmação do novo, mas também, paradoxalmente, de uma espécie de resistência do jornalismo em relação ao tempo. Por um lado, o passado pode ser visto como algo a ser superado, uma vez que é marcado pela inexistência de certos valores fundamentais a serem afirmados. Ou então, pode ser visto

como algo a ser, de algum modo, retomado – se não em sua integralidade, pelo menos em sua “essência” –, uma vez que guarda valores que se perderam ou se corromperam. Já o futuro é algo a ser construído – cuidadosamente – pela promoção e legitimação desses mesmos ideais e parâmetros (LEAL; MANNA; JACOMÉ; 2017). Incluir nas referências.

Costa (2008) afirma que os periódicos do estado do Maranhão criados nas décadas de 1960 e 1970 não tinham interesses em “cobrir” os fatos, mas, mantinham um caráter essencialmente político e com uso e interesses voltados para elites políticas locais e regionais, ou seja, os periódicos se mantinham para defender o interesse dos donos dos jornais e não com uma circulação baseada em premissas do Jornalismo.

A ambivalência é atualizada a partir do que entendemos nesta pesquisa como Modernização do jornalismo no Brasil e sobre como o jornal O Estado do Maranhão entende o tema. De acordo com Ana Paula Goulart (2007) e Afonso de Albuquerque (2010), estas mudanças e processos de modernização no Brasil começaram na década de 1950, a medida que houve uma importação do modelo estadunidense de jornalismo, o modelo fortemente apoiado na ideia de objetividade do fazer jornalístico; há importação também de um modelo “ético” de jornalismo capaz de ser traduzido aos leitores como capacidade de transformar o campo jornalístico nacional em um modelo reconhecido e autônomo na produção de informações sobre o mundo.

Nesta mesma fase que compreende o início da década de 50, o jornal passava por uma mudança de nomenclatura e de quadro societário que vem a desembocar no então jornal O Estado do Maranhão.

Para Schudson (2008), o processo de modernização da imprensa na América Latina guarda aproximações, mas no geral destaca-se por diferenças marcantes nos pilares fundamentais no que diz respeito aos modelos importados em relação à política, atuação profissional e ideias democráticas, para o autor:

Afinal, se, por exemplo, o jornalismo estadunidense pode se estabelecer como guardião dos ideais democráticos os grandes conglomerados latino-americanos, ao contrário, são frequentemente questionados por suas ligações econômicas e ideológicas com as ditaduras militares da segunda metade do século passado (Schudson, p.110, 2008)

Neste contexto é preciso salientar também que os processos de modernização do jornalismo no Brasil aconteceram de modos específicos, cabe ressaltar a própria questão regional, uma vez que os maiores exemplos deste

tipo de modernização na imprensa aconteceram no Rio- São Paulo e não nos estados do Norte e Nordeste como faz crer o Jornal O Estado do Maranhão.

Neste ponto precisamos fazer um adendo sobre a modernidade do Jornalismo e das práticas do Jornalismo no Brasil, de acordo com Ortiz (1988) temos algumas peculiaridades acentuadas naquilo que o autor chama de “moderna tradição ” brasileira.

Nesses termos, fatores que poderiam ser considerados “excludentes e antagônicos” funcionam juntos no país como marca de um modernismo na imprensa de países periféricos, como no caso do Brasil e mais regionalmente, ainda como no caso do Maranhão. Para Barbosa (2007):

As reformas dos jornais da década de 1950 devem ser lidas como um momento de construção, pelos próprios profissionais, do marco fundador de um jornalismo que se fazia moderno e permeado por uma neutralidade fundamental para espelhar o mundo. A mítica objetividade – imposta pelos padrões redacionais e editoriais – é fundamental para dar ao campo um lugar autônomo e reconhecido, construindo o jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor (BARBOSA, 2007, p.150).

É importante não confundir as reformas modernizantes do Jornalismo no Brasil como as que erroneamente ilustram as transformações físicas e gráficas em relação ao jornal O Estado, com as ideias e ideais modernos e modernizantes que foram espalhadas por dezenas de jornais do país desde pequenas, médias até grandes cidades.

A tradição jornalística no Maranhão configura-se no sentido moderno de espraiamento de ideias e ideais modernos ao longo da história, sem que o jornal Estado do Maranhão seja confundido como partícipe das míticas reformas dos anos 50 e 60 na imprensa brasileira.

Neste sentido, a imprensa do Maranhão, antes do Jornal do Dia e antes do Jornal O Estado do Maranhão caracterizava-se como uma imprensa de pautas modernizantes, de acordo com Barbosa (1997) a imprensa no século XIX no Brasil tinha a missão além de informar, noticiar, mas uma outra função que, quando não isolada, dá conta de entender a profusão de ideias modernizantes no país, ela funciona como difusora de comportamentos.

De acordo com Marialva Barbosa (2010):

Os últimos anos do século XIX anunciam drásticas transformações. Envolvido pela ideologia do progresso, que iguala a ideia do novo à civilização, comparando-a com atitudes europeias, notadamente francesas, o Rio de Janeiro se cobre não apenas de cenários de

concreto que anunciam o novo tempo, como também de ecos dos jornais e revistas que disseminam pelos quatro cantos o discurso da modernização (BARBOSA, 2010, p. 119)

A modernização e as ideias modernizantes na imprensa maranhense revelam-se em um momento anterior ao início do jornal O Estado do Maranhão, sobre este ponto, em maior ou menor grau, concentrou-se principalmente na capital, São Luís, embora exemplos isolados sejam registrados também em cidades do interior.

Numa tentativa de síntese das ideias modernizantes no estado, Araújo; Pinheiro; Matos (2022) resumem estas ideias de modernidade vinculados a episódios concretos como: a chegada das primeiras linhas de telefone, as primeiras rodovias interestaduais, a instalação de fábricas e indústrias no estado e as grandes reformas urbanas da capital.

Neste capítulo foram abordados os principais aspectos relacionados ao surgimento do jornal O Estado do Maranhão e sua relação com a política estadual presente desde o início do periódico, em consonância com a discussão abordamos a visão da empresa sobre as práticas modernizadoras do próprio jornal em oposição aos que estudiosos chamam de “reformas modernizadoras” do jornalismo no Brasil.

No próximo capítulo avançaremos a discussão, não mais do ponto de vista da genealogia ou criação do jornal, mas a partir da perspectiva do tempo e da narrativa dentro da grande história de mais de seis décadas do jornal impresso maranhense.

### **3 TEMPO E NARRATIVA: HISTORICIZANDO O ESTADO DO MARANHÃO**

Neste capítulo tratamos sobre a questão do tempo e da narrativa dentro do jornal O Estado do Maranhão, exploramos o viés da narrativa na comunicação desta “grande história” que compreende os mais de 50 anos de existência do periódico resumidos em sua última versão impressa, para isso abordaremos as narrativas presentes nos textos da última edição e de outras datas comemorativas do jornal.

Narrar é ato humano inato, organizamos a vida por meio das narrativas e das histórias, por meio destes expedientes tecemos também relações, que ora privilegiam os fatos, ora os encobre, a fim de uma construção de enredos que também são formados por silêncios e silenciamentos, de acordo com Ricoeur (1994) as narrativas tornam humano o tempo.

Para Gonzaga Motta (2013) estudar as narrativas é partir de um lugar concretamente construído, partir de um local ou situação comunicacional que implica em uma correlação empírica, social, política, econômica; situações estas em que as narrativas são verificadas de modo crítico, ainda que em posições assimétricas de poder como no caso de um jornal tradicional e dos leitores e público em geral.

Ainda para Ricoeur (1999) é dada a impossibilidade de se trabalhar a narrativa fora de seu contexto comunicativo, fora da intencionalidade inerente da própria narrativa e fora daquilo que o autor entende como a vontade de um autor configurar sentido a sua narrativa.

É nesse entremeio que deve-se pensar no jornal o Estado do Maranhão não apenas como uma plataforma em que o discurso é analisado a partir dos textos, mas num sujeito narrador ou em muitos sujeitos narradores que estão inseridos em atividades sociais, políticas e econômicas com reflexo nos atos de fala, interlocução e relação comunicacional.

É partir disso que o passado e o presente dos grandes periódicos assimilam além do tempo histórico em que estão inseridos, as causas e efeitos de outros fenômenos sociais que naturalmente emergem em cenários como o

que O Estado do Maranhão teve de lidar, como a crise de leitores, a queda de assinaturas físicas e mudanças históricas no mercado brasileiro no que diz respeito aos grandes jornais.

Ao assimilar estas diversas temporalidades que se acham superpostas no tempo histórico do jornal maranhense muitos fenômenos são elencados apenas como reflexo da chegada do futuro, evidentemente, a transição do modelo impresso para o digital aponta, de início um fenômeno inovador (FRANCISCATO; SILVA, 2020). Por outro lado, é preciso pensar do ponto de vista sociológico e simbólico o que significa a extinção de um impresso, não apenas pelo viés da suposta inovação, mas dos reflexos horizontais que se impõem em todos os processos inovadores.

Vieira (2020) entende que é natural da cultura dos jornais impressos veicular o próprio passado e a própria imagem constituindo uma ficção dentro do factual. Nestes processos, a autora aponta a convivência de atores profissionais como pesquisadores e colunistas com jornalistas enquanto guardiões de uma memória oficial retroalimenta as narrativas grandiloquentes destes mesmos veículos.

De outra maneira, atribuir uma data especial é uma estratégia de sociabilidade do periódico que funciona como um ancoradouro das questões centrais em torno da data, que em retrospectiva podem demonstrar a síntese do jornal na construção de uma espécie de memorial das suas memórias.

Nesta “grande história” que transita entre o factual e o ficcional vários elementos escrevem a trama, como exemplo ,podemos citar o Jornal do Brasil que em estudos a partir das últimas tiragens foi possível analisar os altos e baixos ,as mudanças editoriais reunidas sob a tessitura de um verniz de uma longa história que projetava nas míticas décadas de 50 e 60 o apogeu modernizante na redação do jornal, quando o JB “americaniza-se” em suas práticas jornalísticas e se tornava respeitável até a extinção (MATHEUS e BARBOSA, 2008).

Ricoeur (1994) chama atenção para uma tripartição narrativa, neste caso a partir da perspectiva teórica da mimese de Ricoeur, levamos em consideração o mundo do autor, enquanto jornalista, o texto enquanto matéria, e o mundo do leitor.

A partir daí outros pontos entram em relevo nesta história da narração do jornal, como a tessitura da intriga que leva a inteligibilidade dos fatos pelas páginas dos jornais. Em primeiro lugar, o mundo exibido por uma obra narrativa é sempre um mundo temporal (RICOEUR,1994, p. 15).

Já para Gonzaga Motta (2013), para avançar a reflexão sobre o tempo e a narrativa no jornalismo, o autor pontua que a experiência do tempo jornalístico é mais confusa e menos cronológica do que a experiência do tempo natural.

É neste momento que percebemos a reordenação selvagem das notícias, as notícias em tempo real, os arquivos, as notícias históricas, as efemérides, as comemorações e é na tessitura do material e modos de narrar que percebemos os atos de falar, a configuração dos acontecimentos, as intenções dos autores.

É importante ainda de acordo com Gonzaga Motta (2013) trabalharmos a narrativa e o tempo nos jornais não apenas como uma questão de ordenação cronológica das notícias, ou recomposição das notícias em uma linha do tempo, mas também como a recomposição das matérias e narrativas naquilo que o autor chama de projeto dramático.

Nesta pesquisa partimos do pressuposto de que há um projeto dramático claro do jornal O estado do Maranhão em narrar o seu fim. Um projeto dramático que ambicionou corresponder temporalidades (presente, passado, futuro) em uma única edição, ambientando assim também conscientemente as intencionalidades presentes da construção de uma edição que ora no presente pretende ser histórica, que ora no futuro se pretende como documento, nas palavras do próprio jornal “ Agora (o jornal O Estado) deve virar objeto para estudo de pesquisadores. A rotativa parou, o site travou, o aplicativo estagnou, mas a história de O Estado fica para sempre” (OESTADODOMARANHÃO,2021).

Assim, o tempo e a tessitura da intriga tornam-se indispensáveis para se analisar a narração do fato ou acontecimento dado, o fim do jornal. A partir disso, podemos entender que a recomposição cronológica da história fática, ao recomporem-se, a luz da narrativa, gera um novo produto que se dedica a compreensão da realidade narrada intermediada temporalmente nas relações de sociedade, poder, política, economia e, principalmente, produtora de sentidos.

De acordo com Borela (2020) o tempo é algo fundamental para se analisar a História e as narrativas no Jornalismo, uma vez que o ato de informar

empreende necessariamente a capacidade de relacionar e configurar as dimensões temporais.

É justamente a partir dessa interlocução entre tempos que o ato de narrar ganha sentido, a autora ainda aponta que o tempo só se torna explicável pelos jornalistas e historiadores a partir da memória, e é justamente nesta relação que é composta a intriga, “compôr a intriga é dispor de modo ordenado o que antes era só fragmento, é tornar concreta uma determinada história, compartilhando e criando novas experiências (BORELA,2020, p.4).

Para Ricoeur: “a intriga completa os eventos múltiplos e dispersos e assim esquematiza a significação inteligível que se prende à narrativa considerada como um todo” (RICOEUR, 1994, p.10). Para chegar a estas conclusões Ricoeur se vale da tríplice mimese como condição indispensável para estabelecer relação entre três mundos (temporais) o do autor (ora jornalista), o do leitor e o do texto.

Ainda no campo da narrativa é preciso destacar que de acordo com Motta (2013) às instâncias narrativas e temporais dos discursos se dividem em planos: a) plano da expressão, que engloba o discurso ou linguagem; b) plano da estória, ou seja o plano o conteúdo e c) o plano da metanarrativa como o pano de fundo das histórias.

Ao projetarmos a discussão sobre a narrativa empreendida pelo jornal o Estado do Maranhão é preciso deixar evidente que estamos nos debruçando sobre o plano da estória, embora este plano esteja inexoravelmente ligado ao plano do discurso, nosso modelo de articulação parte do plano da estória, essencial na construção das intrigas, das temporalidades e do projeto dramático de O Estado.

A narrativa pelo plano da estória eleva-se acima dos outros planos antes mencionados, de maneira autônoma, embora ressalte-se que podem ser trabalhados em conjunto.

É no plano de narração que está inserido o valor do significado e da intenção dos narradores na última edição do jornal, é ainda, neste plano que se configura a diegese, a representação dos significados, os mundos construídos, com uma sintaxe e lógica próprias. É neste plano que Ricoeur (1994) concentra a tessitura da intriga, a intenção dos narradores, a síntese da representação, os

episódios, a macro e microestrutura nos princípios de organização narrativa, práxis que configura de maneira simples “o ato de narrar”.

De acordo com Leal (2013) o tecer da intriga é dispor de elementos temporais, funcionais e atributivos diferentes. É justamente na tessitura da intriga que o jornalismo aloca sua função de mediação em um processo que leva do antes ao depois do texto, de forma relacional.

Nesse sentido, podemos entender as narrativas em relação aos acontecimentos, e enfatizar que “a representação narrativa não é em momento algum espelhamento, reflexo, mas um gesto criador de realidades, de mundos, de entendimento” (LEAL, 2013, p.35). Narrar é, pois, uma luta incessante pela manutenção dos sentidos e pela construção de novos sentidos.

Para Borela (2020) ao narrar, o jornalismo trabalha com duas frentes: uma luta contra a perda de memórias e a outra dita os esquecimentos, apagamentos, silenciamentos e exclusões. E assim, tacitamente os leitores assumem suas posições de acordo com o que lhes é narrado.

O tempo na narrativa encontra-se mediado entre um ponto de partida e um ponto de chegada, para Ricoeur (2010) esses pontos transformam-se entre uma determinada apreensão de mundo e outra configuração de mundo, é isso que podemos notar também na última edição impressa, embora o material estratifique o presente do periódico, ele compreende uma duração de 62 anos, e projeta-se para além, o passado e presente traduzidos pelo jornal com o nome de tradição, diz sobretudo, sobre o futuro, o porvir, o desejo de legitimação no horizonte de perspectivas .

“Papel Cumprido e segue adiante”, o título da última edição de O Estado do Maranhão sintetiza as principais ideias defendidas em suas últimas páginas impressas, se é natural dos jornais falar do mundo, em sua última edição o Estado volta-se ao Maranhão, aos seus fundadores, principalmente nas menções a Bandeira Tribuzzi, primeiro editor do periódico e a José Sarney, com uma grande matéria de capa.

Sob o crédito concedido ao entrevistado na última edição impressa do jornal e também na matéria para o site Imirante, letras garrafais remontam à velha tradição de jornalistas creditarem seus entrevistados com os últimos cargos exercidos na vida pública; costumeiramente este ritual é mais forte quando se fala do mundo político e do jornalismo.

Figura 3: José Sarney na última edição impressa.



Fonte: [www.imirante.com/oestado](http://www.imirante.com/oestado).

Ex-diretor e fundador do jornal, escritor, governador, senador, de todas as alcunhas, algumas mais recentes e outras mais antigas, a última edição impressa do jornal O Estado do Maranhão insere o entrevistado apenas como José Sarney, ex-presidente do Brasil, nome reconhecido por todos.

No dia 23/10/2021, o jornal O Estado do Maranhão encerrou sua edição impressa. A destacarmos uma data para análise, remontamos a data em que a última versão impressa circulou no estado, de acordo com Barbosa (2007) pode-se atribuir efetivamente a escolha de uma data a estratégia memorável que em torno dela baseamos certa "sociabilidade" do jornal e uma espécie de pedagogia, ou seja como o jornal escolhe enfatizar esta data na sua edição presente, e para as edições futuras.

A questão do tempo na comunicação ou da comunicação do tempo revela-se acima de uma qualquer aporia, mais do que isso, possibilita pensar a inscrição narrativa do Estado do Maranhão do passado ao presente, passando pelas transformações da nossa sociedade e as profundas mudanças tecnológicas que vieram desde as últimas décadas do século passado.

De acordo com Borela (2020) problematizar o Jornalismo enquanto narrativa possibilita superar a discussão sobre gênero informativo e modalidades textuais, e mais do que isso, é encontrar o cerne do acontecimento pelo viés histórico, cultural ou social.

Em consonância com esta perspectiva, Resende (2011) recupera a narração como “os fatos não falam por si só e é na narração que, a partir de um jogo de forças, o compartilhamento é (ou não) potencializado, ao mesmo tempo em que é (ou não) viabilizado o processo da comunicação (RESENDE,2011, p.9).

Ao dispor sobre a temporalidade e a narratividade dentro da última edição de O Estado do Maranhão é preciso ressaltar que o tempo está dado , ou seja, estamos interpretando um eixo narrativo final, uma última edição impressa de um jornal tradicional, logo as classificações , os editoriais e as matérias desta última versão podem ser entendidos como uma interpretação do jornal da sua própria história.

A narrativa e a construção da experiência temporal se cruzam concomitantemente na tessitura de todo o material publicado nesta última versão impressa, ressaltamos aqui, a capacidade da narrativa para além do alcance temporal, mas sobretudo, para a construção da identidade individual, ou coletiva, como no caso de O Estado do Maranhão.

É neste sentido que assumimos o tempo na condição *sine qua non* para a atividade narrativa e construção narrativa de uma ficção dentro do factual. Uma condição de circularidade hermenêutica entre a inscrição da narração, narratividade do jornal e a circunscrição a um tempo. Logo, apontamos também essas divisões como inerentes ao discurso midiático e a sua construção; é evidente, inclusive que os processos de acontecimentos históricos são jogados à luz com o próprio surgimento da imprensa que consolida a narratividade e a inscrição dos acontecimentos a partir do ponto de vista da Comunicação.

Para Dosse (2001, p. 92) “todo discurso sobre um acontecimento veicula, conta em série acontecimentos anteriores, o que confere toda importância à trama discursiva que os liga, formando um enredo”.

Nora (1976) pontua como uma característica do nosso tempo (ainda no século XX), a inserção do contexto “histórico” ao presente. Isso seria presentificado ainda mais pelos meios de comunicação, como podemos ver nos exemplos a seguir: “De lá até aqui, no encerramento do mais importante jornal da história do Maranhão”; “Este Jornal tem uma longa e belíssima história na comunicação em geral. Quando recebi uma ligação, ainda repórter de TV, do então chefe de Reportagem de O Estado do Maranhão, Daniel Matos, convidando para uma entrevista e, quem sabe, ingresso na equipe histórica do periódico”; “Apesar disso, o impresso resistiu bravamente nos últimos cinco anos, corroborando e consolidando sua importância histórica na imprensa maranhense” (OESTADODOMARANHÃO, 2021).

Esses são alguns trechos extraídos do jornal O Estado do Maranhão, em sua última edição, em que o adjetivo “histórico” é presentificado desde a fundação do periódico .

É justamente o uso da narratividade que confere aos jornalistas e aos jornais uma aura de qualidades próprias. De acordo com Barbosa (1996), a virada do século XIX para XX transforma o jornalista não mais em uma espécie de literato e nem comentador de economia, e transforma os jornais não mais em uma plataforma com objetivos literários, mas em potencial narrador dos fatos com o uso da História.

Assumimos aqui, então, que historicizar a historicização é uma operação narrativa do jornalismo, primeiro do ponto de vista interpretativo quando o jornal, a exemplo o Estado do Maranhão, por meio de sua última edição usa a história para pontuar seu contexto, seu ponto de vista, sua visão de mundo, sua narrativa; e segundo, como forma instrumental de representação em retrospectiva, que confere ao jornal originalidade e tradição. Características essenciais na formação da trama no sentido adotado por Ricoeur (1994).

Ao analisarmos uma última edição impressa fica claro que esta edição é diferente das demais, ela se difere pela importância da data, pelos jornalistas especialmente selecionados para este fim, pelas matérias especiais que não

estão nas edições normais, e pelo enredo que precisa ser construído do ponto de vista narrativo do fim de um jornal.

Não estamos mais falando de um mosaico de acontecimentos do Maranhão, do Brasil e do mundo reportados por um periódico impresso, mas sim da própria narrativa e história deste jornal que utiliza o espaço dado às matérias para evidenciar sua projeção e prospecção para o futuro.

A partir deste adendo ao explicitarmos que a última edição é uma edição singular em relação às outras edições impressas, algumas considerações podem ser tecidas a respeito dos múltiplos sentidos que esta edição adquire.

A edição de 21/10/2021 pode ser elencada como uma edição comemorativa, no sentido de demarcar uma oficialidade da data, a data do seu encerramento, para Johnston (1991) as comemorações midiáticas têm adquirido relevo especial a partir do último século, para o autor quando um jornal impresso celebra as origens da própria mídia, é um ritual ímpar de promoção publicitária da própria empresa.

Comemorar aqui, assume um marco cronológico e narrativo ligado a condição de periodicidade dos jornais, já que as notícias são novas a cada dia, ao registrar uma data especial, registra-se também uma espécie de memória coletiva.

É interessante lograr espaço também para pensarmos que a inscrição da história do jornal o Estado do Maranhão na Comunicação permite outras operações narrativas e de sentido por meio do jornalismo, como por exemplo, segundo exemplifica Bodnar (1994), não é apenas o fato de comemorar, mas de construir narrativamente uma versão do passado e do presente, se trata de conformar as versões válidas do passado e do presente.

Para exemplificar melhor essa discussão sobre o tempo, a narrativa e o passado e o presente de o Estado do Maranhão é importante destacar que histórias que não viabilizam ou beneficiam o jornal do ponto narrativo de sua inserção na História, são desconsideradas na última edição por meio de operações jornalísticas que omitem contextos e situações deméritas ao que o jornal deseja presentificar ou deixar como legado para o futuro, o uso do jornal O Estado do Maranhão como ferramenta de construção de capital político nas eleições para o governo do estado em 2014 em benefício de determinados candidatos (SHUEN e BENTIVI, 2018) não é registrado na última edição, bem

como também não se registra os traços históricos e ligações com o período da ditadura militar no Brasil .

De acordo com Matheus (2010, p.154) podemos pensar uma analogia que serve para edições comemorativas das empresas de jornalismo:

Estabelecendo uma analogia, pode-se pensar nas edições comemorativas como um esforço das empresas jornalísticas em garantir posição privilegiada de gestores do tempo, o que incluiria não somente o presente, mas também o passado. É como se, por meio dessas edições, os jornais reconhecessem que sua legitimidade no presente depende, entre outros fatores, da capacidade de fornecer versões autorizadas sobre o passado. Se os jornais têm condições de temporalizar a realidade sobre a qual falam, precisariam também criar marcações temporais para si próprios, ou seja, para que o público e sua comunidade profissional os situem no contexto histórico, sendo capazes de lhes atribuir valor (MATHEUS,2010, p.154)

Esta dupla operação de sentido nas narrativas dos jornais opõe duas faculdades básicas que se entrelaçam entre jornalistas e historiadores, se de um lado é preciso construir uma narrativa com base na história, do outro lado é preciso utilizar a história para embasar a narrativa.

### *3.1 O JORNAL ESTADO DO MARANHÃO: HISTORICIZANDO A NARRATIVA DO PERIÓDICO AO LONGO DO TEMPO*

“Cada jornal tem uma história. E essas histórias dependem do conjunto de expectativas com que os jornais precisam negociar para manter seu lugar de fala” (MATHEUS,2010, p.182). Neste capítulo trataremos de algumas datas comemorativas do jornal O Estado do Maranhão, nosso intuito é resgatar brevemente algumas edições a fim de compreendermos como o jornal historicizou a sua identidade ao longo do tempo e como este processo pode ser percebido narrativamente em outras edições de O Estado.

A fim de esclarecermos metodologicamente e narrativamente como foram escolhidas as edições comemorativas do jornal é preciso destacar que a) o acervo online do periódico só dispõe de matérias das últimas duas décadas, o que neutraliza a tomada do próprio jornal como fonte histórica de momentos anteriores aos registros dos últimos vinte anos, b) edições aqui esmiuçadas que compreendem uma fase anterior aos últimos vinte anos foram apenas verificadas a partir de matérias de TV do próprio grupo Mirante, que destacou momentos especiais do jornal nos seus 62.

Guardadas devidas comparações, o acesso ao material permitiu apenas um vislumbre das edições comemorativas do jornal O Estado do Maranhão, as edições na íntegra que foram encontradas durante a pesquisa estão no site: <https://imirante.com/oestadoma> e nos anexos deste trabalho.

Na busca por datas comemorativas de O Estado algumas edições merecem destaque na nossa pesquisa, a primeira edição do periódico e a edição de 39 anos, a edição de comemoração em 2015 e 2018 e a edição do último aniversário do jornal em 2021.

A escolha se deu por dois motivos: a) primeiro, a construção entre o passado e o futuro é a linha condutora da narrativa do jornal e b) as edições comemorativas do jornal são escassas e estão apenas no acervo digital da <sup>13</sup>Secretaria de Cultura do Maranhão (SECMA), as últimas edições comemorativas estão no site Imirante<sup>14</sup>, que assumiu a guarita do antigo domínio do jornal impresso na internet, as edições comemorativas presentes no site estão disponibilizadas na íntegra nos apêndices desta pesquisa.

O material escolhido recorta uma história do jornal O Estado do Maranhão em fases: a “origem”, que representa, na cronologia dessas narrativas, um marco zero entre o antes e depois de o Jornal do Dia, antigo domínio do jornal o Estado do Maranhão e a inauguração da marca O Estado; “os feitos”, período que o jornal dialoga apenas com as realizações técnicas e de produção, para se diferenciar de outros jornais regionais, a década de 2000, em que o Estado do Maranhão já se estabiliza e reconta sua história, reafirmando o reescrevendo o passado, e finalmente, a última fase compreendida entre 2015 a 2021, em que o jornal fala do futuro nas suas comemoração e acena ao digital.

A breve análise destas efemérides se dá do ponto de vista interpretativo e teórico e não do ponto de vista metodológico da nossa pesquisa que está circunscrita apenas ao material de análise referente à última edição do jornal impresso.

“Historicizar a historicização” é uma operação jornalística (MATHEUS, 2010), os efeitos desta prática comum na imprensa surgem e podem ser apontadas desde os primeiros periódicos impressos no Brasil, que partindo de

---

<sup>13</sup> <http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>. Acesso em 21/11/2023

<sup>14</sup> <https://imirante.com/oestadoma>. Acesso em 21/11/2023

um marco zero estabelecem-se já como uma marca a partir da sua inauguração, inauguração aqui sinônimo de adentrar uma data, marcar uma posição cronológica e temporal que confere autenticidade e legitimidade aos jornais, e início de uma tradição.

O Estado do Maranhão em sua edição primeira, após a mudança de nome e de antigos sócios chega ao público com um editorial de José Sarney em sua primeira página.

O editorial de 1º de maio de 1973 diz:

"Modernizar a imprensa maranhense". Inovar em termos de artes gráficas e renovar em termos de elevá-la, dar-lhe dimensão cultural, estimular vocações novas, semear ideias, discutir problemas. Um simpósio permanente sobre o destino de nossa vida, da vida de nosso Estado, da vida de nossa cidade, reflexo e alma do nosso grande povo. (SECMA, 2007, p.185)

Matheus (2010) aponta uma estratégia de operação dos periódicos comumente utilizadas em discursos sobre suas origens, a autora fala sobre a capacidade da historicização enquanto uma retrospectiva que alinha os anseios de legitimidade e tradição.

José Sarney, no primeiro editorial de O Estado do Maranhão, traça uma diferença em perspectiva retroativa, ele aponta que o Jornal o Estado surgiu para modernizar e inovar em contraponto com o passado representado por outros jornais e até mesmo pelo Jornal Do Dia, antecessor direto de O Estado.

Aqui o objetivo é reforçado também em identificar uma nova marca temporal que trabalha entre o passado e o presente, o antes do jornal o Estado, e o então presente com a inauguração do periódico. Não se trata de apenas comemorar uma origem, mas também de operar e formular uma versão válida para a história oficial do jornal.

Matheus (2010) explica a noção de história de um periódico não só como uma seleção de fatos historicizados, mas como a construção de uma ideia narrativa e de autolegitimação do próprio jornal:

pode-se pensar nas edições comemorativas como um esforço das empresas jornalísticas em garantir posição privilegiada de gestores do tempo, o que incluiria não somente o presente, mas também o passado. É como se, por meio dessas edições, os jornais reconhecessem que sua legitimidade no presente depende, entre outros fatores, da capacidade de fornecer versões autorizadas sobre o passado. Se os jornais têm condições de temporalizar a realidade sobre a qual falam, precisariam também criar marcações temporais para si próprios, ou seja, para que o público e sua comunidade

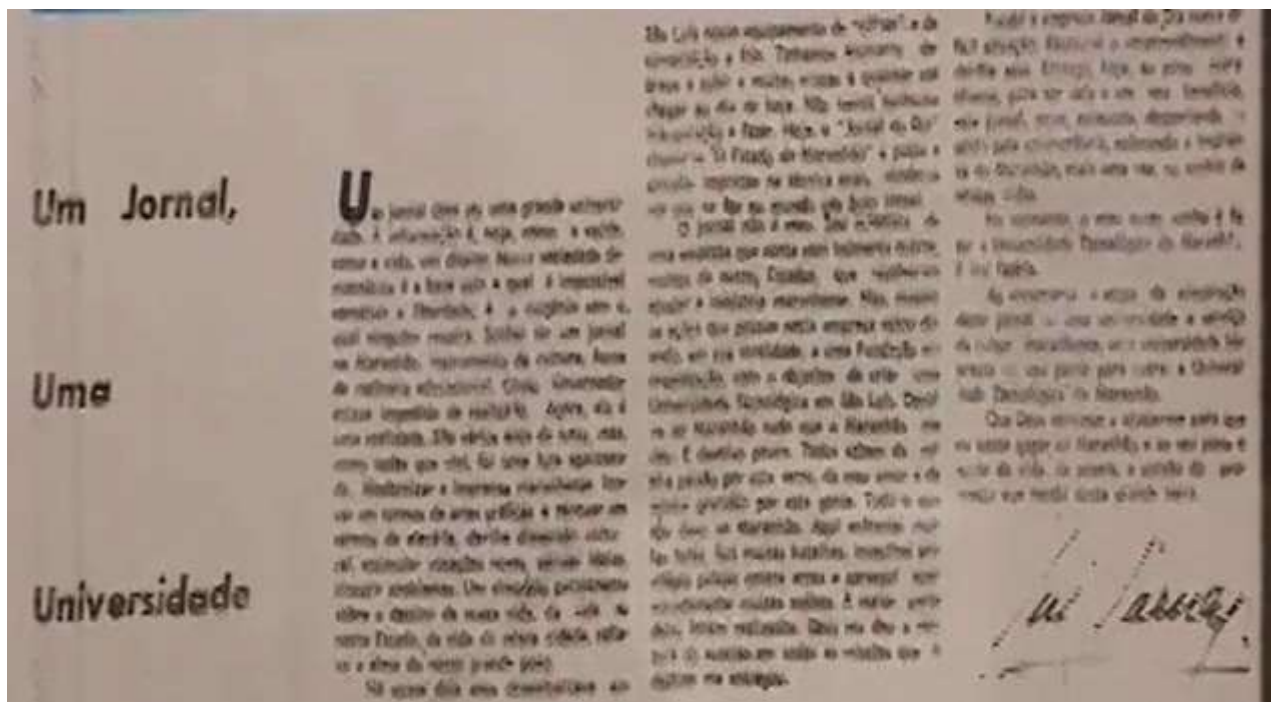
profissional os situem no contexto histórico, sendo capazes de lhes atribuir valor (MATHEUS, 2010, p. 155).

Expressar na narrativa dos empreendimentos a sua inscrição no tempo a partir de sua origem é um pressuposto estratégico da comunicação, ainda mais no jornalismo em que não basta situar o factual, a notícia, é preciso criar e ancorar tradição aos leitores.

Na construção de O Estado desde sua primeira edição é notadamente marcada a figura do seu mais famoso sócio: José Sarney, é a personalidade que inaugura o jornal com seu editorial (1973) e é a personalidade que finaliza o impresso assinando uma matéria de capa (2021).

Abaixo a figura representa o editorial da edição de inauguração do jornal O Estado do Maranhão:

Figura 4: Editorial de 1973: "Um Jornal, Uma Universidade".



Fonte: Secma.

De acordo com Ricoeur (1994), a narrativa pode ser explicada pela concepção ficcional, seja ela factual ou não, Ricoeur aponta que na composição de uma história, instituições podem assumir um lugar de personagens, ao deslocarmos o termo "instituição" para uma abrangência da figura política de

José Sarney nas edições comemorativas do jornal, essa tradução encontra efeito ao colocarmos o político como um personagem da história do periódico.

Figura 5: Especial de O Estado "50 anos do Governo Sarney



Fonte: Imirante.com

Este fato alude também a simbiose entre os políticos e a mídia no Maranhão, o editorial de inauguração do jornal, intitulado "Um jornal, uma

universidade”, foi escrito José Sarney, que destaca os objetivos do jornal: “modernizar a imprensa maranhense. Inovar em termos de artes gráficas e renovar em termos de elevá-la, dar-lhe dimensão cultural, semear idéias, discutir problemas” (SECMA, 2007, p.185).

Ainda no texto de inauguração de O Estado, o político continua: “A informação é, hoje, como a saúde, como a vida, um direito. Numa sociedade democrática é a base sem a qual é impossível construir a liberdade; é o oxigênio sem o qual ninguém respira”.

Para Costa (2008) esta informação contida na primeira edição do jornal O Estado do Maranhão era uma referência ao debate sobre o direito à Comunicação em voga no ano do lançamento do periódico, o pesquisador afirma que apesar da constatação de intenção de um discurso de direito à comunicação como reflexo de certo “*Zeitgeist*” alimentado pela *intelligentsia* maranhense nas figuras de Sarney e do poeta e editor de O Estado, Bandeira Tribuzi, o jornal se mostrou ao longo dos anos não preocupado com o direito à informação, parcela desta reputação se deu pela própria natureza do empreendimento visto que o Sistema Mirante junto com o Estado do Maranhão forma uma propriedade cruzada.

Ainda neste editorial, o periódico é tratado como uma “universidade impressa (...) instrumento de cultura e fonte de melhoria educacional”. Anos mais tarde, no dia 01 de maio de 2004, aniversário do jornal, o primeiro editorial é reexaminado, segundo Ribamar Correa, então editor chefe do jornal, a intenção de José Sarney era fazer do seu jornal o núcleo de uma fundação que compreenderia também uma universidade voltada para o desenvolvimento cultural do povo maranhense; em atualização do editorial, Correa defende que “o jornal é uma universidade ao seu modo, e isso é óbvio no acervo que reuniu” (COSTA, 2008)

Neste sentido, o jornal faz mais uma operação jornalística entre o passado e o presente, mas dessa vez atualizando-o. De acordo com Barbosa; Matheus (2008), as segmentações e classificações da história de uma narrativa em fases podem ser entendidas e encerradas em si já como um modo de interpretação.

A ideia de tempo, narrativa e da importância da figura de José Sarney a partir do primeiro editorial não se encerra nas questões acima comentadas, é preciso ressaltar que a interpretação dos fatos e dos agentes de o Estado do

Maranhão era também uma interpretação da conjuntura da época e da configuração espaço-social e política do Maranhão na década de 70.

Ainda na apresentação do editorial da primeira versão impressa de O Estado , o texto de Sarney enfatiza “ao encerrar-se a etapa de construção deste jornal – uma universidade impressa – vou partir para outra: a Universidade Tecnológica do Maranhão”, sobre este aspecto, de acordo com (COSTA, 2008) , a reestruturação do jornal, a mudança de nome e a nova inauguração, são peças-chaves para entender como o projeto político de expansão midiática e política tomavam forma com a possibilidade da Universidade Tecnológica do Maranhão.

Nas palavras do pesquisador , o lema usado por José Sarney na edição especial de inauguração do novo jornal não se referia a um polo de educação tecnológica, e sim a expansão midiática do grupo político que abria o jornal (universidade impressa) com vistas na criação do conglomerado( universidade tecnológica) , o autor aponta ainda que as intenções do fundador do jornal surgiram um ano antes da abertura gradual do regime militar no Brasil; um ano depois da criação do jornal, em 1974 , Ernesto Geisel assume o poder , e os negócios encabeçados pelo jornal começam a de fato se concretizar. Para Costa, 2008:

A trajetória política de Sarney mostra sua esperteza e capacidade de se adaptar às mais diversas situações. Soube consolidar-se como político em um momento no qual o apoio popular era secundário, mas ainda assim, com as promessas de progresso social conseguiu uma capilaridade significativa junto às camadas populares. Dessa forma, a implantação dos seus veículos de comunicação se deu de maneira gradual, à medida que o controle ideológico das massas foi ganhando importância, paulatinamente com a abertura democrática. (Costa, 2008, p. 12).

Nas edições comemorativas que seguiram a primeira edição de O Estado uma característica chama a atenção: As reformas ou feitos do periódico narrados por ele mesmo, nesta condição “os feitos”, compreendem um grande período em que o jornal dialoga apenas com as realizações técnicas e de produção, para se diferenciar de outros jornais regionais, neste sentido percebe-se que os textos comemorativos utilizam-se de marcadores temporais que colocam o periódico sempre em “ processo de mudança” , “ reforma” , “ampliação” ou “ reformulação” , semanticamente as comemorações rememoram o passado enquanto marca , mas sempre deixando evidente que o jornal está ancorado em últimas mudanças

e novidades do ponto de vista técnico e gráfico. Nas edições analisadas o ponto de vista editorial da empresa não é enfatizado, os feitos são apenas “técnicos e de gráfica”.

Na imagem abaixo o especial de 39 anos do jornal, destaca-se as figuras de José Sarney e do poeta maranhense e primeiro diretor do jornal, Bandeira Tribuzzi.

Figura 6 : 39 anos de O Estado “reformulado”.



Fonte: TV Mirante

Outra edição que merece destaque é a edição do jornal de 54 anos de idade, em 2013, nesta fase o jornal volta-se à redação e a ampliação para as sucursais do interior do Maranhão, com ênfase em Imperatriz e Caxias.

O processo de produção do jornal mais uma vez é relatado, mas numa edição comemorativa que buscou colocar as práticas profissionais do jornalismo e a redação de O Estado em primeiro plano e não as mudanças tecnológicas e de gráfica da empresa.

Figura 7: 54 anos de O Estado: A notícia e redação enfatizadas



Fonte: TV Mirante

Em pesquisa sobre o Jornal do Brasil, Matheus e Barbosa (2008) tecem ainda comentários sobre esta prática comum na imprensa nacional, as autoras afirmam que ao contar suas histórias, os periódicos trabalham com a noção de longa história, em que uma longa origem é referenciada e sintetizada sob as alcunhas de reformas míticas e modernizantes.

Ainda para Vieira (Ibidem), ao analisar as origens do JB, outro valor comum com o nosso objeto de análise aparece:

Nota-se então a predominância de uma ideia de ruptura frente ao jornalismo anterior: inovação, pioneirismo, criatividade, vanguarda, originalidade, escola, tradição, independência, liberdade são atributos empregados (...), muitas vezes apoiados em dados factuais, aparentemente tangíveis e inquestionáveis, e que buscam dar legitimidade ao próprio campo jornalístico. Ao apontar uma certa singularidade do jornal com esses atributos, endossam crenças sobre o jornalismo e valores atribuídos à profissão (VIEIRA, 2019, p. 14)

O Estado do Maranhão revisita sua história em algumas edições especiais apontando para o passado por meio de operações narrativas, mas sempre

presentificando a marca “O Estado” como forma de comentar sobre o futuro da empresa.

O presentismo se constitui numa marca quase inerente, se por um lado a urgência atual, a aceleração temporal e os avanços tecnológicos se confundem com o presente e o futuro; por outro, é cada vez maior o valor preponderante do passado nessas narrativas (BARBOSA,2015). E aqui, adentramos também no jogo que os jornais se auto atribuem na construção da história do tempo presente e dos vários recortes do passado que são articulados ou mobilizados para sustentar “suas histórias”.

Nas últimas duas décadas deste século, com o avanço da internet e o uso das redes sociais muita coisa mudou no contexto das configurações dos “feitos” de o Estado do Maranhão, nas edições recentes de comemoração do jornal, compreendidas no âmbito deste capítulo entre os anos de 2015 a 2021 chama atenção que o passado já está “consolidado” para o jornal e a narrativa de edições comemorativas se volta ao futuro digital.

Na edição comemorativa de 56 anos a ênfase passa ao produto digital:

O jornal O Estado do Maranhão celebra hoje 56 anos de existência e, mais uma vez, prova que está na dianteira quando o assunto é renovação. Dando continuidade a uma história pautada na busca pela melhor forma de noticiar, o jornal brinda hoje os seus leitores com um novo site, uma ferramenta que consolida, definitivamente, o ingresso do matutino na era da integração midiática. O novo site traz para o leitor a possibilidade de se comunicar melhor com o veículo, por meio de uma linguagem gráfica moderna, além de um conteúdo atualizado com maior frequência. “Hoje o nosso jornal começa com as notícias online, é o site que dá a direção que será seguida pelo impresso que estará nas bancas no dia seguinte”, destaca o Diretor de Redação de O Estado, Clóvis Cabalau. A interação entre os dois suportes, o papel e o digital, se consolidou ano passado. “Hoje os dois são uma coisa só, um complementa o outro seguindo uma tendência que é uma via de mão dupla na qual o impresso reforça o digital e vice-versa”, frisa Cabalau. Para o diretor executivo de O Estado do Maranhão, Marcus Sarney, o jornal acompanha as mudanças impostas pelo mercado editorial nacional e marca, com o site, um novo momento da empresa. “O nosso grande desafio é fazer com que o nosso leitor, que é fiel ao jornal impresso, também possa contar com o digital. Ao mesmo tempo, fazer com que este leitor mais jovem também desenvolva o hábito de ler jornal impresso, ressaltando que a partir de agora, o jornal O Estado estará à disposição do leitor 24 horas”, destaca Marcus Sarney (OESTADOMARANHÃO, 2015).

Já na edição de 2018, o universo digital de O Estado do Maranhão já está totalmente planejado na edição de aniversário do jornal impresso:

Há 59 anos na vanguarda da notícia e Divisor de águas na imprensa maranhense, o jornal O Estado do Maranhão, fundado por José Sarney e Bandeira Tribuzi, tem como uma de suas principais características a constante renovação, O jornal está sempre se renovando, seja na edição impressa, seja na digital. Por isto mesmo, o periódico, que celebra hoje 59 anos, tem ofertado aos seus leitores conteúdos diferenciados, segmentados em editorias específicas (OESTADODOMARANHÃO, 2018).

Em ambas as edições comemorativas, o jornal deixa de lado a construção de um passado mítico e volta-se novamente para o aceno ao futuro. De modo discursivo é curioso apontarmos também que esta construção utiliza as mesmas atribuições semânticas e sintáticas que outrora foram usadas no passado para descrever o papel do surgimento do Estado no Maranhão em 1973, palavras como “vanguarda, renovação, dianteira, mudança” agora são atualizadas para fazer o impresso caber na Internet. Essas narrativas são permanentemente atualizadas em discursos autorreferenciais do jornal.

Outro aspecto que chama atenção nas edições comemorativas de 2021, é que na edição comemorativa de 01º de maio de 2021 não há qualquer referência ao fim do jornal impresso que viria a ocorrer no segundo semestre do mesmo ano, ainda assim , apesar de não haver conteúdo sobre o assunto, o tom geral dos textos assume uma outra matriz, se na primeira fase houve a construção monumental de um passado tradicional para o jornal , e na segunda fase a ênfase foi nos feitos do jornal e no aceno ao futuro, nos textos da última edição de aniversário , o periódico já dava mostras do que viria a ocorrer meses depois:

“Em seguida, após a passagem de Correa, assumiu a direção do jornal, o então coordenador de Redação, Clóvis Cabalau, que ocupa o cargo máximo de O Estado até os tempos atuais. Transformação para o universo online foi o principal desafio “Assumi a Direção de O Estado em outubro de 2014. Antes disso, já vinha participando, como coordenador da Redação, do fortalecimento gradativo do conteúdo online do jornal. A princípio, criamos um Núcleo Digital, responsável por abastecer o site e as redes sociais. Mas à frente, percebemos que toda a Redação, não apenas um núcleo, deveria estar focada no jornal como um veículo multiplataforma. Assim, toda a equipe deveria estar engajada em produzir tanto para o impresso quanto para o on-line. Este foi o maior desafio. Parte da equipe não se adaptou à necessidade do trabalho multimídia. A maior parte compreendeu a necessidade, levando o jornal conquistar o seu espaço no ambiente digital do Maranhão”, disse. Para Cabalau, O Estado segue avançando por diferentes plataformas (OESTADO DO MARANHÃO,2021).

Ainda na versão de aniversário do jornal em 2021, outro texto comemorativo deixa evidente mais uma vez que a relação com os leitores

mudou, que o jornalismo digital chegou e que o periódico entendia o momento ou conjuntura que diversos veículos midiáticos estavam passando:

Na era das redes sociais (que vieram para consolidarem-se em nossa rotina) e das avançadas tecnologias, os tradicionais veículos de comunicação precisaram se reinventar. Porém, sem perder a essência do bom trato com a informação, carregando o peso do jornalismo de excelência. O jornal O Estado do Maranhão - ou O Estado, como é conhecido popularmente - que, neste sábado (1º de maio) completa 62 anos de história “sopra mais uma velinha” ainda no cotidiano das pessoas. Devido às novas plataformas de acesso à informação, o jornal mudou (e muda a cada dia) sua roupagem e a “cara” da empresa, ou seja, sua versão impressa migrou para outros dispositivos (tablets, celulares, e outros...). A idade longa do jornal – que cobriu e cobre fatos históricos da vida dos maranhenses e de outras partes do Brasil e do mundo (como a pandemia do coronavírus) – fez com que o trato entre leitor (a) mudasse, porém sem perder a sua essência: a leitura matinal e contínua em outros períodos do dia (seja pela versão digital, pela própria boa e velha versão impressa ou ainda pelo site oestadoma.com (OESTADODOMARANHÃO,2021)

Diferentemente das outras edições ora analisadas (primeira edição, 39 anos, 54 anos, 56 anos), os textos presentes na última edição de aniversário de O Estado falam diretamente com os leitores e com antigos e novos jornalistas da casa, uma espécie de referencialidade própria a sua história, mas sem os contornos de construção do passado ou sem a personificação da figura de José Sarney, que aparece apenas tangencialmente na última edição de aniversário do periódico.

Nestes textos a consolidação do passado já está dada, o aceno ao futuro já foi aventado em edições anteriores, então mesmo sem anunciar o fim do jornal impresso que aconteceria meses depois, o periódico em sua auto narrativa elaborou pistas sobre o presente, ou rastros.

É por meio deste procedimento que podemos vislumbrar os rastros específicos que conduzem o acontecimento à contemporaneidade, mas não só, para o Ricoeur “o rastro enquanto tal, não é ele o próprio presente? Remontar o rastro não é tornar os acontecimentos passados a que ele conduz contemporâneos de seu próprio rastro? (RICOEUR,1997, p.244).

Sobre o presente do Jornal O Estado do Maranhão, sua última edição de aniversário revelou os desafios de se ter uma redação funcionando na pandemia, a diminuição do quadro de funcionário e até mesmo a redução de produção do impresso, meses antes do seu fim:

Edições atuais e o futuro: A fim de reduzir a presença de pessoas da equipe na Redação, o jornal impresso está circulando com apenas um caderno, exceto em edições especiais e aos fins de semana. A edição de sábado/domingo circula atualmente com três cadernos, incluindo a Revista PH. Com a redução do noticiário impresso, o conteúdo digital foi reforçado, incluindo maior movimentação das redes sociais e mais conteúdo no site de O Estado (OESTADODOMARANHÃO, 2021).

Por fim, a última edição de aniversário do jornal impresso trouxe um relato de José Sarney, que ocupou um lugar de menor destaque do que nas outras edições analisadas, o fundador do jornal frontalmente discorre sobre a crise do jornalismo, as dificuldades do impresso, e admite, ainda que superficialmente e de modo a generalizar, que o futuro do jornal impresso é ser digital:

Eu vejo O Estado como o maior do Maranhão. Evidentemente que ele vive a crise do jornal impresso, que é um processo não somente local como nacional. A tendência é que eles passem a ser mesmo digitalizados. São mais ágeis, que funcionam em tempo real. O Estado prestou grandes serviços ao estado e modernizando, sobretudo, a imprensa do Maranhão. É um jornal que, até hoje, discute os problemas do estado e, ao mesmo tempo, defende os grandes empreendimentos que o Maranhão almeja. Agradeço mais recentemente ao Ribamar Corrêa, que prestou um grande serviço e dedicação. Durante vários anos sustentou a circulação do jornal com o mesmo nível de qualidade. Atualmente a nossa equipe é a melhor do jornal do Maranhão. Estamos mantendo, com todas as dificuldades, a maior circulação de jornal local, com grande fidelidade de leitores (OESTADODOMARANHÃO, 2021).

Pensar nestes acontecimentos midiáticos é diferente de pensar em enquadramento das narrativas da mídia, a questão do acontecimento é mais complexa, ao pensarmos nas edições comemorativas do jornal impresso O Estado do Maranhão enquanto acontecimento é importante destacar que, o ritmo adotado passa a ser o presente contínuo, não do acontecimento histórico distendido do tempo, mas das temporalidades que se cruzam numa rápida dilatação a partir do presente, sob um novo regime de entendimento do que é a criação de uma identidade e tradição do periódico.

Um destaque desta relação é a historicidade mediada como a que se percebe em que o jornal concomitantemente desempenha dois papéis: o primeiro de portador da notícia, e o segundo de porta-voz do acontecimento biográfico.

Papéis exercidos sem distanciamento e imparcialidade, mas que foram construídos também para dar inteligibilidade ao processo de identificação da marca O Estado do Maranhão.

A partir de Ricoeur (1997) podemos pensar esta reafirmação do passado em uma relação temporal com uma constante variável entre o presentismo e o passado, nas palavras do filósofo francês, a primeira etapa para se pensar este passado é subtrair a distância temporal, operação que ele deu o nome de des-distanciamento, neologismo responsável por encenar uma identificação com o que outrora foi este passado e apoiá-lo sempre no presente, seja na edição de 39 anos, na edição de 54 anos ou na primeira edição do jornal.

Ao pensar em datas comemorativas e efemérides é preciso também atentar que a própria edição ora analisada, a última edição impressa é também uma edição comemorativa, nela estão inseridos atos de fala, desenhos e projeções do que o jornal pensa para o futuro a partir do presente. É neste ponto que os efeitos pretendidos de comemoração, reafirmação do passado histórico, identidade e autolegitimação são de fato efetivados.

Nesta última edição o jornalismo autorreferente é percebido desde a seleção dos textos “Minha vida em O Estado; O estado do Maranhão é um pedaço da história da imprensa no Maranhão e Minha trajetória de 25 anos na escola jornal O Estado do Maranhão”.

Para além deste recorte outras táticas de auto referencialidade podem ser observadas. É preciso também salientarmos que, de acordo com Motta (2013) a escolha dos personagens é uma escolha do projeto dramático do sujeito narrador (O Estado do Maranhão), sujeito institucional que faz escolhas argumentativas e operacionais, procurando envolver o destinatário.

Chamamos atenção em especial para a seleção de jornalistas e convidados que estiveram na última versão impressa do periódico, é possível considerar os nomes divididos em duas categorias 1) jornalistas e personalidades literárias:

**Quadro 1:** Jornalistas e personalidades literárias

Categoria 1	Jornalistas e personalidades literárias
Ronaldo Rocha	Repórter de Política, atuou por mais de 14 anos na equipe de O Estado
José Carlos Sousa Silva	membro da academia maranhense de Letras, advogado e jornalista, começou a escrever no jornal em 1963, a época Jornal do Dia
Thiago Bastos	Repórter de pautas especiais, políticas e apresentador do Liga O Estadão

Ribamar Cunha	Editor de economia durante 25 anos no periódico
Bruna Castelo Branco	Editadora do caderno alternativo e atuou no jornal por 15 anos
Benedito Buzar	historiador e membro da Academia de Letras do Maranhão
Antonio Carlos Lima	Escritor e membro da Academia de Letras do Maranhão
Clóvis Cabalau	diretor de redação de O Estado onde atuou em diversas funções por 20 anos
Selma Figueiredo	diretora de redação de O Estado
José Neres	membro da academia de Letras do Maranhão
Félix Alberto Lima	Membro da academia de Letras do Maranhão
Luiz Thadeu Nunes e Silva	escritor e engenheiro agrônomo
Barbara Láurea	estagiária de O Estado
José Ewerton Neto	escritor e membro da Academia de Letras do Maranhão
Pergentino Holanda	cronista e escritor

Fonte: Elaboração própria (2024)

Dessa angulação é possível vislumbrar a escolha dos nomes de prestígio para última edição, mas é possível percebermos também que o espaço narrativo se torna também um espaço de homenagem e ode aos funcionários do periódico que muitas vezes são lembrados em citações diretas pelos autores das matérias, ou até mesmo o espaço privilegiado dado a estagiária do jornal, com a possibilidade de escrever uma matéria na última edição impressa. Estas táticas articulam de modo evidente aquilo que Fausto Neto (2008) traduz a intermediação entre jornalistas e leitores e as respectivas produções de sentido sociais sobre o público:

Na “sociedade dos meios” o jornalismo já gozava de relativa autonomia (caucionada por sua competência discursiva e pela natureza de sua simbólica própria), mas o seu projeto tecno-enunciativo levava em consideração suas conexões com um ambiente externo de interlocução constituído pelos campos sociais e seus respectivos processos de produção de sentido. Este lugar representacional repercutirá nos seus modos de conectar-se com o leitor (FAUSTONETO,2008, p. 112)

Isso é revelador de que a escolha dos jornalistas e convidados obedeceu duas vertentes, uma primeira que privilegia a própria história do periódico e uma segunda que traça perfis de notável conhecimento literário, canônico e que conferem status e importância ao espaço recebido por esses autores na última edição do impresso, é o que sintetiza Jacomé (2014) ao elaborar “o jornal não abre mão de sua história”.

A importância de se buscar pistas de autolegitimação nas narrativas e de auto referencialidade diz respeito tanto ao próprio discurso dos jornais quanto às próprias contradições apresentadas, ou aparentemente sublinhadas dos discursos oficiais.

Outra categoria destacada no material da última edição são os materiais assinados por políticos e personalidades do mundo política, outra estratégia assumida pelo projeto dramático de O Estado:

Quadro 2: Políticos que assinam materiais na última edição

Categoria 2	Políticos
José Sarney	Ex-presidente, ex senador, ex governador e ex-deputado.
Roseana Sarney	Ex- governadora do Maranhão e atual deputada federal
Joaquim Heickel	Ex-deputado,secretário de Comunicação da prefeitura de São Luiz
Roberto Rocha	Senador da República

Fonte: Elaboração própria (2024)

Na escolha dos políticos que foram convidados para última edição do impresso, aqui abre-se um novo adendo para percebermos também estas escolhas como táticas de auto referencialidade, legitimidade e autocelebração da empresa.

Em suma não há vozes discordantes do processo de fim do impresso, ainda que a estratégia narrativa apontada pelos autores que lamentam o processo seja por meio de uma subjetivação do real na narrativa que tem o intuito não de opor-se ao processo, mas de sublimar o movimento de forma a romantizar a possível transição e o fim do periódico impresso.

Essas estratégias obedecem ao que Fausto Neto (2008) identifica como “iniciativas de organização de contato” e “ pedido de reconhecimento exterior”,

para o autor, são táticas de autolegitimação permeadas pelo trabalho de auto-referencialidade de dentro e de fora do próprio jornal O Estado do Maranhão.

Neste capítulo optamos por discutir as diversas temporalidades presentes no Estado do Maranhão sem um recorte específico em relação à última edição. Trabalhamos as efemérides a partir de um conjunto de datas que compreendem alguns dos mais importantes feitos do periódico nos seus 62 anos, esta escolha é um pressuposto estratégico para entendermos como o jornal construiu sua identidade, não apenas na última edição que condensa a “identidade” do nosso objeto, mas pelo cruzamento das narrativas do presente, passado e porvir de O Estado do Maranhão.

No próximo capítulo trabalharemos as pistas metodológicas ou rastros que apontam o fio condutor da operação entre o passado e a contemporaneidade na interpretação do acontecimento narrativo.

#### 4 RASTROS DE UM JORNAL DE OUTRORA OU PISTAS PARA O PORVIR

Propomos neste trabalho estudar a narrativa sobre o fim do jornal O Estado do Maranhão a partir do próprio material narrado na última edição impressa do periódico. A situação de comunicação *in presentia* deixa evidente que partimos do modo de narrar do próprio jornal, dos seus atos de fala e discurso e de seu posicionamento oficial.

A partir da metodologia proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013) trabalhamos na perspectiva de uma técnica hermenêutica, ou seja, de interpretação, baseada na fenomenologia do processo de finalização do impresso e da comunicação do jornal sobre o fato como ponto de partida.

A análise narrativa nasce a partir dos estudos da análise literária e das análises estéticas, dentro dos macros gêneros, drama, lírico e narrativo. A grosso modo, o estudo das narrativas foi expandido para outros campos do saber, estudando desde narrativas fáticas e históricas até ficções clássicas.

De acordo com Gonzaga Motta (2013) “narrar é relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhados para um desfecho, ou relatar processos de mudança, processos de alteração e de sucessão inter-relacionados (MOTTA, 2013, p. 71).

De modo geral, este procedimento não propõe a análise da composição, coerência ou estrutura interna da narrativa, mas nos debruçamos sobre os relatos enquanto material que une os interesses do narrador, seja individual ou institucional, (O jornal O Estado do Maranhão) e o seu interlocutor, destinatário (o público, os leitores).

A porta de acesso para execução da metodologia da análise crítica da narrativa é a observação sistemática dos relatos narrados. Motta (2013) propõe a criação numa primeira etapa de resumos-enredos sobre os objetos estudados.

A segunda etapa consiste no entendimento narrativo das matérias como um “projeto dramático”, conceito que consiste em decupar o material a ponto de surgir uma sinopse de cada intriga, e surge assim, o enredo de cada matéria que identifica aquilo que o narrador hegemônico deseja instaurar.

De acordo com Motta (2013), esta etapa permite que novas dimensões de significações se sobressaiam ao material e a partir daí é possível a identificação de serialidade do enredo, dos conflitos, das lógicas narrativas e dramáticas, e das estratégias utilizadas na coprodução de sentidos na narrativa do objeto analisado.

O projeto dramático é um marco, frame, enquadramento de uma perspectiva narrativa do mundo fático estruturado em sua retórica dramatizada pelo narrador.

Toda narrativa ou ato de empreendimento narrativo revela uma intencionalidade. De acordo com Van Dijk (2004), estes empreendimentos narrativos são feitos com intenções que podem ser intuitivamente percebidas pelos leitores, o autor chama isso de pressuposto interpretativo, logo é o pressuposto de que os leitores e interlocutores interpretam um dado, um enredo, uma narrativa como uma estória sobre um acidente.

A critério de exemplo dado o nosso objeto de estudo, o pressuposto interpretativo é do leitor ao saber que está lendo a última edição do jornal impresso tende a questionar o motivo que levou ao fim do periódico e busca encontrar a interpretação (notícia) no material da última edição de O Estado. Compreender aqui a partir do pressuposto interpretativo envolve não somente a interpretação/compreensão dos fatos exteriores, mas a construção, a ativação e o uso de informações internas e cognitivas no processo de entendimento da narrativa.

Neste contexto de análise é preciso evidenciar que o projeto dramático (Motta; 2013) é um conceito utilizado a partir da dominante temática desenvolvida na teoria de análise do discurso, logo os episódios como unidades semânticas são superpostos nas matérias/ entrevistas/ materiais divididos do jornal de forma episódica, que após análise conferem um funcionamento cognitivo organizacional de uma temática narrativa única.

No plano da estória, a identificação do principal conflito dramático emerge à medida que os episódios são esmiuçados revelando assim o frame cognitivo, para Gonzaga Motta (2013) o conflito dramático é o frame cognitivo por meio do qual o narrador/ autor organiza a realidade que pretende narrar.

Após análise é possível percebermos o projeto dramático (a construção da narrativa do fim no próprio objeto), ou seja, a narrativa objeto de análise e

observação e seu processo comunicativo. Assim, o conflito dramático é onde a narrativa dispõe das ações e personagens dos relatos para dar fim a sua intenção de discurso e narrativa.

Para a pesquisa foram catalogadas todas as matérias da última edição: “Nova Fase deste Jornal, Última Edição, Minha Vida em O Estado, O Estado do Maranhão é um pedaço da História do Maranhão, O País e o Estado do Maranhão, A Última Edição, O Estado: Gratidão e Saudade, Para Mim, não acabaram, Minha Trajetória de 25 anos na grande escola Jornal O Estado do Maranhão, Fotografando na Memória, Texto Final, O Tempo e o Vento, Obrigada, Farol de Qualidade, Despedida, Nós que somos de uma geração mais acostumada com as mídias tradicionais, vamos sentir falta!, e De perto ninguém era Normal .”

O último texto selecionado foi o Editorial do jornal na sessão Opinião com o texto editorial Aos Nossos Leitores. Os textos completos podem ser verificados nos anexos deste trabalho.

Os perfis dos jornalistas e convidados foram trabalhados no capítulo teórico segundo, no subtópico “ O jornal Estado do Maranhão: Historicizando a identidade do periódico ao longo do tempo”. A escolha pela distribuição dos autores em outro capítulo se deu por conta do ordenamento teórico-empírico que mobilizou os autores da última edição do jornal O Estado do Maranhão já como uma edição comemorativa a ser analisada.

A seguir representamos o *corpus* coletado no quadro com as editorias e os respectivos autores das matérias:

Quadro 3: Matérias da última edição

<b>Título</b>	<b>Autoria</b>
Alternativo/Caderno Geral e Editoria	O Estado do Maranhão Autores
Nova Fase deste jornal	José Carlos Sousa Silva
Última Edição	Joaquim Haickel
Minha vida em O Estado	Bruna Castelo Branco
O Estado do Maranhão é um pedaço da história da imprensa do Maranhão	Bruna Castelo Branco / José Sarney
O País e o Estado do Maranhão	Benedito Buzar
Uma trajetória em papel jornal	José Neres

A Última Edição	Antonio Carlos Lima
O Estado :Gratidão e Saudade	Ronaldo Rocha
Para mim, não acabou	Thiago Bastos
Minha trajetória de 25 anos na grande escola O Jornal do Maranhão	Ribamar Cunha
Fotografando na Memória	Clóvis Cabalau
Farol de Qualidade	Roberto Rocha
Obrigada	Barbara Laurea
O tempo e o Vento	José Sarney
Despedida	Luiz Thadeu Nunes e Silva
Nós que somos de uma geração mais acostumada com as mídias tradicionais, vamos sentir muito!	Roseana Sarney
Saudade	Pergentino Holanda
De perto ninguém era normal	Félix Alberto Lima
Texto Final	Selma Figueiredo

Fonte: Elaboração Própria (2024).

A primeira parte da pesquisa consiste em a partir do entendimento do projeto dramático do Jornal O Estado do Maranhão compreender a síntese da intriga no material coletado, e essa revelação desdobra-se na análise.

O segundo passo é decompor e recompor a sintaxe narrativa, observando as relações e correlações lógicas entre as ações relatadas. Os procedimentos anteriores permitem apenas o movimento operacional que remete à essência do objeto, a estória, a narrativa.

A próxima etapa consiste em relacionar a situação concreta de comunicação (comunicação sobre o fim do jornal impresso) com o encadeamento narrativo que conduz o narrador (Jornal O Estado) na articulação que lhe pareceu verossímil para o narratário (leitor, público).

Neste último momento é possível analisar criticamente as estratégias, operações de sentido, atos de fala e construção de sentido e papéis funcionais do narrador fabulados na lógica de inteligibilidade pretendida pelo jornal ao noticiar o seu próprio fim.

Por fim, trabalharemos em quadros interpretativos das categorias analisadas (projeto dramático, conflito, plano da estória, enredo, personagens),

é válido salientar que a metodologia aqui trabalhada é apenas um recorte das dezenas de possibilidades apontadas por Luiz Gonzaga Motta para se trabalhar criticamente a análise de narrativas.

Não buscamos superar todas as questões, as categorias escolhidas foram as que se mostraram mais representativas para possíveis respostas que foram levantadas pelo objeto empírico, ressaltamos que outras perguntas também carecem de outras soluções metodológicas dentro do mesmo esquema, mas com diferentes perspectivas.

Os projetos dramáticos tem origem na vida comum tanto dos jornalistas quanto dos interlocutores, são sempre utilizados na representação e atualização destas representações narrativas, voltando-se mais uma vez ao exemplo do nosso objeto de estudo, O jornal O Estado do Maranhão empreende a tecnologia no seu editorial de fundação como plano executor de todas as atividades desempenhadas pelo periódico a partir daquele momento, e ao final em 2021, atribui a mesma característica e motivação ao término da edição impressa, ora só é possível atribuir estas qualidades a momentos tão díspares porque o narrador do projeto dramático encontra na vida real explicação para este contexto comunicacional, seja no passado por meio das míticas reformas editoriais e tecnológicas, seja no presente por conta do advento da internet. Para Motta (2007):

“Realço aqui a reciprocidade para enfatizar que os enquadramentos utilizados pelos jornalistas e receptores têm origens comuns no mundo da vida, na cultura de ambos. Isso nos leva a inserir a análise dos enquadramentos jornalísticos nos mapas culturais da sociedade que são utilizados na representação e apresentação que instituem a realidade (MOTTA, 2007, p.2)

É preciso ressaltar que o projeto dramático não é uma imposição prévia por parte das empresas jornalísticas aos funcionários e dos jornalistas aos leitores, estas operações se dão em um âmbito mais sutil que são apreendidos pela realidade relatada e pelas formas de inteligibilidade de diversos tópicos narrativos.

De acordo com Van Dijk (2004) neste contexto de análise é preciso evidenciar que o projeto dramático (Motta;2013) é um conceito utilizado a partir da dominante temática desenvolvida na teoria de análise do discurso, logo os episódios como unidades semânticas são superpostos nas matérias/ entrevistas/

materiais divididos do jornal de forma episódica, que após análise conferem um funcionamento cognitivo organizacional de uma temática narrativa única.

No plano da estória, a identificação do principal conflito dramático emerge à medida que os episódios são esmiuçados revelando assim o frame cognitivo, para Motta (2013) o conflito dramático é o frame cognitivo por meio do qual o narrador/ autor organiza a realidade que pretende narrar. Identificar o conflito permite ao analista perceber o conflito dramático. A critério de exemplificação no nosso próprio objeto o conflito consiste na seguinte situação: O Jornal O Estado do Maranhão encerra sua versão impressa. O conflito na narrativa não provém da representação narrativa ou do enredo, mas do mundo fático.

Após análise é possível percebermos o projeto dramático (a construção da narrativa do fim no próprio objeto), ou seja, a narrativa objeto de análise e observação e seu processo comunicativo. Assim, o conflito dramático é onde a narrativa dispõe das ações e personagens dos relatos.

#### *4.1 RASTROS DO JORNAL O ESTADO DO MARANHÃO NO MUNDO POLÍTICO*

Nas análises a seguir para uma melhor compreensão dos estudos e para melhor assimilação do material por parte dos leitores dividimos o material em duas categorias: a) matérias assinadas por políticos e b) matérias assinadas por jornalistas e personalidades literárias convidadas para a última edição de O Estado do Maranhão.

Esta divisão além de facilitar o entendimento do que foi o Jornal O Estado em sua última edição, já foi adotada no capítulo teórico desta pesquisa. Optamos por reproduzir no primeiro espaço analítico os quadros com a síntese da análise que compreendem o projeto dramático das matérias, o conflito, o enredo e os personagens, categorias pormenorizadas nos capítulos teóricos e na metodologia desta dissertação; em seguida reproduzimos as análises textuais das matérias, e nos anexos do trabalho estão as matérias integralmente como foram coletadas na pesquisa.

**Nós somos de uma geração mais acostumada com as mídias tradicionais, vamos sentir falta!**

**Autora: Roseana Sarney**

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal/empresa	A modernização levou ao fim do jornal impresso .	Em tom autocelebratório a entrevista realça aspectos positivos da empresa O Estado.	O jornal O Estado do Maranhão

A narrativa empreendida parte de uma pequena entrevista dada ao jornal O Estado do Maranhão, por Roseana Sarney, que pertence à família que administra o periódico.

O enredo parte da premissa que o jornal impresso já acabou e a voz da narrativa dá enfoque no tom autocelebratório da empresa. De modo a uma narrativa oficial, a autora tece breves comentários sobre o jornal da família, não há em nenhum momento questionamentos sobre os motivos que levaram ao fim do impresso, e o tom das perguntas faz coro ao enredo do projeto dramático de O Estado.

Roseana utiliza o espaço para afirmar que “o papel revolucionário na edição, no uso da cor e na variedade de cadernos temáticos, com destaque à cultura local”. A autora finaliza a entrevista consumando o papel autocelebratório da empresa: “ Daí a importância do jornalismo profissional, como sempre foi feito pelo O Estado ao longo de sua história, comprometido com a veracidade do que é noticiado, que se baseia em fatos e testemunhos, e que está submetido aos princípios da ética jornalística”.

Apesar de ser o foco da entrevista realizada, Roseana Sarney assume o papel de intermediária do discurso do jornal, colocando o periódico como personagem principal do breve enredo da narrativa.

## Última Edição

**Autor: Joaquim Haickel**

Projeto Dramático  Do jornal/empresa	Conflito  Por que um jornal acaba?	Enredo  O narrador explica por qual motivos outros jornais chegaram ao fim.	Personagens  Joaquim Heickel/ autor
--	--	---	---

A matéria intitulada Última Edição assinada por Joaquim Haickel tece brevemente comentários sobre a trajetória de O Jornal O Estado do Maranhão dentro da perspectiva do autor que foi colaborador do periódico por 35 anos.

O narrador é o próprio autor que discorre superficialmente sobre sua passagem pela empresa jornalística, a composição narrativa analisada parte de uma intriga que é um pressuposto básico implícito no material “ Por que um jornal acaba? ”

O narrador jornalista assume primeiramente a posição de defesa do jornal, mas com um condicionante, no qual revela no final do seu texto o verdadeiro motivo do fim do jornal para o narrador. Em um primeiro momento no texto é destacado aquilo que Gonzaga Motta (2013) chama de intriga na narrativa, este acontecimento-intriga parte do ponto: o jornal O Estado do Maranhão acabou, chegou a sua última edição, (título da matéria), mas por qual motivo o jornal acabou?

A narrativa enquanto objeto de análise foi localizada apenas no plano da estória (conteúdo, enredo e intriga), embora o narrador coloque destaque no próprio jornal como personagem da trama consideramos que neste material o personagem é o próprio Joaquim Haickel e suas relações com o mundo e com o jornal.

Um aspecto curioso da narrativa é o uso dos dêiticos, o sujeito narrador dispõe de estratégias que localizam e marcam o leitor temporalmente em sua relação com o objeto narrado ou com a sucessão de fatos. O narrador escolheu referenciar de modo abstrato sua participação no periódico “Não me lembro exatamente quando comecei a publicar meus textos no jornal O Estado do Maranhão”, o artifício revela uma estratégia: uma operação de tradição, a partir

do momento que o objeto “O Estado do Maranhão” está inserido na tradição daqueles leitores e na vida do narrador.

A narrativa, entretanto, possui maneiras opostas de relatar os fatos, se por um lado o narrador apela aos feitos tecnológicos para explicar o fim do jornal, por outro, ele reforça a importância da materialidade que a versão impressa do jornal teve na cultura do Maranhão.

Há uma vontade ontológica por parte do narrador em criar sentidos na ação narrativa, esse ato configurativo reúne nos textos elementos heterogêneos com circunstâncias, meios e intenções distintas, elementos como: Gutemberg e a invenção da imprensa, Orson Welles em Cidadão Kane e o Google se aglutinam na linha de pensamento do narrador, com intenção implícita no seu ato narrativo: demonstrar o avanço da tecnologia como responsável pelo fim do jornal impresso.

O ato narrativo expande-se, pois, o narrador constrói um desejo de justificar sua intenção narrativa de expor o fim do jornal como fruto do avanço da tecnologia, e com intuito de traduzir e comprovar fielmente ao seu interlocutor o discurso, é o que Motta (2013) chama de vontade de criar sentido, para dar cabo da missão, o narrador configura seu relato de modo dessubjetivado a fim de organizar o discurso com a finalidade de convencer o leitor

O narrador abusa de exemplos concretos para enaltecer sua versão da história; ele afirma: “Antes do Jornal O Estado do Maranhão, jornais muito maiores, pertencentes a conglomerados muito mais ricos e poderosos, situados nos maiores centros financeiros da Terra, fecharam suas portas”. A afirmação é comprovada no parágrafo seguinte pelo uso farto de citações referenciadas ao site de buscas do Google, em que o narrador elenca jornais americanos que fecharam suas portas “Segundo o Google, instrumento de pesquisa mais acessado do mundo, nos Estados Unidos, entre 2004 e 2018, mais de 1800 jornais deixaram de existir”.

Uma marca da narrativa é a profusão de citações e referências que dão mais legitimidade ao saber do jornalista que já é um saber- perito *per se*, no entanto, o narrador abusa de exemplos estrangeiros para reforçar suas ideias, e apenas na última parte do material ele reforça os argumentos com nomes de jornais brasileiros que chegaram ao fim, migraram ou fecharam suas portas, tais

como “ Jornal do Brasil, Gazeta Mercantil, Jornal da Tarde, O Estado do Paraná, O Diário do Comércio”.

Essa estratégia de referenciação partindo de exemplos estrangeiros para os nacionais é uma tática também de reforçar que as mudanças que o jornal “O Estado do Maranhão” passou são reverberantes em outras partes do mundo, seguindo essa lógica que dicotomiza exemplos por regiões, o autor entra numa última seara, se a primeira são os jornais americanos, a segunda os jornais brasileiros , por último, o narrador se esforça para demonstrar muito brevemente que no próprio estado do Maranhão “muitos periódicos deixaram de existir, como é o caso do Jornal Hoje” .

Por último, o narrador traz um ponto de virada em relação ao plano da estória, ao estabelecer desde o início do relato que o jornal O Estado do Maranhão está seguindo os passos de outros jornais e ao naturalizar o fim do impresso ao discorrer sobre o fenômeno em outras partes do mundo e do Brasil.

O narrador estabelece um fio condutor que é desvelado a outro nível a partir da última parte do texto em que finalmente o autor explica sua opinião e contrasta com todo o exposto anteriormente, em resumo ele aponta que participou de outras empresas do grupo que lidera o jornal e que os empreendimentos sempre chegam ao fim por uma crise financeira , nas palavras dele “ A gráfica escolar, proprietária do Jornal O Estado do Maranhão tentou durante muito tempo mantê-lo ativo, mas um negócio não pode ser tocado apenas com vontade e garra. Ele precisa se manter econômica e financeiramente, coisa que há muito tempo não acontecia...”.

## **O tempo e o Vento**

**Autor: José Sarney**

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal/ empresa	Por que o jornal acaba?	A crônica fala sobre as mudanças tecnológicas a partir da perspectiva do Jornal O Estado do Maranhão	O jornal O Estado do Maranhão

O espaço ocupado por esta matéria no jornal estudo é o lugar destinado às crônicas em O Estado do Maranhão, lugar esse ocupado por José Sarney por mais de 40 anos como autor fixo do caderno de crônicas. O que se observa é um relato em primeira pessoa sobre a paixão do autor pelo objeto narrado: O Estado do Maranhão. O Jornal foi fundado pelo autor do texto.

Naquilo que Ricoeur (2010) chama de pistas da narrativa, é interessante que o narrador ao discorrer sobre a história do Jornal divide o movimento de culminou com a origem do jornal em dois tipos distintos de interesses a) um primeiro artístico, com escritores, cronistas e poetas e b) um segundo movimento com políticos.

O autor ao narrar a história do jornal enfatiza seu interesse como político, o que corrobora com D' ELBOUX (2003) que cristaliza a função social do jornal desde o início como uma função política por parte de José Sarney, o narrador revela “ Já na política, Tribuzzi sempre ao meu lado, resolvemos fundar O Estado do Maranhão com o objetivo de modernizar a imprensa maranhense, até então mergulhada na sombra do pasquinismo panfletário do século XIX”.

Ainda no último parágrafo, o autor escolhe mais uma vez que diante do conflito exposto, o frame cognitivo que define o projeto dramático do enredo é “ Seguimos a tendência mundial, forçados pela era do virtual...Não encontramos vacina para nos salvar. ”

**O Estado do Maranhão é um pedaço da história da imprensa do Maranhão**  
**Autores: José Sarney e Bruna Castelo Branco**

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal/empresa	A modernização levou ao fim do jornal impresso	O narrador empreende um texto sobre a modernização do Maranhão e a modernização do jornal O Estado do Maranhão,	José Sarney  O jornal O Estado do Maranhão

A matéria é assinada por José Sarney e Bruna Castelo Branco, embora tenham dois narradores, o frame narrativo (MOTTA, 2013) é a perspectiva do autor José Sarney, no relato ele é narrador e personagem. É o único exemplo dentre o material coletado que pode-se ouvir a versão dada pelo dono do jornal sobre o fim do impresso.

A função narrativa de Bruna Castelo Branco no texto é dar ênfase aos atos de fala de José Sarney numa mistura de gêneros que podem ser compreendidos entre uma entrevista, perfil de personagem, perfil do jornal e discurso do dono do periódico.

É interessante apontar que a intriga gerada pelo enredo é empreendida em duas possíveis vertentes: a) a voz do jornal e b) a voz do dono do jornal. O jornal O Estado do Maranhão é apresentado no primeiro capítulo como “um grande sonho compartilhado por dois jovens intelectuais e ávidos por novidades”.

Um fato interessante a ser analisado é que a apresentação inicial e durante toda a reportagem descarta-se o papel social do ator José Sarney enquanto político, embora à época que adquire o jornal o autor já estivesse no meio político ele é descrito como “um intelectual”, em seguida apresentado como ex-presidente do Brasil, sem discorrer sobre cargos políticos assumidos ao longo de uma história política no Estado do Maranhão. Chama atenção também que o projeto dramático do material analisado é fortemente apoiado na ideia de modernização.

Se por um lado o enredo discorre abundantemente sobre a modernização do Maranhão e a modernização do jornal O Estado do Maranhão, em nenhum momento a narrativa deixa claro que concomitantemente ao processo de modernização da imprensa no Maranhão surgiu um movimento de modernização da política maranhense do clã Sarney contra a antiga oligarquia de Vitoriano Freire.

O próprio material sugere “O Maranhão passou a vê no Estado do Maranhão uma tribuna de modernização do Estado. Todas as obras que tivemos aqui, fomos espaço para ideias”. Grifo nosso ao trecho “todas as obras que tivemos aqui”, o período conhecido politicamente como Maranhão Novo não destoava do governo federal que na época vivia o desenvolvimentismo da ditadura civil-militar, o que diferenciava José Sarney e o seu governo era havia

em sua liderança um consenso popular e diálogo com camadas subalternas e sem repreensão física a oponentes políticos (BITTENCOURT, 2016).

Uma outra questão se sobrepõe à tessitura do enredo analisado, ao tratarmos José Sarney como autor e personagem algumas questões devem ser consideradas.

De acordo com Motta (2013) os enredos e acontecimentos narrativos são performatizados por personagens, a construção desses personagens e as ações realizadas por eles fornecem ao narrador modelos ou a própria matéria prima da narrativa, uma vez que o autor é também personagem, fica claro que além do objeto representado ele é autor do mundo deste objeto representado.

As narrativas são discursos sobre o mundo, são práticas discursivas de construção de mundo, a noção de discurso aqui assumida no texto de José Sarney é importante nessa perspectiva porque assim como a noção de narrativa, o interesse volta-se para as significações e interpretações da fala do autor, também como um ato de fala de uma prática social discursiva de um ator político.

Outro ponto que merece destaque na análise desta matéria em específico é a intencionalidade do discurso do autor, a narrativa aqui não é pretendida como mais uma narrativa na última edição do periódico, mas um ato de fala intencional do sujeito dono do jornal, único espaço que há uma interlocução direta entre o jornal, o dono do jornal e os leitores, com o agenciamento de uma outra voz performatizada por Bruna Castelo Branco, é importante destacarmos que o espaço dado é o espaço do discurso, muito embora nossa análise apenas se desenvolva sob o plano da estória, neste sentido o que pode-se perceber é discurso oficial de José Sarney performatizado por meio das vozes da entrevista/matéria.

Gonzaga Motta (2013) estabelece jogos de poder e estratégias narrativas no jornalismo a partir de três pontos, levamos em conta pelo menos três narradores no plano analisado: a) o veículo (jornal); b) o jornalista e c) o personagem. Esses três narradores levam a cabo uma negociação simbólica com o interlocutor: o leitor.

Neste caso analisado, o narrador José Sarney instrui-se do poder de voz do jornal, do jornalista e do personagem para em sua totalidade e especificidade construir um discurso por meio do plano da estória.

Ainda assim, deve-se em análise da narrativa pensar o autor/narrador e o personagem por meio do uso de estratégias no discurso, aqui o papel do narrador volta a assumir importância fundamental. É o que Gonzaga Motta (2013) estabelece sobre o narrador no mundo fático; para o autor, compreender a passagem de uma persona real à persona ou figura do papel é de máxima importância no entendimento da narrativa, se o personagem tem um correspondente na vida real, e se ele é o autor/ narrador da narrativa, ora ele habita a própria realidade da narrativa e o próprio mundo fático.

Uma outra estratégia comum nestes casos específicos é que a narrativa fática estimule uma concepção do narrador como figuras-tipo, como por exemplo: o herói, o vilão, o inovador; neste aspecto o personagem de José Sarney pode ser associado na narrativa com a figura-tipo de: o intelectual.

Chama atenção também no texto assinado por Bruna Castelo Branco e José Sarney que o projeto dramático do episódio “ O Estado do Maranhão é um pedaço da história da imprensa do Maranhão” não é explicar o fim do impresso, e sim naturalizar o final do empreendimento como um resultado de mais uma mudança tecnológica que o jornal passa.

Toda construção de sentido do texto volta-se para o moderno antes, durante e depois do jornal; (“ Os dois jovens buscavam a modernização; “ o primeiro desafio era modernizar”; uma tribuna de modernização”.

Por fim o narrador passa superficialmente pela última fase do jornal impresso “ Esses dois anos de pandemia, nós tivemos grandes dificuldades e isso também teve influência na nossa decisão de encerrar as atividades impressas”.

Logo em seguida, a narrativa reforça mais uma vez que o fim do impresso foi causado pelas mudanças tecnológicas: “ A nova fase do jornal, com parte da equipe incorporada ao Imirante.com demonstra que o jornal acompanhou todas as épocas, as mudanças. Sempre fomos iguais a qualquer jornal do país. O jornal não envelheceu, ao contrário, modernizou-se, é sempre jovem”.

## Farol de Qualidade

Autor: Roberto Rocha

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal / empresa	Por que o jornal acabou?	O autor elenca possibilidades de migração do jornal impresso para o digital	O Estado do Maranhão

O artigo intitulado Farol de Qualidade é assinado por Roberto Rocha, anteriormente alocado na ala de personalidades da política que escreveram na última edição de O Estado do Maranhão.

Diferentemente de outros atos de fala, a narrativa do autor não é em tom autocelebratório do jornal, da redação e dos funcionários, e nem narrado em primeira pessoa, por este distanciamento chama a atenção que o texto inicia a partir da intriga/ conflito da narrativa, sem estratégias de dissimulação de sentidos para a história dada sobre o fim do impresso, o narrador inicia “ Chegam rumores de que o jornal O Estado do Maranhão será fechado até o final deste ano. ”

O autor ainda aponta uma possibilidade que é pouco desenvolvida ao longo da edição final e do próprio texto escrito por Roberto Rocha, a passagem do virtual para o impresso, no seu enredo ele afirma “ Permanecerá apenas na versão digital”.

O narrador busca na tradição de O Jornal O Estado do Maranhão a manutenção do prestígio no porvir, no futuro: “Resta o nome, construído ao longo de tantos anos”, a narrativa projeta que o jornal ainda usará o título no online, o que se mostra um fato não confirmado, uma vez que a “possível” migração foi para o Imirante, sem preservar o nome do antigo jornal.

Por fim, no breve artigo o narrador corrobora com o projeto dramático de O Estado na justificativa do conflito da narrativa: “ Os grandes jornais do mundo atravessam as mesmas dores de transição para transformarem-se em sites noticiosos”... e prossegue a narrativa assumindo o frame narrativo da empresa

“Tenho certeza que as imposições da modernidade não afetarão o fazer jornalístico de qualidade”.

## 4.2 RASTROS DO JORNAL O ESTADO DO MARANHÃO ENTRE JORNALISTAS E LITERATOS

A seguir reproduzimos as análises que fogem do universo político que esteve presente na última edição do jornal, neste espaço nos debruçamos sobre matérias que foram assinadas por jornalistas da empresa, jornalistas convidados, escritores, cronistas e personalidades da mídia local.

### Minha Vida, em O Estado

**Autora: Bruna Castelo Branco**

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal/empresa	O fim do jornal é explicado pelas transformações tecnológicas.	os feitos profissionais da autora na empresa e a memória afetiva	Bruna Castelo Branco / jornal O Estado do Maranhão

O artigo escrito pela jornalista do grupo Mirante discorre sobre o período que a autora passou na empresa desde quando iniciou por meio de um estágio curricular da universidade, passando pela contratação, pelas diversas editorias que ela cobriu durante 15 anos e por fim, sobre o final do jornal impresso. A perspectiva da autora a coloca como personagem, embora o texto narrativamente enfoque no próprio jornal como personagem central do enredo empreendido por Bruna Castelo Branco.

As marcas de referencialidade presentes no material são apenas internas; se no texto anterior de Joaquim Heickel, o narrador utiliza referências externas no sentido de criar verdades (RICOEUR,2010), no texto de Bruna Castelo Branco, as referências são internas no sentido de celebração do próprio jornal, tanto em relação a composição e editorias que ganham destaque como “Especial Noivos, Revista Ambientes, Caderno Alternativo”, quanto em relação ao corpo de jornalistas do próprio jornal: “Ribamar Corrêa, então diretor de redação quando a autora iniciou o trabalho na empresa, Selma Figueiredo, editora geral”.

A relação temporal estabelecida pela autora contrasta entre a narrativa objetiva em que a autora pontua os feitos profissionais na empresa e a memória afetiva por meio da subjetivação da narrativa quando a autora coloca uma distância temporal- física entre a chegada da jovem autora à redação de O Estado e a sua saída com o fim do impresso, Bruna Castelo Branco pontua “ Eu que cheguei uma menina aqui, me despeço das páginas impressas com uma experiência tão rica para contar”.

A única pista sobre o fim do jornal impresso empreendido pela narradora é uma pergunta retórica que antecede a despedida no último parágrafo do texto “Onde eu imaginei que ia acompanhar tantas transformações no jornalismo impresso? ” Apesar deste pequeno trecho, não há na narrativa nenhum tipo de ato intencional de fala que estimule a reflexão sobre o que ocorreu para a empresa encerrar a versão impressa.

Ao narrar os 15 anos em que trabalhou no periódico destaca-se o tom conciliatório e comemorativo do texto, o trecho final revela uma conjuntura percebida ao longo do projeto dramático construído pelo próprio jornal O Estado do Maranhão que atribui o fim do impresso apenas a transformações tecnológicas no jornalismo impresso.

### **Nova fase deste Jornal**

**Autor: José Carlos Sousa Silva**

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal/ empresa	Por que o jornal acabou?	O autor narra a evolução da tecnologia na redação como forma de explicar o fim do impresso no que chama de “ nova fase desse jornal”.	O jornal O Estado do Maranhão

A narrativa empreendida pelo autor José Carlos Sousa Silva é iniciada a partir do conflito estabelecido “ O Estado do Maranhão não será mais impresso como sempre foi, passará para nova fase e sob o comando tecnológico”.

O narrador constrói um enredo dicotomizado entre a nova perspectiva do jornal “ Segue existindo em outras paisagens que lhe oferece tecnologia”, e a velha perspectiva do diário impresso “mesmo assim sua velha fase fica na sua própria história”.

O autor segue o projeto dramático da empresa e tece uma narrativa que além de aplaudir a atuação dos jornalistas da empresa, segue o mesmo modelo de explicação do conflito dado pelo fim do jornal impresso a partir do advento da tecnologia e chegada da internet.

## O país e O Estado do Maranhão

**Autor: Benedito Buzar**

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal/ empresa	Outros jornais já acabaram antes.	Benedito Buzar estabelece desde início o fato dado do jornal ter acabado a atividade impressa, e constrói uma narrativa baseada na comparação com outro jornal maranhense: O País.	O jornal O Estado do Maranhão

A matéria assinada por Benedito Buzar apesar de ter o autor como personagem, é o Jornal O Estado do Maranhão pode ser considerado o protagonista do enredo. O material possui uma diferença básica em relação aos outros textos analisados até agora, em O País e O Estado do Maranhão, a história está dada, o autor já narra o enredo do ponto de vista do jornal impresso que acabou, a partir do conflito, do detonante.

Um recurso utilizado para dar conta da intriga proposta é que Benedito Buzar estabelece desde início o fato dado do jornal ter encerrado a atividade impressa e constrói uma narrativa baseada na comparação com outro jornal maranhense: O País.

As operações narrativas de referenciação se dão pela própria referência aos usos da História do Maranhão para comparar e aproximar dois jornais que chegaram ao fim: O Estado e O País.

O autor expõe um enredo voltado a narrar o fim de um jornal anterior ao jornal O Estado. O ato de fala intencional é necessariamente mostrar que outros jornais já passaram por isso, que outros jornais acabaram; o autor desenvolve intencionalmente por meio da historiografia um paralelo entre os dois jornais com intuito de comparação a fim de narrar que os jornais não desaparecem da História.

Embora em nenhum momento o narrador aponte frontalmente que o conflito dado em relação ao Estado do Maranhão é por conta de problemas financeiros, ele utiliza de elipses na tessitura do enredo que sugerem a partir da comparação com o jornal O país que o Estado do Maranhão chegou ao fim por problemas financeiros e não por questões tecnológicas.

E ainda que não ofereça respostas claras, o narrador induz interrogações e até questionamentos sobre como informar ao leitor que o jornal o Estado do Maranhão encerrou a edição impressa, “ Transcrevo o texto no qual o dono de O País deu por encerrado o seu jornal e que tem muito a ver com o fim de O Estado do Maranhão”, escreve Benedito Buzar.

Ao utilizar fontes de terceiros para dar verossimilhança ao seu enredo, o narrador utiliza de um estratagema de fala intencional que revela que mesmo que ele não seja o autor do discurso, a função da fonte terciária é retirar a narrativa da pura descrição e deixar claro por meio de vozes consonantes o que o autor pensa, mesmo que seja por meio de outras vozes.

A exemplo disso, o narrador recorre a outro historiador, Jerônimo de Viveiros, que diz sobre o jornal O País, mas na última edição de O Estado “ Não deve desaparecer um jornal da natureza deste, sem que o leitor, que já está com ele habituado, seja informado do motivo desta resolução”, finaliza o trecho citado no jornal O Estado a respeito de um outro jornal.

A segunda parte do texto recorre a historiografia para descrever outro personagem: José Sarney, que passa a ser descrito com dados políticos da história do dono do jornal, Benedito Buzar descreve José Sarney passando principalmente por sua atuação política no Estado do Maranhão.

O projeto dramático e o frame narrativo na aposta do autor é a partir da historiografia estabelecer crédito ao seu enredo, esse efeito tem sentido na construção, confecção e fabricação de um ato narrativo intencional que por meio de outras vozes estabelece até agora o material mais relevante em torno de uma pergunta dramática objetiva “ Por qual motivo o jornal encerrou a versão impressa? ”, ao mesmo tempo o autor apenas logra em deixar pistas no artigo e não respostas ao conflito, o que serve ao projeto dramático da empresa.

## **A Última Edição**

**Autor: Antônio Carlos Lima**

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal/ empresa	A última edição do jornal	O autor faz um breve histórico dos últimos 40 anos até a última edição e atribui o fim do impresso às tecnologias .	O Jornal O Estado do Maranhão.

O enredo de A Última Edição por Antônio Carlos Lima narra como o título sugere sobre como foi participar da última edição impressa do periódico, a narrativa abarca um período compreendido pelos últimos 40 anos em que o autor participou ativamente da história do jornal, embora seja o personagem narrador do relato, a narrativa mais uma vez é encabeçada com o próprio jornal O Estado como personagem principal.

O autor utiliza da subjetivação para narrar o fim do Estado, “ a mais triste notícia, essa decisão custou emocionalmente, um choque para os leitores, um acontecimento doloroso, a morte de um jornal tradicional”, diz o narrador sobre a notícia do fim do impresso; por outro lado, o enredo revela maior conviência com o projeto dramático pretendido pela empresa (anunciar o final do impresso como fruto do advento da tecnologia).

Aqui são percebidas duas formas diferentes de tentativa de resolução do conflito, ambas seguindo o frame cognitivo do projeto dramático da empresa: se por um lado, o autor assume: “podemos apenas supor o que essa decisão custou emocionalmente aos seus dirigentes”, por outro, nas palavras do autor, as pessoas a notícia “como fato consumado, embora já anunciado”.

O relato não evidencia quais pontos foram anunciados anteriormente sobre o conflito, e segue a narrativa do projeto dramático desejado pela empresa: “acompanhando o inevitável destino dos diários impressos em todo o mundo”.

É interessante apontar que os atos intencionais da narrativa apesar de apontarem que a tecnologia é a responsável pelo jornal impresso acabar, e contemporizar a diferença do impresso para o digital “ e não importa que ele migre para as plataformas digitais”, o narrador prossegue elencando fatos que conferem qualidades ao jornal O Estado do Maranhão mesmo que sem a tecnologia presente na atualidade, para Antônio Carlos Lima : “ os símbolos dos avanços tecnológicos que nos orgulhamos, eram dois aparelhos de telex que vomitavam o dia inteiro centenas de metros de papel impressos com notícias do Brasil e do mundo (...) as páginas de jornais eram montadas artesanalmente, os textos saíam de barulhentas máquinas de escrever para as mãos dos revisores. Compensamos nossa limitação tecnológica com a formação de nossas equipes”.

E por último, o narrador revela seu frame narrativo oficial ao apontar mais uma vez a tecnologia como fator que determinou o fim do impresso, seguindo a tendência do projeto dramático da empresa , ele finaliza “ O Estado do Maranhão acompanhou todas as grandes transformações que moldam hoje o universo da comunicação impressa no mundo, mas não resistiu à nova realidade do mundo da comunicação instantânea, das exigências quanto a critérios ambientais, sociais e de governança corporativa e a constante pressão sobre o preço dos insumos”.

Ao finalizar o autor fornece também pistas sobre gestão corporativa e financeira de O Estado do Maranhão, embora não adentre no tópico e não desenvolva o tema.

## O Estado: Gratidão e Saudade

Autor: Ronaldo Rocha.

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal/ empresa	O texto não parte de um conflito externo, o conflito está dado a partir do fim do impresso, o autor utiliza o espaço para agradecimentos	O enredo é de auto celebração do jornal e dos feitos da empresa	O jornal O Estado do Maranhão

Em O Estado: Gratidão e Saudade, Ronaldo Rocha tece um enredo baseado na sua experiência enquanto jornalista do periódico, apesar de ser o personagem narrador, o Jornal O Estado do Maranhão é apontado também como narrador da intriga, não pela história do jornal ou pelas reformas, mas por meio das matérias e capas de sucesso ao longo dos anos. Nessa perspectiva, o enredo também rememora as comemorações dos feitos do jornal e dos próprios jornalistas, estratégia comum em edições especiais (MATHEUS, 2010).

No texto é possível apontar essa estratégia narrativa em diversos pontos, mas com ênfases diferentes; se por um lado, o narrador celebra os próprios jornalistas de O Estado: “ Décio Sá, o qual considero particularmente até hoje como o maior repórter e jornalista desta geração”, por outro lado; o autor também homenageia outros momentos do jornal como a expansão para o interior do Maranhão, para as cidades citadas de Imperatriz e Caxias. As editorias e revistas são citadas nominalmente nesta construção narrativa auto celebratória

Para ilustrar o enredo recheado de exemplos, o autor recorre a um exemplo fixo para dar sentido de verdade (Gonzaga Mota; 2013) e mediar sua trama pelo ponto de vista objetivo do funcionamento do “Impacto e tradição do jornal no dia a dia do leitor”, Ronaldo estabelece uma outra narrativa dentro da narrativa sobre o jornal, o autor remonta os bastidores de uma reportagem sobre contratos de transporte irregulares no Maranhão e a repercussão do caso na imprensa.

Em nenhum momento o autor elenca os motivos que levaram o periódico ao fim do impresso e nem tece comentários sobre o futuro de O Estado do

Maranhão, o tom do texto a partir da intenção dos atos de fala do narrador não é solucionar o conflito dado, como o próprio título sugere: “Gratidão e Saudade”.

### **Para mim não acabou**

**Autor: Thiago Bastos**

Projeto Dramático Do Autor/Narrador	Conflito Por que o jornal acabou?	Enredo O texto revivência os momentos do auge do periódico e a impressão do autor de que o jornal não acabou	Personagens Thiago Bastos
--	--------------------------------------	---	------------------------------

O artigo escrito por Thiago Bastos é mais um material em que o personagem da reportagem é o próprio jornalista e sua relação com o jornal O Estado do Maranhão. Chama a atenção a modalidade de uso de um elemento dêitico para iniciar a trama, ao se referir ao jornal e a equipe de jornalistas no parágrafo de abertura da narrativa, o Estado é descrito como “equipe histórica do periódico”.

Matheus (2010) afirma a partir do termo que o expediente do uso do adjetivo “histórico” é uma marca do presentismo, a autora argumenta que é curioso a chancela que os jornais dão ao termo “histórico”, porque parece ser do nosso tempo enxergar as coisas do presente como históricas.

Seria possível, caso o jornal O Estado do Maranhão tivesse encerrado suas atividades no auge, a alcunha de histórico desde a impressão de sua última notícia? Thiago Bastos ao narrar sua trama sobre o periódico faz uma narrativa que privilegia desenhos narrativos distintos: se por um lado o jornal é histórico; com peso da reputação de José Sarney; por outro lado, é remodelado, adere a modernidade com sucessivas reformas.

É percebido na análise do texto que o narrador utiliza de um intermediário e interlocutor evidente: O leitor, chamado nominalmente na narrativa e a quem se destina o esforço de tecer a explicação da intriga dada. A exemplo, o autor utiliza diversas vezes o vocativo “Os leitores sabem que ... tenho certeza que este leitor jamais... o leitor, nosso cliente”.

Ao fazer uso deste artifício que coloca o fato narrado em direção ao interessado diretamente pela narração, o autor articula uma narrativa que mistura diálogo e autocelebração.

Ainda que tangencialmente, o narrador implica no conflito sobre o fim do jornal impresso sua opinião: “edições marcantes deste jornal que, por questões comerciais, fechará os seus trabalhos”. Frase que destoa do projeto dramático da empresa que trabalha em emplacar a narrativa oficial de que o jornal chega ao fim por motivos tecnológicos. O frame narrativo trabalhado no enredo é o ponto de vista também do narrador que difere do projeto dramático da empresa.

Uma outra característica recorrente da trama é o tom celebratório referenciado por jornalistas de O Estado, a diferença percebida em relação a narrativa sobre estes profissionais é dada a partir do momento que o autor estende as homenagens a outros profissionais de fora da Redação, como motoristas e fotógrafos “ Além ainda claro dos repórteres fotográficos que tive a honra de conviver (...) José de Jesus, Biaman Prado, Flora Dolores( ...) Sem falar na colaboração dos sempre prestativos motoristas, como Edivaldo, seu Antônio, Daniel e tantos outros)”.

## **Minha trajetória de 25 anos no grande jornal escola Jornal O Estado do Maranhão.**

**Autor: Ribamar Cunha**

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal/ empresa	Por que o jornal acabou?	O narrador refaz a história da reportagem que o fez deixar de ser estagiário e passar a repórter fixo do matutino. Em meio ao tom auto celebratório do jornal e com considerações sobre	Ribamar Cunha/ Autor

		o avanço da tecnologia.	
--	--	-------------------------	--

Ribamar Cunha em Minha trajetória de 25 anos no grande jornal escola O Estado do Maranhão é ao mesmo tempo narrador e personagem do enredo. O narrador refaz a história da reportagem que o fez deixar de ser estagiário e passar a repórter fixo do matutino.

Chama a atenção a riqueza de detalhes na narrativa que é ancorada como uma história de bastidor, o narrador faz uma guinada para sair do objeto da narração (a experiência profissional do autor) e passar para os bastidores da reportagem que fez em 1996.

A operação é bem-sucedida e com riqueza de detalhes, ainda assim, é consonante com outras matérias o tom celebratório, a referência a jornalistas do próprio jornal O Estado do Maranhão e a citação direta a cadernos e edições especiais do jornal, interessante observar nesta trama que diferente dos outros materiais analisados que sempre repetiam a autocelebração da empresa no momento presente, Ribamar faz uso de uma matéria de capa do jornal de 1996 para recontar também a sua trajetória.

Há uma disputa entre narrativas históricas e a história antinarrativa (Gonzaga Motta; 2023), mas na trama estudada há um consenso de tempos verbais que constroem unidade entre a última edição e a edição comentada de 1996, é interessante perceber que a narrativa apesar de divergir em temporalidade (passado) das outras tramas estudadas (presente e futuro), o artigo tem o mesmo projeto dramático e frame narrativo defendido pela empresa dona do periódico, para o narrador “ Nos últimos anos com o avanço cada vez maior da transformação digital, a edição impressa de O Estado sofreu o impacto das plataformas digitais, e de uma nova forma de se consumir a informação . O tradicional texto e imagem do impresso deu vez a mais que isso no ambiente virtual, incluindo vídeos e áudios, a partir dos novos formatos de mídia, sem falar na maior interatividade proporcionada”.

Logo percebe-se que independentemente do efeito temporal das narrativas, se são narrativas do tempo presente, passado ou futuro, o projeto

dramático de falar do avanço das tecnologias como responsável pelo fim do impresso pode ser adequado ao uso narrativo e das intenções e atos de fala em qualquer situação dada para explicar o fim do periódico.

Outra característica que merece destaque é que apesar do rigor do fato histórico da capa da edição de 1996, o narrador tece uma história subjetiva sob sua perspectiva de visão do Jornalismo, ao que Ricoeur (2010) defende como a inevitável concessão à invenção junto com a fidelidade rigorosa do mundo fático na trama.

## **Fotografando na memória**

**Autor: Clóvis Cabalau**

Projeto Dramático Do autor.	Conflito Por que um jornal acaba?	Enredo O autor tece um enredo subjetivo a partir de um filme norte americano que retrata o fim da revista Life	Personagens Personagens fictícios do filme relatado
--------------------------------	--------------------------------------	---	--

Em Fotografando na memória, o narrador é o último editor geral do periódico, o que pode ser considerado porta voz do diário, mas logo essa intenção é quebrada quando o autor investe numa trama subjetiva como estratégia referencial e de apelo emotivo ele compara o fim do jornal O Estado com o filme A vida secreta de Walter Mitty, dirigido por Ben Stiller.

O efeito dramático e narrativo pretendido ao comparar e tecer um resumo sobre o filme, em um primeiro momento pode ser ancorar a possibilidade de final do impresso tanto no mundo fático quanto no mundo da ficção; em um segundo momento, o narrador aposta na narrativa de resumo do filme para dar enfoque às questões emocionais e subjetivas, que podem ser traduzidas como valores dos personagens narrados ou valores da trama, tais como: fantasia, o mito do herói jornalista.

Algumas poucas pistas (Motta; 2013; Ricoeur;2010) podem ser percebidas, apesar do autor não enfrentar diretamente o conflito do que causou o fim do impresso, ele afirma num ato intencional de fala que: “o número derradeiro do periódico não deve soar tão estranho como possa parecer”.

Ao se colocar frontalmente na intriga da história do fim do impresso, o narrador opta definitivamente por uma estratégia de apelo às questões emocionais da trama, o autor revela “decido também não tentar descrever o pacote de sentimentos que carrego nos braços agora! Assim sendo, optei por substituir o ponto final dessa história por um trecho do poema clichê sem Imagem do genial Pergentino Holanda”. Outra estratégia narrativa é que o poema escolhido para encerrar o artigo é de outro jornalista de O Estado. Ao final, o narrador mistura a narrativa resumida sobre o filme americano com o poema do jornalista maranhense.

## Texto Final

**Autora: Selma Figueiredo**

Projeto Dramático do Jornal/empresa	Conflito O advento da tecnologia na Redação levou ao fim do impresso	Enredo O avanço tecnológico dentro da redação de O Estado do Maranhão	Personagens Jornal/ Autora      Redação/
--	---	--	---

Texto Final foi escrito por Selma Figueiredo, última editora geral de O Estado do Maranhão, apesar da narrativa do enredo partir brevemente da experiência pessoal da jornalista como personagem, é interessante compreender que os elementos textuais, discursivos e de contexto apreendem também o relato como um enredo institucional, naquilo que Motta (2013) codifica como vozes plurais de um mesmo discurso institucional na narrativa jornalística.

A narrativa apesar de estar inicialmente focada na experiência da profissional, tem um elemento dêitico que remete a toda história passada narrada: “a redação nem faz tanto tempo assim, mas as máquinas de escrever ainda dominavam O Estado”.

A partir deste ponto, a autora complementa todo o restante do texto a partir do projeto dramático pretendido pela empresa, a estória fica à disposição de narrar como as tecnologias foram as responsáveis pelo fim do jornal impresso.

É preciso lembrar que para Motta (2013) o objeto de análise na matéria jornalística não é a história, não a realidade em si mesma, mas a versão. Na versão do enredo proposto pela autora “os computadores se multiplicaram na redação, para recebê-los uma reforma completa no espaço... saíram de cena as pranchetas dos diagramadores, as régua de paica e as folhas de papel ficaram raras”, a autora finaliza o parágrafo e arremata “mais um movimento de adaptação ao novo”.

Ricoeur (2010) elabora que é na passagem dos actantes para as ações que a história narrativa ganha forma, a autora Selma Figueiredo prossegue “e as inovações continuaram, a internet chegou e trouxe suas infinitas possibilidades. A redação foi se adaptando a essa vastidão midiática”.

Percebe-se que na tessitura do enredo proposto pela autora duas coisas ficam implícitas na primeira metade do material: a) a intriga-enredo está dada, mas só é retomada no final, o leitor que acompanha a narrativa já pressupõe que o jornal acabou e a autora parte deste pressuposto, para só no final retomar o fio e ; b) os actantes tomam a ação dos personagens, se no primeiro parágrafo ela anuncia que fala a partir da primeira pessoa, logo mais o texto transfere o protagonismo do enredo para um actante que move toda ação de acordo com o projeto dramático de O Estado do Maranhão, logo A Redação é o mote narrativo, o frame cognitivo que guia o leitor e o personagem da trama.

O conflito só é exposto na última metade do objeto, a autora adverte: “ o fato é que o jornalismo impresso parece já não caber neste presente. E o Estado do Maranhão sai de cena deixando uma trajetória marcante”.

A narrativa finaliza numa interlocução de vozes e atos de fala que ora são da jornalista, ora do jornal, sem maiores detalhes ela revela no enredo: “ Na redação, cresci e ganhei com a convivência dos grandes nomes do jornalismo”, em seguida brevemente a narrativa converge ao projeto dramático da empresa ao finalizar “ o site travou, o aplicativo estagnou, mas a história de O Estado do Maranhão fica para sempre...pode ser, inclusive, que um dia ocorra o retorno do jornal”

## Aos nossos leitores

### Matéria não assinada

Projeto Dramático do Jornal/ Empresa	Conflito Por que o jornal acabou?	Enredo Texto em primeira pessoa destinado aos leitores do jornal. O material se despede do público e conversa sobre o futuro do jornal.	Personagens O Estado do Maranhão.
---	---	--	---

Aos nossos leitores é uma matéria não assinada de O Estado do Maranhão, ela ocupa o espaço destinado aos editoriais, referente a fala institucional da empresa, embora não utilize este nome na última edição.

Embora as escolhas discursivas sejam inicialmente estranhas ao gênero específico dos editoriais, chama a atenção o discurso em primeira pessoa no qual se intui que é o Estado do Maranhão (institucional) que fala aos leitores: “Olá leitores, a gente já se conhece há algum tempo. Precisamente, há 62 anos temos contato, por meio das minhas páginas impressas”.

Destaca-se também como estratégia narrativa neste texto a subjetivação do material, o Estado fala, mas o apelo emotivo/ subjetivo guia o enredo para criar uma aproximação/intimidade com o leitor “ conhecer o cheiro das ruas sempre foi minha missão, ouço o sorriso e os causos dos nossos repórteres na Redação”.

Por fim, a estratégia de subjetivação é utilizada na última parte do enredo, de modo a corroborar o projeto dramático de O Estado do Maranhão, o artigo enfatiza “ Fomos para o digital, entramos nas redes sociais e chegamos a outros públicos...Chegou a hora de me despedir do formato impresso... Meu conteúdo jornalístico será incorporado ao portal lmirante.com”.

Este último trecho revela que o jornal também utiliza a migração para o digital como eufemismo para o fim do jornal impresso, é preciso lembrar, como no corpo teórico desta pesquisa que apesar do projeto dramático superficialmente assumir um ato de fala que leva o interlocutor a entender que

apenas houve uma migração do impresso para o online, há controvérsias como as apontadas nos capítulos teóricos deste trabalho.

O material finaliza a carta aos leitores “Seguiremos adiante em outros formatos e iremos sempre nos encontrar”.

## **De perto ninguém era Normal**

**Autor: Félix Alberto Lima**

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal/ Empresa	Por que o jornal acabou?	Em tom de humor, o narrador fala do advento da tecnologia e tom celebratório da empresa O Estado do Maranhão	O Estado do Maranhão/ personagens fictícios de livros citados

O texto de “ De perto ninguém era normal ” de Félix Alberto Lima é um material enquadrado no repertório de humor do jornal. O narrador tece uma estratégia semelhante aos textos que enquadram o frame narrativo na perspectiva do próprio jornal, ou seja, o jornal impresso acabou por conta do avanço da tecnologia.

O narrador de início coloca o conflito estabelecido como pontapé do enredo, como estratégia de enunciação e de aproximação com o leitor, estabelece que “ numa outra situação começaria o texto tentando encontrar alguma senda para dizer sem meias palavras que o jornal acabou”, é justamente neste pressuposto que o autor utiliza referências externas e de subjetivação para comparar o processo vivido pelo periódico ao personagem Holden Caulfield de O apanhador no campo de centeio, livro de J.D. Salinger.

A estratégia funciona como forma de aproximação do personagem com a história vivida pelo narrador na redação de O Estado, estratégia narrativa já utilizada em diversas outras matérias analisadas neste estudo.

Apesar de estar alocado numa coluna de humor, chama atenção que o desregramento discursivo que o autor aponta no seu próprio texto é apenas o não uso de pontuação e texto corrido, ou seja, o narrador anuncia um discurso

disruptivo, mas empreende por uma construção que Motta (2013) chama por plano da expressão, ou seja, o plano superficial da linguagem por meio do qual a enunciação é construída pelo narrador, não há uma contravenção no plano do discurso, que é o material analisado nesta pesquisa, ao contrário disso, o plano narrativo/ discursivo é marcado pela total assimilação do projeto dramático do periódico e o narrador utiliza o frame narrativo para pontuar as mesmas questões que a empresa defende: “e os meninos e meninas que nos liam cresceram e estão por aí conectados em seus quartos nas redes sociais e talvez nem leiam mais revistas e jornais impressos porque não lhes dizem nada que já não desconfiem saber pelos grupos de Whatsapp e para quê ler jornal se afinal de contas, segundo eles tudo está guardado nas nuvens”.

Outra característica percebida é compartilhada em outras matérias no que diz respeito ao tom comemorativo e referências internas aos profissionais do próprio do jornal, para o narrador diversos profissionais são citados: “Zeca Pinheiro, Otávio Rodrigues, Edwin Jinkings, Dadá Coelho”.

## **Despedida**

**Autor: Luiz Thadeu Nunes e Silva**

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal/ empresa	Por que o jornal acabou?	Narrativa em tom celebratório a partir da experiência do autor com o próprio jornal	Luiz Thadeu Nunes e Silva/ jornal O Estado do Maranhão.

O autor inicia o enredo com uma retrospectiva sobre jornais e revistas que o marcaram, apesar da narrativa pessoal, ele sobrepõe o enredo com aquilo que viemos chamando de projeto dramático de O Estado do Maranhão, é interessante notar que apesar de o início do enredo não remeter especificamente ao fim do jornal como matéria de conflito do objeto analisado, o autor finaliza a primeira parte do texto de modo a elencar a principal motivação do fim do impresso em relação aos jornais e revistas que cita anteriormente, no enredo ele vaticina : “Nenhuma dessas revistas resistiram ao tempo, todas tiveram queda de tiragem e desapareceram”.

O narrador continua o enredo colocando-se como personagem que vislumbra as mudanças tecnológicas e sociais implícitas na sua relação com diversos jornais e revistas, ora como leitor, ora como escritor. Ainda assim, ele arremata no final da segunda parte do texto: “Tenho 228 assinaturas de revistas e jornais de todo o Brasil e alguns países de língua espanhola” e contrasta com o próprio fim do jornal em que ele escreve.

Se nas primeiras partes o narrador utiliza de referência outros jornais e revistas que acabaram para justificar o projeto dramático defendido pela empresa, na última parte do enredo e nos últimos parágrafos, ele utiliza de estratégias de subjetivação para narrar a sua história pessoal em relação ao Estado do Maranhão, para o autor: “Quando meu pai faleceu em 2015 (...) resolvi escrever um texto maior, enviar para o Estado do Maranhão, que gentil e generosamente publicou... criei gosto em escrever no jornal, passei a ser publicado regularmente, e encerro neste jornal com 165 artigos publicados”.

Para finalizar, o autor utiliza uma estratégia já notada em outros artigos da última edição do periódico, a autocelebração do jornal. Para o narrador é enaltecido a liberdade de sua atuação: “No período que escrevi no Estado, nunca tive um só artigo censurado”, o narrador ainda repete a mesma estratégia de celebração em relação aos jornalistas da redação de O Estado “Selma Figueiredo, José Sarney, Daniel Matos, Bruna Castelo Branco...”. Chama atenção um agradecimento diferente, um agradecimento e referência aos leitores: “obrigado a cada leitor, a cada leitora, que me acompanhou nestes seis anos em que ocupei as páginas desse grande jornal que hoje fecha um ciclo”.

O narrador volta-se novamente para o frame narrativo do ponto de vista do projeto dramático defendido pelo periódico: “Maior divulgador de cultura, cumpriu seu papel, fará enorme falta. Tempos de mudanças: primeiro desapareceram as bancas, agora se vão os jornais”.

## Uma trajetória em papel jornal

**Autor: José Neres**

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do autor	O personagem narrador vislumbra encontrar sua identificação enquanto maranhense pela formação, cultura e leitura do jornal.	O narrador personagem empreende uma gradual descoberta do que é ser maranhense a partir do jornal e da cultura do estado.	José Neres.

O autor José Neres empreende uma narrativa pessoal onde coloca-se como personagem do enredo apresentado. Apesar de não haver tom celebratório da empresa, o texto perfaz um discurso que enaltece o povo maranhense e o coloca o próprio narrador em um movimento de redescoberta do que significa ser do Maranhão.

O projeto dramático defendido pelo jornal que elabora as tecnologias e avanço da internet como responsáveis pelo fim do jornal impresso não está presente na narrativa, a intriga proposta por José Neres é de tom pessoal e não diz respeito a história do periódico, o conflito abordado pela narrativa utiliza o jornal O Estado do Maranhão como forma do autor também ter se descoberto maranhense a partir da formação pelas leituras e participação com artigos enviados ao jornal.

## Saudade

**Autor: Pergentino Holanda**

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal/empresa/autor	O que levou ao fim o jornal O Estado do Maranhão?	O narrador utiliza a crônica para descrever o Maranhão da década de 1960 e sua entrada no jornalismo profissional.	José Sarney O jornal O Estado do Maranhão

A narrativa assume o gênero de crônica e coloca o autor Pergentino Holanda como personagem principal da trama. O enredo desenvolve-se a partir das memórias do autor durante a década de 1960 no Maranhão, o ponto de virada da estória se dá a partir do momento que o narrador-cronista descreve o como conheceu Bandeira Tribuzi, um dos fundadores do jornal O Estado do Maranhão.

No último momento do texto, o narrador assume a resposta ao conflito dado pelo fim do jornal; para o narrador, o jornal O Estado do Maranhão chega ao fim não apenas por causa da internet ( o que contrasta com a narrativa da maioria dos textos), Pergentino elenca o comportamento atual dos leitores como uma das principais causas do fim do impresso, assim como estratégia anteriormente utilizada por outros narradores, o autor utiliza de referências externas como premissa para justificar a intriga de que o comportamento dos leitores mudou e assim o jornal acabou.

Por fim, o narrador volta-se mais uma vez ao Maranhão, e cita que outros jornais maranhenses já chegaram ao fim, antes de O Estado.

**Obrigada.**

**Autora: Bárbara Laurea**

Projeto Dramático	Conflito	Enredo	Personagens
Do jornal/empresa/	O que levou ao fim o jornal O Estado do Maranhão?	O plano do enredo é narrado de modo subjetivo da autora, que parte da infância até o momento que a profissional adentra na empresa.	Bárbara Laurea

A autora tece uma narrativa pessoal como ponto de partida para a narrativa. Ao discorrer sobre o amor aos livros, literatura e jornais, o texto percorre a trajetória do ponto de vista pessoal da personagem até a entrada como estagiária no periódico O Estado do Maranhão.

Em relação ao conflito dado pelo fim do impresso, o texto utiliza o subterfúgio de personalizar a impressão a partir da subjetivação da autora que

resolve o conflito ao revelar que nasceu tarde e já havia passado a era de Ouro do jornalismo impresso.

O enredo apesar de ser protagonizado do ponto de vista pessoal e subjetivo da autora, representa também o projeto dramático do jornal, seja na construção da ideia de modernidade expandida pelas redes e pelo fim do impresso “ Mas acontece, que como dizem alguns poetas, eu nasci tarde. Para uma criança do final dos anos 1990, eu vi aos poucos o fim de vários impressos e a internet assumiu o papel de transmitir a informação”; seja pelo tom autocelebratório da empresa: E foi aos 20 que o jornal O Estado do Maranhão me permitiu realizar meu sonho. Cheguei pequena e sem saber de nada, mas ao lado de figuras grandes e inspiradoras, pude crescer e realizar essa minha grande paixão. Nesses dois últimos anos fui guiada por Daniel Matos e Clovis Cabalau através das pautas mais inusitadas. Fui estimulada a dar o meu melhor e aprender mais sobre o mundo e sobre o Maranhão com Bruna Castelo Branco. Conheci becos, ruas, pessoas e novas amizades ao lado de Paulo Soares e De Jesus”.

Chama a atenção o espaço dado à autora, que é estagiária da redação. Ela assume e compartilha do mesmo espaço na última edição, junto do dono do periódico e editores chefes.

No próximo e último tópico analítico discutiremos qual de fato é o *frame* dramático presente na última edição do jornal, o que diz a voz oficial institucional sobre o fim do impresso?

#### 4.3 ENTRE JORNALISTAS E POLÍTICOS: O JORNAL IMPRESSO ACABOU!

O frame dramático ou narrativo que neste trabalho recebe a denominação de Projeto Dramático são premissas organizativas do discurso e narrativa dentro dos enquadramentos jornalísticos inerentes ao ato de narrar. De acordo com Gonzaga Motta (2013) estes frames dramáticos ou projetos dramáticos são assimilados naturalmente pelos jornalistas, e são, portanto, definidores prévios de uma situação comunicacional, consciente ou inconscientemente por parte dos narradores.

A critério de exemplo, podemos citar estes projetos dramáticos das mais diferentes ordens narrativas. É comum no jornalismo político, por exemplo, utilizar um léxico narrativo que corrobora com um projeto dramático de luta por adversários políticos com termos como: luta, força, duelo, batalha, baralho, jogo de xadrez, boxe, tatame. Estes vocábulos facilitam a compreensão do discurso e da narrativa e operam estrategicamente os atos de fala intencionais dos narradores.

No caso de O Estado do Maranhão não é difícil repetir a mesma operação, mas com outros termos, que em conjunto operacionalizam aquilo que é o projeto dramático pretendido pela empresa, como: renovação, tecnologia, mudanças gráficas, mudanças editoriais, modernidade dão o tom do material da última edição.

O periódico se despede do presente e passado para adentrar em um futuro/porvir com as mesmas nuances de assimilação da tecnologia, assim como a tecnologia que foi usada no passado como forma de assimilação do início do jornal, com a tecnologia é assimilado o fim do impresso.

A seguir reproduzimos o quadro analítico geral de como o jornal narra o seu fim a partir de um projeto dramático dado pela empresa:

Quadro 4: Quadro Analítico Geral

<b>Matéria/Autor</b>	<b>Projeto dramático</b>
Nova Fase deste jornal José Carlos Sousa Silva	Do jornal/empresa
Última Edição Joaquim Haickel	Do jornal/empresa

Minha vida em O Estado Bruna Castelo Branco	Do jornal/empresa
O Estado do Maranhão é um pedaço da história da imprensa do Maranhão Bruna Castelo Branco /José Sarney	Do jornal/empresa
O País e o Estado do Maranhão Benedito Buzar	Do jornal/empresa
Uma trajetória em papel jornal José Neres	Do autor /narrador
A Última Edição Antônio Carlos Lima	Do jornal/empresa
O Estado: Gratidão e Saudade Ronaldo Rocha	Do jornal/empresa
Para mim, não acabou Thiago Bastos	Do autor /narrador
Minha trajetória de 25 anos na grande escola O Jornal do Maranhão Ribamar Cunha	Do jornal/empresa
Fotografando na Memória Clóvis Cabalau	Do autor /narrador
Farol de Qualidade Roberto Rocha	Do jornal/empresa
Obrigada Barbara Laurea	Do jornal/empresa
O tempo e o Vento José Sarney	Do jornal/empresa
Despedida Luiz Thadeu Nunes e Silva	Do jornal/empresa
Nós que somos de uma geração mais acostumada com as mídias tradicionais, vamos sentir muito! Roseana Sarney	Do jornal/empresa
Saudade Pergentino Holanda	Do jornal/empresa/autor
Aos nossos Leitores Matéria não assinada	Do jornal/empresa
De perto ninguém era normal Félix Alberto Lima	Do jornal/empresa
Texto Final Selma Figueiredo	Do jornal/empresa

Fonte: Elaboração Própria (2024)

Algumas implicações merecem destaque na interpretação desta composição: primeiro, o projeto dramático de O Estado do Maranhão nas suas diversas matérias e editorias distintas dentro da última edição, é de que o periódico impresso avança no tempo. Com a tecnologia, o jornal estará nas redes e o papel impresso é dado como plataforma em desuso.

Um segundo ponto diz respeito à escolha dos nomes que compõem esta edição. Os jornalistas que estiveram presentes nesta última versão impressa, em sua maioria, assimilaram o projeto dramático em seus textos, com isso não se quer dizer que houve combinação ou pressão, mas sim salientarmos o contexto comunicacional na narrativa, sugerindo uma forte orientação editorial.

Por fim, uma terceira interpretação refere-se à própria característica desta última edição, que não trata de notícias diárias, mas projetada para conciliar a identidade construída ao longo de 62 anos com o momento de ruptura de certa tradição, com o momento de informar que o objeto não será mais impresso. É uma edição voltada ao presente, ao passado, mas sobretudo às leituras que o porvir pode proporcionar às diversas temporalidades assumidas na construção de uma identidade e de um projeto dramático que são condensados em uma edição final impressa.

Apesar de analiticamente parecer um mosaico, a última edição de O Estado é em si um ato de fala institucional, a partir de uma situação concreta de comunicação, que é o fim do impresso em que um narrador - ou muitos narradores (jornalistas e políticos) - articula o que lhe parece verossímil para o narratário (leitores, públicos).

Para avançar a reflexão para o campo dos achados e descobertas, a última parte deste trabalho relaciona brevemente as principais questões presentes no objetivo geral e específicos da pesquisa com as implicações que o fim de um jornal impresso tem na realidade empírica do estado do Maranhão. Alonga-se a reflexão sobre o que representa o fim da cultura do impresso e quais consequências positivas ou negativas desta experiência que vem acontecendo em várias partes do mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que a noticiabilidade sobre o fim de um jornal impresso veiculada pelo próprio jornal assume um verniz diferente do que seria a mesma notícia dada por outro veículo ou meio de comunicação. Do mesmo modo, é evidente intuir que os leitores foram pegos de surpresa ao ler a última edição impressa de O Estado do Maranhão em busca de uma resposta ao “por que o jornal acabou?”.

Ao finalizar a leitura diária, estes possíveis leitores não encontraram respostas claras e no máximo foram compelidos por um conjunto de textos dissonantes e confluentes, cada um à sua maneira. Mas uma possível impressão temática ficou: a tecnologia foi a responsável pela chegada do jornal impresso e a tecnologia, nas palavras de O Estado do Maranhão, é a responsável pelo fim do impresso.

É neste ínterim entre um discurso e outro que pode-se vislumbrar algumas pistas que não foram deixadas nas últimas páginas, tais como: a retração de vendas, diminuição de publicidade, cortes de gastos com gráfica, crise financeira. Mas, neste trabalho, o interesse é em entender o processo por meio do que foi dito, narrado oficialmente pelo jornal em sua última edição. Como pergunta norteadora partimos do seguinte questionamento: *Como o Estado do Maranhão narrou aos leitores o fim de sua versão impressa?*

Dentre os resultados alcançados pela análise é possível afirmar que o jornal O Estado do Maranhão narrou o seu próprio final de modo a omitir que a transição para o digital era um eufemismo para explicar o fim do impresso. Neste aspecto, o leitor que teve acesso ao material da última edição foi contemplado por uma versão elogiosa da própria história do periódico, com informações superficiais sobre a transição do impresso para o digital.

A análise dos enredos das narrativas da última edição permitiu verificar que a construção da última edição privilegiou apenas os pontos positivos da história do jornal, silenciou e/ou omitiu aspectos que fossem considerados negativos e, em resumo, tangenciou as duas mais importantes informações no que se refere a implicações da última edição. Em primeiro lugar, é obtuso em relação ao motivo pelo qual o jornal encerrou as atividades de impressão e, em segundo, a análise do material permitiu descobrir que não há um esclarecimento

prévio sobre o seu fim. Há um *frame* narrativo utilizado pelo jornal enquanto enunciador institucional interessado no convencimento do público e dos leitores.

A partir disso, dentre os objetivos específicos, tivemos: a) verificar como o jornal construiu uma identidade sobre si mesmo para narrar o seu final; e b) compreender qual o *frame* narrativo utilizado pelo jornal enquanto enunciador institucional interessado no convencimento do público e dos leitores.

Para dar conta destas perguntas, por meio da análise é possível afirmar que o jornal O Estado do Maranhão construiu na última edição uma identidade sobre si baseado na enunciação institucional que preservou a marca e história da empresa do ponto de vista narrativo, e que o periódico não apontou contradições ou fatos negativos do seu passado, estabelecendo assim uma identidade “opaca”, sem contradições e focada nos elementos biográficos positivos ao longo dos anos de existência do impresso.

É uma identidade condensada sob a égide de um discurso controlado, projetado do presente para o futuro, mas com um olhar de relance sobre o passado e sobre o surgimento da empresa e com destaque apenas aos aspectos positivos da empresa.

Ainda assim, é possível afirmar que a identidade projetada e construída pelo jornal em sua última edição, embora concentre esforços nos aspectos positivos do passado e do presente, tenciona a construção do porvir de uma identidade projetada enquanto ato de fala intencional, como quem diz “ Entre o idílio de outrora e o aceno ao futuro”.

Em relação ao objetivo específico que buscou investigar o *frame* narrativo utilizado pelo jornal é possível apontarmos que o Jornal O Estado do Maranhão é o único enunciador institucional de todo o material pesquisado, apesar da pluralidade de vozes de personagens e jornalistas e histórias, a última edição impressa do periódico segue o projeto dramático ou *frame* narrativo da empresa, e revela assim, a voz e o discurso oficial enunciado pelo material.

Em resumo, o plano do discurso e da estória dentro da última edição, apesar de não responder objetivamente o motivo pelo qual o impresso acabou, consegue imprimir aos leitores e ao público uma versão oficial que pode ser entendida como: o jornal acabou porque migrou para o digital.

Inclusive, é estratégia narrativa que o tema seja sempre superficialmente citado ao longo da edição e nunca aprofundado. A narrativa utiliza de linguagem

obtusa para se referir se o jornal passa ou não ao digital, tópico este debatido no nosso capítulo teórico.

É preciso lembrar que esta dissertação parte de um esforço de uma interpretação do jornal baseada na fenomenologia do processo (o fim do jornal está dado) e a partir da versão oficial do periódico (o que diz o Estado do Maranhão).

Cabe dizer que ainda que o jornal esteja finalizado, a máquina impressora parado, o contexto de digitalização dos periódicos e de migração dos impressos para as redes revela outros problemas que são vividos no mundo real. É possível apontar que em lugares que são desertos de notícias uma suposta transição seja bem-vinda (BENEZATH; REIS,2021), mas com isso, também implicamos a realidade na diminuição do número de agentes treinados e com saber perito para filtrar informações, checar os fatos. Além disso, é possível também apontar sites noticiosos falsos que assimilam as características de jornais online e produzem desinformação (VALENTE, 2019).

Por fim, os achados desta pesquisa dizem respeito apenas à última edição de um jornal tradicional, mas contribui para a memória de um veículo que deixou de existir. Veículo que diante da promessa do futuro e da requisição do passado apostou em uma narrativa que pode ser defendida como dicotomizada entre o idílio do passado em que o Jornal O Estado do Maranhão obteve avanços significativos, sobretudo no campo tecnológico e gráfico; e um aceno ao futuro que promete uma possível continuação do legado e da tradição do jornal, ainda que no presente não se aponte nenhuma ocorrência fática de que o jornal O Estado do Maranhão de fato está online e no mundo digital, a começar pelo fim da marca que tinha mais de 50 anos de história, a demissão de parte da equipe de profissionais do jornal, e pela própria manutenção e hospedagem do acervo do jornal em um outro portal, o Imirante.com.

## REFERÊNCIAS

- A INDÚSTRIA. Jornalística Brasileira em 2017. **Associação Nacional de Jornais**. 7 jul. 2017. Disponível em: <https://www.anj.org.br/site/servicos/menindjornalística/114-cenarios/742-aindustria-jornalística-brasileira-em-2017.html>. Acesso em: 25 mai. 2023.
- ALBUQUERQUE, A. A modernização autoritária do jornalismo brasileiro. **ALCEU**, PUCRJ, v. 20, p. 100-115, 2010. Disponível em : [http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20\\_Albuquerque.pdf](http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Albuquerque.pdf). Acesso em 2. jan.2024
- ARAÚJO, R. C. A. ; PINHEIRO, R. A. ; MATOS, Marcos Fabio Belo . **200 ANOS DA IMPRENSA NO MARANHÃO** - vOL 1 - O CAMPO HISTÓRICO. 01. ed. São Luís: EDUFMA, 2022. v. 100. 356p. Disponível em : <https://portalpadrao.ufma.br/site/noticias/201c200-anos-da-imprensa-nmaranhao201d-edufma-publica-versao-e-book-dos-dois-volumes-da-obra> . Acesso em: 03.jan .2024
- ALMEIDA, F. **Daqui não entregaremos o cargo de governador à filha mais velha da oligarquia desse país: mídia e democracia na posse de governadora Roseana Sarney**. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- BARBOSA, M. Comunicação e Usos do Passado: Aula inaugural do PPGCOM da UERJ – 6 de maio de 2015. Dossiê Cultura Pop e Linguagem de Videoclipe. **Revista LOGOS**. Uerj: ed. 42, v. 22, n. 1, 2015
- BARBOSA, M. **Imprensa, Poder e Público**: Os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). Tese Doutorado História Universidade Federal Fluminense, 1996.
- BASTOS, T. Leitores antigos e mais novos do melhor conteúdo. O Estado do Maranhão. São Luís.1. Mai.2021. Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2021/05/01/leitores-antigos-e-mais-novos-do-melhor-conteudo>. Acesso em 17. ago.2023
- BENEZATH, R.; REIS, R. A mudança no ecossistema jornalístico e o deserto de notícias. In: Seminário de Comunicação e Territorialidades, 6., 2020, **Anais [...]** Espírito Santo, 2020, p.1-8
- BODNAR, J. **Remaking America. Public Memory**, Commemoration, and Patriotism in the Twentieth Century. New Jersey (USA): Princeton University Press, 1994.
- BARBOSA, M. **História cultural da imprensa**: Brasil (1800- 1900). Rio de Janeiro: MauadX,2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/11085>: Acesso em 03.jan.2024
- BARBOSA, M. Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). **Revista Intercom**, v. 20, n. 2, p. 87-102, jul./dez. 1997.
- BORELA, S . A configuração narrativa no jornalismo: perspectivas e potencialidades. In: **anais do 18º encontro da associação brasileira de pesquisadores em jornalismo**, 2020, online. Anais eletrônicos... Campinas, galoá, 2020. Disponível em: acesso em: 17 ago 2023

COSTA, R. **Sistema Mirante de Comunicação**: elementos para uma trajetória do grupo. São Luís: UFMA, 2008. Monografia em Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão.

COSTA, W. **Do “Maranhão Novo” ao “Novo Tempo”**: a trajetória da oligarquia Sarney no Maranhão. UFMA, 1997. S/E.

COUTO, C. **Estado, Mídia e Oligarquia**: poder público e meios de comunicação como suporte de um projeto político para o Maranhão. 2007. 129 202f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2007.

BITTENCOURT, D. **Jornal O Imparcial**: o poderoso aparelho privado de hegemonia na ascensão política de José Sarney (1964-1966); Monografia; História; Universidade Estadual do Maranhão; São Luís; 95p; 2016.

D'ELBOUX, P. A Trajetória Comunicacional de José Sarney. **Apresentado no GT 6 do I Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. em:[http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/anais/gt6\\_persuasiva/a%20trajet%F3ria%20comunicacional%20de%20jos%E9%20sarney.doc](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/anais/gt6_persuasiva/a%20trajet%F3ria%20comunicacional%20de%20jos%E9%20sarney.doc).

DÓRIA, P. **Honoráveis bandidos**: um retrato do Brasil na era Sarney. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

DOSSE, F. **A história e a prova do Tempo**: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo. UNESP, 2001.

FAUSTO NETO, A. Notas sobre as estratégias de celebração e consagração do jornalismo. **Estudos em jornalismo e mídia**. Ano V, nº 1. p. 109- 121. Florianópolis: Insular, 2008.

FERNANDES, L. **O fim do JB impresso**: por que a migração para a plataforma digital não foi um passo à frente. Monografia apresentada na Escola de Comunicação da UFRJ para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo. Rio de Janeiro, 2012.

FRANCISCATO, C. Uma proposta de incorporação dos estudos sobre inovação nas pesquisas em jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Ano VII, nº1, p. 8-18, 2010.

FRANCISCATO, C; SILVA, G. Fatores sociais nos estudos de inovação em organizações jornalísticas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 145-155, jun. 2020.

JOHNSTON, M. **Celebrations**. The Cult of Anniversaries in the Europe and the United States Today. New Brunswick (USA): Transaction Pub, 1991.

Jornal O Estado do Maranhão comemora 54 anos de informação. **G1**. 2013. Disponível em : <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/05/jornal-o-estado-do-maranhao-comemora-54-anos-de-informacao.html>

JACOMÉ, P. Jornalismo e Autolegitimação: A historicidade dos discursos autorreferentes. *Leituras do Jornalismo*. Ano. 1, n. 2, p.54-66 jul.dez.2014. Disponível em:<https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/31>. Acesso em 29.dez.2023

Jornal da família Sarney vai interromper circulação no fim de 2021. **Poder 360**. 22.set.2021. Disponível em : <https://www.poder360.com.br/brasil/jornal-da-familia-sarney-vai-interromper-circulacao-no-fim-de-2021/>. Acesso em 17.ago.2023.

LATOURE, B. **Jamais fomos Modernos**. 4ª edição. São Paulo. Editora 34, 2019.

LEAL, B. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto (orgs.). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013

LEAL, B; MANNA, N; JÁCOME, P. Mudar para permanecer o mesmo: marcas de um discurso de autolegitimação jornalística na história. **Galaxia**. n.34, p.149-162, jan-abr, 2017. Disponível em : <https://doi.org/10.1590/1982-2554201729674>. Acesso em 29.12.2023

LENE, H. **Jornais centenários do Brasil**. Covilhã: LabCom/UBI, 2019.

MATHEUS, L; BARBOSA, M. O Jornal do Brasil e as noções de tempo histórico no fazer jornalístico. **Revista Famecos, Mídia, Cultura e Tecnologia**. Porto Alegre, v. 1, n. 35, 2008. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4101/3101>.

MATHEUS, L. C. Entre progresso e tradição: mediações do passado no Jornal do Commercio e em O Fluminense. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. Pag. 181, 2010. DOI: 10.1590/rbcc.v33i2.599. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/599>. Acesso em: 17 ago. 2023.

MATHEUS, L. Retrospectiva e comemoração: Reflexões sobre os usos do passado. **Comunicação & Sociedade**. Ano 31, n. 53, p. 145-166, jun.2010. Disponível em : <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/937> . Acesso em 17.ago. 2023.

MATTOS, S. **História Brasileira: uma visão econômica social e política**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOTTA, L.G. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 17, p. 1-25, jul/dez. 2007. Disponível em: [www.seer.ufrgs.br/intexto/article/download/3461/4134](http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/download/3461/4134) Acesso em 04.02.2024

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MACHADO, S. **Comunicação e política no Maranhão: as políticas de comunicação do governo Flávio Dino**. 2021. 156 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Mestrado em Comunicação - PPGCOM CCSST (Campus Imperatriz)) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz

Na busca pela renovação Jornal O Estado do Maranhão faz aniversário e reforça espaço na era digital. **O Estado do Maranhão**. São Luís. 30.04.2021. Disponível em: : <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2021/04/30/na-busca-pela-renovacao-jornal-OEstadodoMaranhao-faz-aniversario-e-reforca-espaco-na-era-digital..> Acesso em 30.07.2023

NORA, P. **O retorno do fato**. In: LE GOFF, JACQUES e NORA, PIERRE (orgs.). História: novos problemas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editores Ltda., 1976

O ESTADO DO MARANHÃO É UM PEDAÇO DA HISTÓRIA DA IMPRENSA DO MARANHÃO. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 23.out.2021. Última Edição. Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2021/10/23/o-estado-do-maranhao-e-um-pedacoda-historia-da-imprensa-do-maranhao>.

ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PINTO, P. **Mídia Regional Brasileira: Características dos subsistemas midiáticos das regiões Norte e Sul**. Tese (doutorado) –Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2015. 337 p.

RESENDE, F. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In: SILVA, Gisele et al. (Orgs.). **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Tradução de Claudia Berliner. Tomo II. São Paulo, SP: wmf Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. T. 1. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. A configuração do tempo na narrativa de ficção. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. T. 2. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2010.

RICOUER, P. **Tempo e narrativa**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Tomo III. Campinas, Papyrus, 1997.

RIBEIRO, A. Memória de Jornalista: um estudo sobre o conceito de objetividade nos relatos dos homens de imprensa dos anos 50. Rio de Janeiro: **Compós**, 2002.

SECMA. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da biblioteca pública Benedito Leite: 1821 – 2007**. São Luís: edições SECMA, 2007. ISBN 978-85-7275-003-5

SILVA, S. **Telejornalismo Regional no Maranhão: Rotinas de produção e percepção dos profissionais de comunicação das TV Mirante e TV Difusora**. 2021. 145 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Mestrado em Comunicação - PPGCOM CCSST (Campus Imperatriz)) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz.

SODRÉ, M. Fundação Roberto Marinho: Educação sintonizada com a nova ordem. **Observatório da Imprensa** .nº 132. 1º de agosto de 2011. Disponível em : [observatorio.ultimosegundo.ig.com.br](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br). Acesso em 22. Mai. 2023 .

SOUSA, L.-C. S. C. S.; BENTIVI, Z. JORNALISMO, NARRATIVA E PODER NAS MANCHETES DO JORNAL O ESTADO DO MARANHÃO NOS GOVERNOS DE ROSEANA SARNEY E FLÁVIO DINO. **Revista Observatório** , [S. l.], v. 4, n. 6, p. 322–346, 2018. DOI: 10.20873/uft.24474266.2018v4n6p322. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5611>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SCHUDSON, M. **Descobrimos a notícia**. Petrópolis: Vozes, 2008

VALENTE, J. Regulando desinformação e fake news: um panorama internacional das respostas ao problema. **Comunicação Pública**, v. 14, n. 27, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4000/cp.526227>.

VAN DIJK, A. **Cognição, discurso e interação**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

**Periódicos:**

Jornal do Dia. São Luís, 8 mar. 1953.

O Estado do Maranhão. São Luís, 1º maio 1973

O Estado do Maranhão. São Luís, 1º fev. 2021

O Estado do Maranhão. São Luís. 1º maio .2013

O Estado do Maranhão. São Luís. 23 outubro. 2021

## **ANEXOS**

# ANEXO A



## O ESTADO

Maranhão

62 ANOS

SEXTA-FEIRA, 20 DE MARÇO DE 2020 - MARANHÃO, 10h 21min

PREÇO: R\$ 2,00

### PAPEL CUMPRIDO...

Após 62 anos, *O Estado* encerra suas atividades no formato impresso, consagrada como o principal periódico do Maranhão. Nesta última edição, histórias deste matutino na visão de quem, de alguma forma, em algum tempo, relacionou-se intensamente com ele. Fecha-se um ciclo, abrem-se, todavia, novas possibilidades de bem informar. Com seu conteúdo jornalístico agora incorporado ao *linhante.com*, e assim como as grandes histórias, *O Estado* vira mais uma página...

### ... E SEGUE ADIANTE



#### COLUNA DO SARNEY

##### *O Tempo e o Vento*

**O** Estado sempre foi a sede da imprensa, a sede da cultura, a sede da política, a sede da economia, a sede da educação, a sede da saúde, a sede da justiça, a sede da ciência, a sede da arte, a sede da religião, a sede da moral, a sede da ética, a sede da cidadania, a sede da democracia, a sede da liberdade, a sede da igualdade, a sede da fraternidade, a sede da justiça social, a sede da justiça econômica, a sede da justiça ambiental, a sede da justiça energética, a sede da justiça espacial, a sede da justiça temporal, a sede da justiça universal.

Em 2020, o Estado do Maranhão comemora 62 anos de fundação. Desde sua criação em 1958, o jornal sempre esteve presente na vida do povo maranhense, oferecendo notícias, análises e opiniões sobre os acontecimentos locais, nacionais e internacionais. Com o advento da tecnologia e a transformação digital, o Estado do Maranhão decidiu encerrar suas atividades no formato impresso, migrando todo o seu conteúdo para o site [linhante.com](http://linhante.com). Esta decisão não representa o fim de uma era, mas o início de uma nova fase, onde a qualidade da informação será priorizada e o acesso facilitado para todos os leitores.

O Estado do Maranhão sempre foi um jornal de referência, conhecido por sua imparcialidade e compromisso com a verdade. Sua história é marcada por momentos de grande importância para o desenvolvimento do estado e do país. Desde a luta pela independência do Brasil até a construção da república, o Estado do Maranhão sempre esteve ao lado do povo, denunciando injustiças e defendendo os direitos de todos.

Nesta última edição impressa, o Estado do Maranhão relembra suas histórias mais importantes, desde a fundação do jornal até os dias atuais. É uma oportunidade de refletir sobre o caminho percorrido e o legado deixado por esta instituição. O Estado do Maranhão seguirá existindo e evoluindo, sempre comprometido com a missão de informar e educar o povo maranhense.

Com o *linhante.com*, o Estado do Maranhão oferece uma experiência de leitura mais rica e interativa. Os leitores poderão acessar o conteúdo do jornal em qualquer lugar e a qualquer hora, além de participar de discussões e compartilhar suas opiniões. O compromisso com a qualidade da informação permanece inabalável, e o Estado do Maranhão seguirá sendo uma fonte confiável de notícias e análises para o povo maranhense.

O Estado do Maranhão sempre foi e sempre será um jornal de referência, comprometido com a verdade e a justiça. Sua história é uma lição de perseverança e coragem, e seu legado é um exemplo para todos. O Estado do Maranhão seguirá existindo e evoluindo, sempre comprometido com a missão de informar e educar o povo maranhense.



# ANEXO C

## Fotografado na memória

**A**lém de ser um apaixonado por fotografia, o jornalista também é um apaixonado por memória. É assim que o jornalista da Rádio Jornal, João Paulo, decidiu dedicar-se a registrar momentos importantes da história da cidade de São Paulo. Ele começou a fotografar em 1970, quando se mudou para a cidade e começou a trabalhar na rádio. Desde então, ele tem usado sua câmera para registrar momentos importantes da história da cidade, como a inauguração do Metrô, a construção do Estádio do Morumbi e a chegada do primeiro trem de alta velocidade.



João Paulo, jornalista da Rádio Jornal, fotografando em sua casa.

João Paulo é um homem de poucas palavras, mas suas fotografias contam histórias. Ele começou a fotografar em 1970, quando se mudou para a cidade e começou a trabalhar na rádio. Desde então, ele tem usado sua câmera para registrar momentos importantes da história da cidade, como a inauguração do Metrô, a construção do Estádio do Morumbi e a chegada do primeiro trem de alta velocidade. Ele acredita que a fotografia é uma forma de preservar a memória e de contar histórias que não são escritas nos livros.

## Minha vida em O Estado



Uma jovem jornalista e o jornalista da Rádio Jornal, João Paulo, fotografando em sua casa.

**Q**uando se muda para uma nova cidade, é comum sentir-se deslocado. É assim que a jovem jornalista se sente em São Paulo. Ela chegou à cidade em 2020 e começou a trabalhar na rádio. Desde então, ela tem usado sua câmera para registrar momentos importantes da história da cidade, como a inauguração do Metrô, a construção do Estádio do Morumbi e a chegada do primeiro trem de alta velocidade.

João Paulo é um homem de poucas palavras, mas suas fotografias contam histórias. Ele começou a fotografar em 1970, quando se mudou para a cidade e começou a trabalhar na rádio. Desde então, ele tem usado sua câmera para registrar momentos importantes da história da cidade, como a inauguração do Metrô, a construção do Estádio do Morumbi e a chegada do primeiro trem de alta velocidade.

João Paulo é um homem de poucas palavras, mas suas fotografias contam histórias. Ele começou a fotografar em 1970, quando se mudou para a cidade e começou a trabalhar na rádio. Desde então, ele tem usado sua câmera para registrar momentos importantes da história da cidade, como a inauguração do Metrô, a construção do Estádio do Morumbi e a chegada do primeiro trem de alta velocidade.





# ANEXO F

## “O Estado do Maranhão é um pedaço de...”

Aos 91 anos, José Sarney, um dos fundadores de O Estado, analisa como o jornal

ARQUIVO HISTÓRICO DO IGHG

**U**m grande trabalho preparatório para a publicação de O Estado do Maranhão, em 1961, foi a escolha do nome. O projeto era de uma equipe formada por José Sarney, então governador do estado, e por outros membros da família Sarney, incluindo José Sarney Filho, então deputado estadual. O nome escolhido foi O Estado do Maranhão, em homenagem ao estado brasileiro.

Na época, a imprensa local era formada por jornais como o Diário da Manhã e o Diário da Tarde. O Estado do Maranhão surgiu como uma alternativa para a população maranhense, oferecendo notícias locais e nacionais, além de uma linha editorial independente. O jornal foi fundado em 1961, sob a direção de José Sarney, e desde então tem sido uma das principais fontes de informação para o povo maranhense.

O Estado do Maranhão sempre teve uma linha editorial independente, refletindo a opinião pública local e nacional. O jornal sempre foi conhecido por sua imparcialidade e por oferecer notícias de qualidade. Hoje, O Estado do Maranhão continua a ser uma das principais fontes de informação para o povo maranhense, oferecendo notícias locais e nacionais, além de uma linha editorial independente.

devido ao pioneirismo pelo qual se tornou o primeiro jornal diário do estado. O Estado do Maranhão sempre foi conhecido por sua imparcialidade e por oferecer notícias de qualidade. Hoje, O Estado do Maranhão continua a ser uma das principais fontes de informação para o povo maranhense, oferecendo notícias locais e nacionais, além de uma linha editorial independente.

**Memória**  
Após 50 anos de fundação, o jornal O Estado do Maranhão continua a ser uma das principais fontes de informação para o povo maranhense. O jornal sempre foi conhecido por sua imparcialidade e por oferecer notícias de qualidade. Hoje, O Estado do Maranhão continua a ser uma das principais fontes de informação para o povo maranhense, oferecendo notícias locais e nacionais, além de uma linha editorial independente.

O Estado do Maranhão sempre teve uma linha editorial independente, refletindo a opinião pública local e nacional. O jornal sempre foi conhecido por sua imparcialidade e por oferecer notícias de qualidade. Hoje, O Estado do Maranhão continua a ser uma das principais fontes de informação para o povo maranhense, oferecendo notícias locais e nacionais, além de uma linha editorial independente.



Quando entro no jornal me lembro sempre de ter sido, não era só a parte física que ele tinha, se dedicava, mas, sobretudo, as ideias que ele tinha, que trazia

## ANEXO G

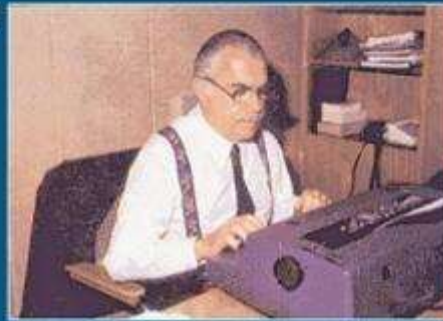
Seitas, 214 2430 4400/4411 | [www.maranhao.com.br](http://www.maranhao.com.br) | Especial | O COTIDIANO DO MARANHÃO 2

# “A história da imprensa do Maranhão”

se consagrou na memória dos maranhenses ao longo de mais de seis décadas



“O jornal não envelhece, ao contrário, moderniza-se e sempre jovem, tem um lugar na memória da sociedade maranhense.”



# Minha vida no jornal O Estado do Maranhão...

A carreira jornalística que escolhi como profissão se confunde com parte da história do próprio veículo, onde comecei como repórter de Cidades, passei pela editoria de Polícia e cheguei à cobertura Política, em que fui repórter, subeditor e editor

MEMÓRIAS JORNALÍSTICAS

**T**udo começou quando me inscrevi no vestibular para a faculdade de jornalismo da Universidade Federal do Maranhão e Foz de Iguaçu, chegou a minha experiência F.M. onde fui repórter, produtor, apresentador, editor e diretor de jornalismo.

A partir de 1975, ingressei no jornal O Estado do Maranhão, após uma entrevista com o então diretor de redação, onde fui contratado para o cargo de repórter.

Além disso, a minha vocação para as áreas de jornalismo acadêmico.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.



Marco D'Elia conversa com os repórteres José Luciano, Jr. e Carla Lima durante a Sabatina O Estado com Rosaura Santos

2006, 2008, 2010, 2012, 2014, 2016, 2018 — sendo eleito para cada tempo o melhor jornalista por parte dos leitores do Povo Maranhão e do Maranhão com o jornalista José Luciano.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.

Desde os primeiros dias de minha vida no jornal — em um período de tempo muito curto — fui contratado para o cargo de repórter, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades, onde fui contratado para o cargo de repórter de Cidades.

## Nova Fase deste jornal

NOVA FASE DO ESTADO

“O Estado do Maranhão” está se renovando e se atualizando para ser um veículo de comunicação de massa, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

Para isso, o jornal está investindo em tecnologia e em recursos humanos, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

Este jornal tem uma longa e rica história, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

Segundo o diretor de redação, o jornal está investindo em tecnologia e em recursos humanos, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

Para isso, o jornal está investindo em tecnologia e em recursos humanos, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

Este jornal tem uma longa e rica história, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

Segundo o diretor de redação, o jornal está investindo em tecnologia e em recursos humanos, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

Para isso, o jornal está investindo em tecnologia e em recursos humanos, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

do em benefício do Estado e da formação jornalística, através de jornais, programas e atividades de caráter educativo e cultural, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

A Comunicação Social é uma atividade essencial para o desenvolvimento do Estado e para a formação do cidadão, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

A comunicação social é uma atividade essencial para o desenvolvimento do Estado e para a formação do cidadão, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

A comunicação social é uma atividade essencial para o desenvolvimento do Estado e para a formação do cidadão, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

A comunicação social é uma atividade essencial para o desenvolvimento do Estado e para a formação do cidadão, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

A comunicação social é uma atividade essencial para o desenvolvimento do Estado e para a formação do cidadão, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

A comunicação social é uma atividade essencial para o desenvolvimento do Estado e para a formação do cidadão, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

A comunicação social é uma atividade essencial para o desenvolvimento do Estado e para a formação do cidadão, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

A comunicação social é uma atividade essencial para o desenvolvimento do Estado e para a formação do cidadão, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.

A comunicação social é uma atividade essencial para o desenvolvimento do Estado e para a formação do cidadão, com o objetivo de oferecer ao leitor uma informação mais completa e atualizada.



José Carlos Sales Silva colabora por muitos anos com o jornal O Estado

Advogada, jornalista e professora universitária, membro da Academia Maranhense de Letras. E-mail: jcs@oestado.com.br

# Minha vida no jornal O Estado do Maranhão...

A carreira jornalística que escolhi como profissão se confunde com parte da história do próprio veículo, onde comecei como repórter de Cidades, passei pela editoria de Política e cheguei à cobertura Política, em que fui repórter, subeditor e editor

ALVARO SANTOS/CPA

**T**udo começou com uma paixão pela escrita e a busca por uma profissão. Em 1982, como estudante de economia na Faculdade de Economia do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), cheguei à revista *Imprensa FM*, onde fui repórter, produtor, apresentador, editor e diretor de redação.

A partir de 1985, ingressei no jornal *O Estado do Maranhão*, que achava era um veículo público e me oferecia melhores condições de trabalho que o mercado de trabalho privado para os jornais locais.

Para ser repórter de Cidades precisava escrever, mas não tinha jornal — uma reportagem sobre um acidente de trânsito foi a única que publiquei naquela época. Conheci o veículo — acabei trabalhando de segunda-feira de primeira página do *O Estado* em 12 de julho de 1985.

Na época, não havia nenhuma carreira jornalística em nenhuma outra publicação local. Quando me inscrevi para trabalhar em uma das redações locais, como Carlos Lopes, Sérgio Carralho, Rivaldo Barbo, Roberto Marinho Júnior, entre outros, fui contratado como jornalista, passando por uma seleção pública para trabalhar.

Quando me inscrevi para trabalhar no *O Estado*, fui contratado em um cargo que não tinha nome definido, mas que era considerado como um cargo de jornalista. Comecei a trabalhar no jornal em 1985, em um cargo que não tinha nome definido, mas que era considerado como um cargo de jornalista.



Mercado O'Gua conversa com os repórteres José Lemos, Jr. e Carlos Lima durante a Sabatina O'Gua com Rosana Siqueira

2006, 2008, 2010, 2012, 2014, 2016, 2018 — sempre cumprindo com meu tempo e sendo publicado por um veículo público. Não foi possível trabalhar em uma empresa privada, pois não havia condições de trabalho que me dessem o mesmo nível de liberdade que eu tinha no *O Estado*.

Quando me inscrevi para trabalhar no *O Estado*, fui contratado em um cargo que não tinha nome definido, mas que era considerado como um cargo de jornalista.

Quando me inscrevi para trabalhar no *O Estado*, fui contratado em um cargo que não tinha nome definido, mas que era considerado como um cargo de jornalista.

2006, 2008, 2010, 2012, 2014, 2016, 2018 — sempre cumprindo com meu tempo e sendo publicado por um veículo público. Não foi possível trabalhar em uma empresa privada, pois não havia condições de trabalho que me dessem o mesmo nível de liberdade que eu tinha no *O Estado*.

Quando me inscrevi para trabalhar no *O Estado*, fui contratado em um cargo que não tinha nome definido, mas que era considerado como um cargo de jornalista.

Quando me inscrevi para trabalhar no *O Estado*, fui contratado em um cargo que não tinha nome definido, mas que era considerado como um cargo de jornalista.

Quando me inscrevi para trabalhar no *O Estado*, fui contratado em um cargo que não tinha nome definido, mas que era considerado como um cargo de jornalista.

Quando me inscrevi para trabalhar no *O Estado*, fui contratado em um cargo que não tinha nome definido, mas que era considerado como um cargo de jornalista.

Quando me inscrevi para trabalhar no *O Estado*, fui contratado em um cargo que não tinha nome definido, mas que era considerado como um cargo de jornalista.

Quando me inscrevi para trabalhar no *O Estado*, fui contratado em um cargo que não tinha nome definido, mas que era considerado como um cargo de jornalista.

Quando me inscrevi para trabalhar no *O Estado*, fui contratado em um cargo que não tinha nome definido, mas que era considerado como um cargo de jornalista.

Quando me inscrevi para trabalhar no *O Estado*, fui contratado em um cargo que não tinha nome definido, mas que era considerado como um cargo de jornalista.

## Nova Fase deste jornal

JOÃO CARLOS SOUSA SENA

**“O** Estado do Maranhão” está se renovando. Isso precisa acontecer para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Para isso, precisamos fazer mudanças estruturais e operacionais que garantam a sustentabilidade do veículo.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.

Essas mudanças são necessárias para que o jornal continue a ser um veículo de referência e qualidade para o leitor.



João Carlos Sousa Sena celebra por muitos anos de estilo e sucesso do O Estado

Advogado, jornalista e professor universitário, membro da Academia Maranhense de Letras. E-mail: joao@cpa.com.br



# A última edição

de 100 mil exemplares

A última edição da revista *O Estado do Maranhão* poderá ser vista em uma grande variedade de pontos de venda em todo o Brasil. A publicação, que tem 100 mil exemplares, será distribuída em todo o país por meio de uma rede de distribuição que inclui lojas de conveniência, supermercados, livrarias e outras lojas de varejo. A distribuição será feita por meio de uma rede de distribuição que inclui lojas de conveniência, supermercados, livrarias e outras lojas de varejo.



Representante do Estado em evento recente de comemoração pelo aniversário de 100 anos da publicação.



Representante do Estado em evento recente de comemoração pelo aniversário de 100 anos da publicação.

Além disso, a revista também será distribuída em pontos de venda em todo o Brasil. A publicação, que tem 100 mil exemplares, será distribuída em todo o país por meio de uma rede de distribuição que inclui lojas de conveniência, supermercados, livrarias e outras lojas de varejo. A distribuição será feita por meio de uma rede de distribuição que inclui lojas de conveniência, supermercados, livrarias e outras lojas de varejo.

Além disso, a revista também será distribuída em pontos de venda em todo o Brasil. A publicação, que tem 100 mil exemplares, será distribuída em todo o país por meio de uma rede de distribuição que inclui lojas de conveniência, supermercados, livrarias e outras lojas de varejo. A distribuição será feita por meio de uma rede de distribuição que inclui lojas de conveniência, supermercados, livrarias e outras lojas de varejo.

Além disso, a revista também será distribuída em pontos de venda em todo o Brasil. A publicação, que tem 100 mil exemplares, será distribuída em todo o país por meio de uma rede de distribuição que inclui lojas de conveniência, supermercados, livrarias e outras lojas de varejo. A distribuição será feita por meio de uma rede de distribuição que inclui lojas de conveniência, supermercados, livrarias e outras lojas de varejo.

# Obrigada!



Estimada leitora

Queremos agradecer a todos os leitores que nos acompanham desde a primeira edição. Sua presença nos dá força e motivação para continuar produzindo conteúdo de qualidade para todos os maranhenses.

Desde a primeira edição, nossa missão é trazer informações relevantes e atualizadas para o nosso público. Estamos comprometidos com a transparência e a honestidade em todas as nossas reportagens.

# O Estado: gratidão e saúde

Queremos agradecer a todos os leitores que nos acompanham desde a primeira edição. Sua presença nos dá força e motivação para continuar produzindo conteúdo de qualidade para todos os maranhenses.



Estimado leitor

Desde a primeira edição, nossa missão é trazer informações relevantes e atualizadas para o nosso público. Estamos comprometidos com a transparência e a honestidade em todas as nossas reportagens.

Desde a primeira edição, nossa missão é trazer informações relevantes e atualizadas para o nosso público. Estamos comprometidos com a transparência e a honestidade em todas as nossas reportagens.



# ANEXO N

## Entrevista Roseana Sarney

# “Nós, que somos de uma geração mais acostumada com as mídias tradicionais, vamos sentir muito”, diz Roseana

Ex-governadora Roseana Sarney diz que O Estado revolucionou na área do jornal impresso e que o papel do matutino foi cumprido

**A** ex-governadora Roseana Sarney (MDB) tem uma trajetória política que foi marcante em seu governo no Estado. De deputada federal, ex-secretária de Infraestrutura e secretaria de Educação. Ela sempre esteve atuando no cenário político.

Após o encerramento da política no governo do atual governador, ela se dedicou ao papel de blogueira e ao trabalho de consultoria para empresas e instituições. Ela também atua no setor de educação e no setor de saúde.

Em entrevista ao Estado, ela falou sobre sua trajetória política e sua atuação no cenário político do Maranhão.

**A senhora tem uma trajetória política que o jornal O Estado do Maranhão acompanhou bem de perto. De deputada, a governadora e também secretária. O que a senhora acha importante de seu percurso nas atividades de O Estado?**

“Sim, que sempre da minha geração, assim como a minha geração, tivemos um papel muito importante. O Estado revolucionou a maneira de fazer o jornalismo. Hoje em dia, a imprensa tem um papel muito importante e vai continuar a ter um papel muito importante no futuro. O Estado sempre foi um jornal muito importante e vai continuar a ser um jornal muito importante no futuro.”

**A comunicação mudou com a internet, que facilitou o acesso à informação. A senhora acha que a preocupação de sua geração com a credibilidade da informação?**

“A internet e a rede social trouxe uma revolução na maneira de fazer o jornalismo. Hoje em dia, a imprensa tem um papel muito importante e vai continuar a ter um papel muito importante no futuro.”



Roseana Sarney fala sobre a importância de O Estado ao longo de 42 anos de história no jornalismo maranhense.

em informações. Hoje em dia, a internet trouxe uma revolução na maneira de fazer o jornalismo. Hoje em dia, a imprensa tem um papel muito importante e vai continuar a ter um papel muito importante no futuro.”

“Sim, a internet trouxe uma revolução na maneira de fazer o jornalismo. Hoje em dia, a imprensa tem um papel muito importante e vai continuar a ter um papel muito importante no futuro.”

“A internet e a rede social trouxe uma revolução na maneira de fazer o jornalismo. Hoje em dia, a imprensa tem um papel muito importante e vai continuar a ter um papel muito importante no futuro.”

# Uma trajetória em papel jornal

1946-2021

**D**epois de mais de 75 anos de existência, o jornal O Estado do Maranhão nasceu em 17 de janeiro de 1946, substituindo o Maranhão e Ilhéus, fundado em 1910. O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.



José Meira foi colaborador de O Estado por mais de duas décadas.

Meira, 72 anos, nasceu em São Luís, Maranhão. Ele trabalhou no jornal O Estado por mais de duas décadas. Ele trabalhou no jornal O Estado por mais de duas décadas. Ele trabalhou no jornal O Estado por mais de duas décadas.

Meira trabalhou no jornal O Estado por mais de duas décadas. Ele trabalhou no jornal O Estado por mais de duas décadas. Ele trabalhou no jornal O Estado por mais de duas décadas.

“O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.”

No dia 17 de janeiro de 1946, um sábado, nasceu o jornal O Estado do Maranhão. Ele nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

Ele nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.

O jornal nasceu em um momento histórico muito importante para o Maranhão e para o Brasil. Ele nasceu em um momento de grande transformação social e política. O jornal nasceu em um momento de grande transformação social e política.



## ANEXO P

### **Na busca pela renovação Jornal O Estado do Maranhão faz aniversário e reforça espaço na era digital**

Edição Comemorativa 30/04/2015

O jornal O Estado do Maranhão celebra hoje 56 anos de existência e, mais uma vez, prova que está na dianteira quando o assunto é renovação. Dando continuidade a uma história pautada na busca pela melhor forma de noticiar, o jornal brinda hoje os seus leitores com um novo site, uma ferramenta que consolida, definitivamente, o ingresso do matutino na era da integração midiática. O novo site traz para o leitor a possibilidade de se comunicar melhor com o veículo, por meio de uma linguagem gráfica moderna, além de um conteúdo atualizado com maior frequência. “Hoje o nosso jornal começa com as notícias online, é o site que dá a direção que será seguida pelo impresso que estará nas bancas no dia seguinte”, destaca o Diretor de Redação de O Estado, Clóvis Cabalau. A interação entre os dois suportes, o papel e o digital, se consolidou ano passado. “Hoje os dois são uma coisa só, um complementa o outro seguindo uma tendência que é uma via de mão dupla na qual o impresso reforça o digital e vice-versa”, frisa Cabalau.

Para o diretor executivo de O Estado do Maranhão, Marcus Sarney, o jornal acompanha as mudanças impostas pelo mercado editorial nacional e marca, com o site, um novo momento da empresa. “O nosso grande desafio é fazer com que o nosso leitor, que é fiel ao jornal impresso, também possa contar com o digital. Ao mesmo tempo, fazer com que este leitor mais jovem também desenvolva o hábito de ler jornal impresso, ressaltando que a partir de agora, o jornal O Estado estará à disposição do leitor 24 horas”, destaca Marcus Sarney.

A gerente de conteúdo do Portal Imirante.com, Maria Fernanda Santos, observa que o novo site é uma ferramenta que possibilitará ao leitor ter sempre

à mão a informação em tempo real. “O assinante de O Estado não vai contar apenas com o noticiário do impresso, mas poderá ter acesso a uma informação de credibilidade na hora que desejar, por meio de qualquer dispositivo como o computador, celular, tablet”, ressalta Maria Fernanda. (...) o jornal começa com as notícias online, o site que dá a direção que será seguida pelo impresso que estará nas bancas no dia seguinte Clóvis Cabalau, diretor de redação de O Estado Neste novo momento, o jornal impresso tem se diferenciado, aprofundando e repercutindo o factual, que é noticiado na versão digital no momento em que acontece. “Nosso processo é diferente do que se costuma fazer quando se fala apenas em jornalismo digital.

No nosso caso, o processo tem de ser ‘casado’, ou seja, temos de pensar em como trabalhar a informação para os dois suportes, de forma diferenciada”, diz o editor de Mídias de O Estado, Adriano Martins. Redação – E para que o leitor possa ter acesso a esta informação em tempo real, a Redação de O Estado também passou por mudanças. Uma delas foi a criação da editoria de Mídias, que atua em conjunto com repórteres e editores, a fim de dar à notícia o tratamento multimídia.

A editoria também atua como elo entre os demais veículos do Grupo Mirante. “Com a mudança de layout e mesmo a forma de fazer jornalismo, a interação com os leitores ficará mais dinâmica, usando como suporte ferramentas como as redes sociais. Hoje, não basta apenas ir à banca de jornal. As pessoas querem expor suas opiniões e O Estado dará voz a elas de maneira simples e eficaz”, reforça a editora de Mídias, Thamirys D’Eça. E este ‘casamento’ pode ser percebido também por meio da linguagem visual dos dois veículos.

Para tanto, foi contratada a empresa de design Cases e Associados, a mesma que promoveu a última grande reforma gráfica ocorrida em 2009, quando jornal celebrou 50 anos de fundação. A gerente de projeto Laura Brentano, da Cases e Associados, explica que o novo site é mais propício à navegação, que será feita de forma verticalizada. “O projeto incorpora novidades muito utilizadas em web massivas, como Facebook. “Um exemplo é scroll inteligente. Dentro do

site também encontramos muitos tipos de informação e elementos, notícias mais leves como é o caso da coluna central na home, mas o layout sempre mantém a delicadeza. Para se chegar a isso, se respeita os brancos e os blocos de informação, que marcam claramente as zonas informativas dentro do site e para orientar o usuário”, frisa. As notícias serão divididas em três colunas, sendo que a da esquerda será destinada aos factuais, às notícias mais quentes, de última hora. Já a do meio será mais leve, com informações sobre cultura, esportes, entretenimento. A da direita guardará espaço para informações voltadas a serviços como previsão do tempo. É aí que ficará também a edição impressa do jornal, bem, como um quadro com as notícias mais lidas. A mudança gráfica também chegará, em breve, às páginas do impresso. Ainda no mês de aniversário, O Estado inaugurará as modificações em seu projeto gráfico, a exemplo do logotipo, bem como a renovação de seu Parque Gráfico.

## ANEXO Q

### Edição Comemorativa 2018

Há 59 anos na vanguarda da notícia Divisor de águas na imprensa maranhense, o jornal O Estado do Maranhão, fundado por José Sarney e Bandeira Tribuzi, tem como uma de suas principais características a constante renovação.

SÃO LUÍS- O jornal O Estado do Maranhão está sempre se renovando, seja na edição impressa, seja na digital. Por isto mesmo, o periódico, que celebra hoje 59 anos, tem ofertado aos seus leitores conteúdos diferenciados, segmentados em editorias específicas. Este ano, duas estreias marcaram as páginas do matutino: a coluna “Tática e Números”, que faz uma análise dos times de futebol maranhenses e “Empreendendo com Moacir Sidou”, que, como o nome diz, aborda questões ligadas ao mundo empresarial local.

Com periodicidade semanal, a coluna “Tática e Números”, assinada pelo articulista Bruno Alves, apresenta aos leitores de O Estado um diferencial no esporte local. “Como nome já deixa bem claro, a coluna surgiu com a ideia de explorar detalhes mais específicos dos jogos, aquelas informações que geralmente não se encontram nas reportagens sobre as partidas em si”, destaca o editor de Esporte do jornal, Eduardo Lindoso.

Publicada às terças-feiras no caderno de Esportes, a coluna, nas palavras de Bruno Alves, se destaca por apresentar uma visão diferente em relação às demais. “Trabalhamos com a análise tática, mostrando ao leitor como se comportam os times maranhenses e traduzindo isto para o torcedor. Além disto, abordamos curiosidades e números a partir do uso de elementos gráficos visuais”, pontua Bruno Alves. A coluna esportiva se detém às equipes de futebol do Maranhão. Para que a leitura seja mais clara, o articulista usa, na maioria das edições, uma reprodução de um campo de futebol para colocar as disposições

táticas das equipes. Tabelas e confrontos futuros dessas equipes também fazem parte do conteúdo.

Outra novidade que figura nas páginas de O Estado é a coluna “Empreendendo com Moacir Sidou”, publicada também às terças-feiras na editoria de Economia do matutino. A proposta é abordar os aspectos da administração no dia a dia de uma empresa, trazendo para a realidade econômica do Maranhão, de forma clara e objetiva. Assinada pelo economista Moacir Othon Sidou, consultor financeiro e de marketing, a coluna traz, em linguagem clara, informações do que está acontecendo e o que vai acontecer no setor econômico local a partir da análise do articulista que em alguns momentos, utiliza de situações cotidianas para apresentar questões relacionadas a mercado e ferramentas de marketing. Moacir Othon Sidou é escritor, palestrante, trainer, consultor empresarial com especialização em negociações de dívidas, sendo autor dos livros “Como Negociar Sem Dinheiro” e “Questione sua Gestão e Transforme Seu Negócio em uma Potência”. É também desenvolvedor do método de gestão empresarial SIG, “Sistema de Impacto Na Gestão” e o método de treinamento para vendedores de baixo desempenho, CSP, “Coach Sales Performance”.

Ainda com a intenção de brindar seus leitores com a informação de qualidade, O Estado publica, desde o ano passado, as colunas do jornalista Oton Lima, “Tapete Vermelho”, assinada pelo jornalista Evandro Júnior, e “Vida Ciência”, que tem como consultor o físico e professor Antonio José Silva Oliveira. Voltada para o colunismo social e variedades, o espaço assinado por Oton Lima constrói um diálogo entre o impresso e as redes sociais. De periodicidade de terça ao fim de semana, a coluna é publicada no caderno Alternativo. Já a “Tapete Vermelho” chega aos leitores na edição de fim de semana, como espaço contemplando a pluralidade de notícias e variedades. A coluna “Vida Ciência” tem periodicidade mensal e figura na editoria Vida. O consultor científico é o físico e professor do Departamento de Física da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Antonio José Silva Oliveira. No espaço assuntos como curiosidades, informações e significado de conceitos da ciência, além da publicação de um artigo científico em linguagem adequada ao grande público.

## **ANEXO R**

**Thiago Bastos**

**Edição Comemorativa O Estado 01/05/2021**

Leitores antigos e mais novos do melhor conteúdo: A apuração, a melhor foto e texto preciso são detalhes pensados na construção da informação visando o leitor.

São Luís - A razão de viver do jornal O Estado do Maranhão foi e sempre será o compromisso com o seu leitor. É através de quem lê ou acessa as plataformas da marca que O Estado se mantém à frente da agenda pública e como gerador de pautas diárias de notícia. A apuração, a discussão sobre a melhor forma de posicionamento de fotos, a melhor frase, o texto mais preciso são detalhes pensados visando o cliente ou o ente final do processo de construção da informação: o leitor. A ele ou ela dedica-se horas e mais horas de trabalho, objetivando a produção da edição que vai às bancas ou ao ar nas redes específicas no dia seguinte. Seu Manoel Fonseca, de 82 anos, foi por muitos anos professor universitário e atualmente é morador do João Paulo onde divide o lar com a esposa, dona Enilde. Ele representa gente simples, que busca informação de qualidade e se orgulha de ler as páginas de O Estado Maranhão desde o início da década de 1970. “Eu busco sempre onde está a melhor informação, e para mim está nas páginas de O Estado. É um orgulho muito grande neste momento tão singelo ser lembrado pelo jornal que consumo todos os dias”, afirmou. Já a jovem Nathalia Licya Nunes recentemente decidiu ligar o seu nome à marca de O Estado, em especial devido à assinatura digital. O conteúdo, compartilhado nas redes (Instagram, Twitter) e ainda em

oestadoma.com é consumido pela jovem. “Leio O Estado, pois sei que lá estará a informação precisa e de qualidade. E ainda em tempos de fake news, é fundamental que nós nos informemos com quem preza por isso”, afirmou.

**Edições atuais e o futuro:** A fim de reduzir a presença de pessoas da equipe na Redação, o jornal impresso está circulando com apenas um caderno, exceto em edições especiais e aos fins de semana. A edição de sábado/domingo circula atualmente com três cadernos, incluindo a Revista PH. Com a redução do noticiário impresso, o conteúdo digital foi reforçado, incluindo maior movimentação das redes sociais e mais conteúdo no site de O Estado.

Recentemente, O Estado acrescentou em seu cartel de produções os programas Giro Político (outro podcast semanal que aborda tema de interesse político e social) e o Cartas na Mesa, projeto em parceria com o portal Imirante.com e cuja exibição ocorre às sextas-feiras, com posterior compartilhamento nas plataformas de O Estado. Nas próximas semanas, será entregue aos leitores e internautas, em especial do ramo do esporte, o podcast “Prorrogação”. Idealizado pela editoria de Esportes de O Estado, o programa também debaterá uma vez por semana assuntos atemporais ligados às diversas modalidades esportivas, em especial o futebol.

### **Últimos anos**

**2007** O Jornal O Estado otimiza-se com a pré-impressão através da aquisição de um CTP (Computer-to-Plate, ou computador para chapa). Com ele, as chapas matizes passam a ser geradas diretamente no arquivo digital, sem a necessidade da produção de um intermediário (fotolito);

**2009** Reformas no projeto gráfico do jornal quanto ao parque gráfico, com aumento de 219 para 354 metros quadrados; 2015 Inauguração de novo site, incorporado de vez o jornal à era digital;

**2016** Seguindo uma tendência do mercado nacional, O Estado lança em março deste ano a superedição de fim de semana e consolida a integração multimídia, sendo pioneiro no Maranhão;

**2017** Novo layout para o site e estreia de novas colunas;

**2018** Estreia de Liga O Estado e novos programas voltados para as eleições do referido ano;

**2020/2021** Estreiam novos programas, como A Ronda, Abordagem, Politicast, Cartas na Mesa, Giro Político e, em breve, o Prorrogação (podcast de Esportes)

## **ANEXO S**

**Thiago Bastos.**

### **01/05/2021- Edição Comemorativa**

Um jornal que faz parte do cotidiano: mudanças e atual conjectura de O Estado Profissionais comprometidos e competentes foram marcantes na história e consolidaram, com suas dedicações, a marca de um jornal que se reinventa, sendo referência como o mais importante da imprensa maranhense.

São Luís - O jornal que é “resultado da união das inteligências e das culturas dos seus Fundadores Doutores Bandeira Tribuzi e José Sarney, que são conhecidos e aplaudidos pelo povo”, como cita José Carlos Sousa Silva. Uma síntese ideal da história e marca de O Estado Maranhão nestes 62 anos. O resultado da antevisão da parceria Sarney/Tribuzi foi a construção do jornal mais importante da imprensa maranhense. José Sarney e Bandeira Tribuzi não foram os únicos responsáveis pela consolidação da marca e crescimento de O Estado perante os seus leitores.

É preciso que, em uma data tão importante, outras pessoas sejam lembradas, como Biné (diretor-administrativo e comercial) Chagas (economista), Pedro Costa, Ivan Sarney, o cronista Neiva, Jomar Moraes, Evandro Sarney, Lucy Teixeira, Josué Montello, José Louzeiro, Madeira, Pergentino Holanda, Ubiratan Teixeira e tantos outros (mais recentemente Décio Sá, que carregou o selo da credibilidade profissional e do jornal e que fora brutalmente assassinado em 2012).

Tantos outros nomes foram marcantes e consolidaram, com suas dedicações, a marca de um jornal que se reinventa. Pessoas como Cordeiro Filho, José Ribamar Cardoso (profissional que exerceu diversas funções, desde diagramador à colunista, passando por fotógrafo à repórter e, mais recentemente, editor de Polícia), Fernando Almeida, José Carlos Sousa Silva, Alfredo Menezes (uma das tantas vítimas da Covid-19 que faleceu em junho de 2020 e grande nome representativo em especial do esporte amador) e Edivan

Fonseca também fizeram parte desta história. Outros menos conhecidos como Joina, Martins, Edson Cantanhede, Salim, Geiza representam àqueles que fizeram um dia ou fazem parte de um setor que cuida dos mínimos detalhes: desde a revisão, passando pela formatação na página à revisão final. E quem passou não se esquece dos bons tempos, como Ironara, Érika, Flávia Lopes, Sílvia Moscoso, Rubenita, Poliana, André, Jock, Thamirys, Yane, Roberta Gomes, Itevaldo, Marco d'Eça, Saulo Mclean, Cezar Scanssette, Wilson Lima e Leandro Santos. A marca do jornal é daquele que se adapta aos tempos modernos, que aprecia a arte de leitores que, há décadas, se sentam em suas salas ou cadeiras para, matinalmente, degustarem um bom conteúdo. O exemplo era, sem dúvida, o querido “Seu Braga”, outra vítima da Covid-19 e que faleceu no início deste mês. Morador do Apeadouro, “Seu Braga” – figura conhecida do cotidiano – tinha 87 anos e se sentava confortavelmente em sua cadeira de “macarrão” para ler as páginas de O Estado.

A atual equipe também conduz com empenho, dedicação e, principalmente, compromisso com a informação mais apurada e abrangente. Casos de Clóvis Cabalau, Selma Figueiredo, Ademir Santos, Daniel Matos, Mário Reis (neste momento, o “decano” da redação) Bruna Castelo Branco, Eduardo Lindoso, Márcio Henrique, Evandro Júnior, Carla Lima, Gilberto Léda, Ronaldo Rocha, Socorro, Ismael Araújo, Ribamar Cunha, Ana Coaracy, Thiago Bastos, Zé Filho, Wellington, Étia Vale e a geração ainda mais jovem, representada por Kethlen Mata e Bárbara Lauria, que se somaram com competência aos mais antigos colaboradores. E ainda não se deve esquecer da empenhada equipe comercial, capitaneada pela profissional respeitada Madelon Araújo e dos Classificados. Os registros fotográficos e históricos de O Estado estão (ou estiveram) a cargo de nomes como Baêta, Salomão, Biné Morais, Douglas Jr, Biaman Prado, De Jesus, Paulo Soares, Diego Chaves (como estagiário), Seu Cardoso e Flora Dolores (secretária e fotógrafa), sendo esta última uma das poucas mulheres a exercerem a função de repórter fotográfica na imprensa maranhense.

Essência do jornalismo e do colunismo foi na noite de 1º de maio em que a marca de O Estado Maranhão foi formalmente criada, pela visão de Sarney e Tribuzi. Em paralelo, o colunismo social também ganhou a marca e ligou seu nome ao de Pergentino Holanda que, nos dias atuais, ainda brinda leitores

diariamente com sua coluna e, nos fins de semana, com a revista conhecida pela sociedade maranhense. Pergentino Holanda lembrou a ligação de seu nome com o do principal periódico maranhense. “Antes deste casamento que perdura até os dias atuais, já estava com o caminho trilhado no colunismo por intermédio de Gerd e Lourdes Tajra, a quem sou grato profundamente. Ligar o meu nome com o de O Estado é motivo de grande orgulho, pelas histórias vividas e, ainda que tenha sido uma história marcada em alguns momentos por separações, na prática, é um amor que jamais se perderá”, disse. Pergentino, durante a produção de mais um de seus cadernos de fim de semana, lembrou o papel do veículo no trato com a comunicação e, principalmente, no contexto social. “Com a inclusão das impressoras off-set, o jornal alavancou seu nome, ganhou alcance. Foi um marco para o veículo e para nosso caderno que sempre carregou o selo de ser um suplemento social para este importante jornal”, disse. Desde 1979... O considerado “decano” neste momento da Redação de O Estado é o jornalista Mário Reis. Vinculado ao quadro de funcionários desde 1979, a convite do então secretário de Redação, jornalista Coelho Neto. Até então, a maioria dos jornalistas, com raras exceções, não tinha formação acadêmica, embora demonstrasse aptidão pelos textos. Mário Reis, que atualmente fecha o Caderno Geral de O Estado, lembra o período em que chegou para a redação. “Foi um choque. Cheguei no momento em que estava surgindo o novo jornalista e o novo jornalismo”, disse. A visão acadêmica, com jornalismo mais opinativo, deu lugar a uma linguagem mais direta e objetiva. O jornalista passou pelo veículo durante a década de 1980, em um período marcado por matérias mais curtas, com destaque para cadernos especializados. “Tenho muito orgulho de fazer parte desta história, sem dúvida. Parabéns pelos 62 anos e fico feliz de estar neste veículo que me formou como pessoa”, disse Reis.

## **ANEXO T**

**Thiago Bastos.**

**Edição Comemorativa 01/05/2021**

O Estado: o jornal que mudou sua forma, sem perder a credibilidade com a mesma precisão no trato e cuidado com as informações, carregando o peso da tradição do jornalismo de excelência, periódico "sopra mais uma velinha" e completa 62 anos, ainda no cotidiano maranhense.

São Luís - Na era das redes sociais (que vieram para consolidarem-se em nossa rotina) e das avançadas tecnologias, os tradicionais veículos de comunicação precisaram se reinventar. Porém, sem perder a essência do bom trato com a informação, carregando o peso do jornalismo de excelência. O jornal O Estado do Maranhão - ou O Estado, como é conhecido popularmente - que, neste sábado (1º de maio) completa 62 anos de história "sopra mais uma velinha" ainda no cotidiano das pessoas. Devido às novas plataformas de acesso à informação, o jornal mudou (e muda a cada dia) sua roupagem e a "cara" da empresa, ou seja, sua versão impressa migrou para outros dispositivos (tablets, celulares, e outros...). A idade longa do jornal – que cobriu e cobre fatos históricos da vida dos maranhenses e de outras partes do Brasil e do mundo (como a pandemia do coronavírus) – fez com que o trato entre leitor (a) mudasse, porém sem perder a sua essência: a leitura matinal e contínua em outros períodos do dia (seja pela versão digital, pela própria boa e velha versão impressa ou ainda pelo site oestadoma.com). Por meio do jornaleiro, do dono da banca de revista, pelo motoqueiro que ainda transporta jornal para a casa dos assinantes, o periódico ainda está sim no cotidiano, ainda que com a concorrência (em muitos aspectos ocorrendo de forma desleal) de outras

ferramentas de divulgação de informações mais portáteis. Nestes 62 anos, é sempre importante que o (a) leitor ou internauta rememore como tudo começou. Quem foram personagens mais importantes, quem são os atuais colaboradores (dos mais velhos aos mais jovens) e, principalmente, de que forma o jornal se molda para se adaptar aos tempos modernos em que, apesar do espaço dado a blogs e outras ferramentas, pode democratizar uma posição especial a um dos jornais mais importantes da comunicação local. Um “órgão a serviço da verdade”

Nas últimas seis décadas e dois anos, a história do Maranhão foi registrada por O Estado, veículo de comunicação que se tornou divisor de águas na história da imprensa local. Desde quando surgiu, a proposta era única: ou seja, de ser um “órgão a serviço da verdade”, conforme afirmado pelo texto publicado em sua primeira edição. Fundado em 1º de maio de 1959 pelo empresário e político Alberto Aboud, O Estado nasceu a partir do antigo Jornal do Dia. No mesmo ano, a empresa Jaguar Ltda. - com antigas instalações na Rua de Santana (Centro) - passou a editar o Jornal do Dia, sob o comando de Walbert Pinheiro. A mudança para o nome de O Estado do Maranhão ocorreu em 1973, em uma iniciativa do então governador José Sarney e do poeta Bandeira Tribuzi, que assumiram o comando do periódico.

A garantia de que a parceria Sarney/Tribuzi seria imprescindível ao jornal O Estado veio à luz em período posterior à luta pela permanência do vitorinismo no Maranhão. No período em que há a mudança de nome e de concepção da direção do periódico, há ainda a alteração do endereço (do Centro para a atual sede, na Avenida Ana Jansen, no bairro São Francisco). A substituição de nome coincidiu ainda com a primeira reforma gráfica e editorial do periódico, propiciada pela introdução das máquinas rotativas off-set e do sistema conhecido na ocasião como o de composição eletrônica. O avanço modernizou a impressão e acelerou a tiragem do jornal, já que anteriormente o processo era praticamente artesanal e a impressão era feita com placas de chumbo quente. “O jornal O Estado estava inserido em nossa vontade de criar um amplo projeto comercial compatível com a transformação a que se submetia o Maranhão, que recebia indústrias e construía estradas, consolidando o seu crescimento. Era o momento ainda da São Luís/Teresina e erguimento do Porto do Itaqui. O jornal se lançou ainda como questionador, tanto que o primeiro editorial reivindicava a inclusão

de uma universidade, até então inexistente no Maranhão”, frisou o fundador e ex-presidente da República, José Sarney.